



MEMÓRIA de ITAJUBÁ  
e da  
OBRA de THEODOMIRO

A GUERRA E A PAZ  
de FONTANE

por  
Francisco José Villela Pinto  
Cláudio José Barbosa Vander Velden



A Pedra e a Fonte  
documento de recuperação da  
memória iconográfica de Itajubá  
e da obra de Theodomiro Carneiro Santiago  
editado pela

Reunião Assessoria Editorial  
foi viabilizado graças à colaboração da  
família do major Pereira  
nas pessoas de

Carlos Silva Pereira  
Adolpho Pereira Filho

MEMÓRIA de ITAJUBÁ  
e da  
OBRA de THEODOMIRO



por  
Francisco José Villela Pinto  
Cláudio José Barbosa Vander Velden

Editado com a participação da  
Escola Federal de Engenharia de Itajubá  
nas pessoas de

Fredmarck Gonçalves Leão, diretor-geral  
José Carlos Goulart de Siqueira, vice-diretor  
Francisco de Assis Ferreira, chefe de Gabinete

e da Fundação Theodomiro Santiago  
nas pessoas de

Fernando José Costanti, presidente  
José Fernando Grassi Bissacot,  
superintendente

Opéra, *x. f. Cic. a obra, o trabalho, a ocupação, indústria de quem trabalha por jornal, ou sem elle. Her o jornalheiro, o que trabalha por jornal. Col. o trabalho do jornalista em hum dia. Versus nimium celeris operæ: Hor. versos feitos muito á pressa. Illius operâ vivo: Ter. vivo por industria d'elle. Operam dare alicui rei: Cic. applicar-se, ou trabalhar em alguma cousa. Ludere: Ter. trabalhar debalde. Operam dare valetudini: Cic. ter cuidado da saude. Paulum da mihi operæ: Ter. assiste-me hum pouco. Deditâ, ou datâ operâ: Cic. de proposito, acinte. Non est operâ mihi: Liv. não tenho vagar. Opera est mihi: Plin. estou occupado. Dare operas alicui: Plaut. servir a alguém. Pauper, cui opera vita erat: Ter. pobre que vivia do seu trabalho. Justam operam reddere: Cic. merecer o jornal. Operæ Clodianæ: Cic. os belliguins, e gente vil, de quem se servia Clodio para perturbar a Republica. Operæ pretium facere: Plaut. fazer cousa util, de que se espera fruto, ou premio. Operâ mea: Ter. por minha causa, ou por industria minha.*

Petra, *x. f. Plin. a pedra, o rochedo, penhasco.*  
Petra, *x. f. Plin. Petra, hoje Krach ou Arach, capital da Arabia Petrea. Czs. Laqui, cid. em Macedonia.*  
Petræus, *a, um. Plin. c. de Petra, cidade.*  
Petræus, *a, um. Plin. c. nascida entre pedras.*  
Petrensis, *se. Sol. c. de Petra, cidade. Cwl. Aur. c. que habita nos rochedos.*  
Petricôsus, *a, um. Mart. c. cheia de pedras, pedregulhenta. Mart. c. difficultosa, aspera, dura.*  
Petrini, *orum. in. Cic. os moradores de Petra, cidade.*  
Petrites, *x. m. Plin. huma especie de vinho da Arabia Petrea.*  
Petro, *onis. m. Plaut. o carneiro velho capado. Fest. o montanhez.*  
Petrônus, *ii. m. Petr. Petronio Arbitra, que escreveu contra os vicios do seu tempo, no reinado de Nero.*  
Petrôsëlinum, *i. n. Plin. o aipo, ou salsa de Macedonia, plantas.*

Fons, *ontis. m. Virg. a fonte. Cic. a origem, o principio, a causa. Medici fontes: Lucan. as fontes medicinaes. Argumentorum fontes: Cic. os lugares communs da Rhetorica. Fonte græco cadere: Hor. derivar-se do grego. A fonte repeteri: Plin. Jun. proseguir desd' a origem.*  
Fontalis, *lis. m. Plaut. o Deus das fontes. L. var. Fontinalis.*  
Fontanãlia, *Fest. Fontanãlia, um. Varr. festas em honra das Nymphas que presidão ás fontes.*  
Fontanãlis, *le. Vitr. c. da fonte.*  
Fontaneus, *a, um. Solin. o mesmo.*  
Fontanus, *a, um. Ovid. o mesmo.*  
Fonticulus, *i. m. Hor. a fontezinha, a pequena fonte.*  
Fontigênæ, *arum. f. pl. Mart. Cap. sobrenome das Musas, e das Nymphas.*  
Fontinalis, *le. Plaut. c. de fonte. Fontinalis porta: Fest. a porta Capena em Roma.*  
Fontinalis, *is. m. Plaut. o Deus das fontes.*

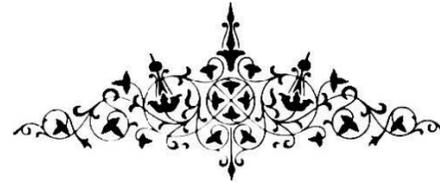
Memória, *x. f. Cic. a memoria, potencia da alma. Cic. a memoria, lembrança, recordação. Cic. as cousas, de que nos lembramos. Ut mea memoria: Cic. quanto me lembro, segundo minha lembrança. Patrum nostrorum memoria: Cas. no tempo de nossos pais. Memoriae proditum est: Cic. escreveu-se nas historias. Post hominum memoriam: Cic. depois que o mundo he mundo. Omnis memoria: Cic. toda a antiguidade. Ex memoria: Cic. de memoria, de cor. Mandare memoriae: Cic. decorar, aprender de memoria. Prodere memoriam posteritati: Cic. deixar escripto á posteridade. Nostrâ memoriâ: Cic. no nosso tempo. Superiori memoria: Cic. no tempo passado. Memoriae veteres: Gell. as memorias, os livros, ou os escritores antigos. Duplex memoria: Nepos. duas tradições.*  
Memoriãlis, *le. Suet. c. que serve para lembrança.*  
Memoriãola, *x. f. Cic. a pequena, ou fraca memoria.*  
Memoriôsus, *a, um. Fest. c. que tem boa, ou grande memoria. Memoriosior. comp. Fest. Antiq.*  
Memõriter, *adv. Cic. de memoria, de cor.*

Dedicado a  
Miguel Lucindo Dias, o Migué Prequeté  
pela coragem de inventar o espaço do Homem numa cidade adversa  
Lúcio Petit da Silva, Jaime Petit da Silva e Antônio Carlos de Carvalho, o Papagaio  
(in memoriam)

Reunião Assessoria Editorial



# De Itagybá a Itajubá



*Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.  
— Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? — pergunta  
Kublai Khan.  
— A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra —  
responde Marco —, mas pela curva do arco que estas formam.  
Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois  
acrescenta:  
— Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.  
Polo responde:  
— Sem pedras o arco não existe.*

(CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*.  
Ed. Companhia das Letras, 1991, pág. 79)



que o relevo serrano e escarpado cede lugar a colinas entremeadas de vales. A moderna Itajubá se assenta exatamente no primeiro sítio em que o rio deixa ravinas e leitos estreitos e se espraia generosamente. Mas antes que o fundador da cidade, padre Lourenço da Costa Moreira, aí celebrasse uma missa, em março de 1819, acompanhado por diversas famílias retiradas do antigo Itajubá, outra personagem de relevo daria sua contribuição para a história local e nacional.

A difícil demarcação de terras ainda tomadas por florestas, animais selvagens e perigos de toda espécie esbarrava em um empecilho: a rareza de profissionais habilitados a realizá-la. A questão foi encaminhada, na região de Itajubá, pela figura ímpar do *piloto* (topógrafo, agrimensor) português Antônio de Oliveira Lopes, apelidado "Fraca-Roupa" pelo seu hábito de andar com poucos trajes, como os índios dos quais se fazia acompanhar e aos quais dedicava grande amizade. Assim que encerrou seus trabalhos, Fraca-Roupa dirigiu-se a São José d'El Rei, hoje Tiradentes, para entregar os mapas e medições e relatar os sucessos às autoridades às quais se subordinava a região sul-mineira. No caminho, numa "estalagem chamada Varginha", travou contato com Tiradentes. O desenrolar dos eventos acha-se registrado nos "Autos da Devassa da Inconfidência Mineira", onde se lê, no Auto nº 14:

"Foi perguntado a ele respondente, como se chamava, donde era natural, a sua residência, ocupação e idade. Respondeu que se chamava Antônio de Oliveira Lopes; que era natural da Vila de Abrantes, Comarca e Bispo de Guarda (Portugal); casado e residente em Itajubá, termo da Vila de São João, Comarca do Rio das

Mortes; que era oficial de carpinteiro, e também piloto, que andava nas demarcações das sesmarias, e que tinha a idade de sessenta e três anos." No Auto nº 2: "Não nega ter estado com Tiradentes na estalagem de João da Costa Rodrigues que com o valoroso Alferes ceara, com ele conversara sobre o estabelecimento da República (...) Mas nega ter bebido à saúde dos novos governos..."

Embora negando participação ativa na rebelião, Fraca-Roupa terminou seus dias exilado na África, repousando hoje seus restos na Capela de Porto Belo, no Zambeze.

Na já citada "História de Itajubá", Armelino Guimarães refere-se ainda a um quilombo resistente e feroz que teria existido durante décadas na Serra do Pouso Frio, que hoje separa Itajubá do município vizinho do Piranguçu. Irredutível até então, o "Quilombo da Berta" foi dizimado por um doença, no início do século XIX. No entanto, Itajubá não contou com a odiosa instituição do pelourinho, extinta pela Constituinte de 1824, embora tenham sido correntes, como em todo lugar, maus tratos, condenações e punições aplicadas aos escravos, às vezes pelas mais pífias razões. Mais tarde, foi agraciada por José do Patrocínio, líder abolicionista, com o título de "Cidade Luz", por ter sido a primeira cidade de Minas a libertar todos os seus escravos (cerca de 3.100) antes da promulgação da Lei Áurea.

A grandeza da figura do padre Lourenço ultrapassa em muito a natural importância que tinham, à época, os religiosos, militares e senhores de terras e escravos. Enérgico e decidido, reagiu à modorra da vida decadente da antiga Itagybá e retirou-se, junto com parte da sua população, para o novo sítio em que se desenvolveria Itajubá, não sem enfrentar resistências que às vezes desembocavam em choques armados. Em março de 1819, junto com várias famílias, aportou em local próximo a uma colina na qual, no dia 19, rezou missa em tosca capela de varas e sapé. Nesta data comemora-se a fundação da cidade; na mesma colina ergue-se, desde então, a igreja-matriz local.

## Povoado, Freguesia, Vila, Cidade

O novo povoado rapidamente firmou-se graças à colaboração emprestada pelos fazendeiros que, desde pouco antes do início do século, já ocupavam a região, conhecida como Boa Vista do Sapucaí. Outros nomes se sucederam: Capela Nova, Matriz Nova, Boa Vista do Itajubá, Itajubá Novo, etc. Por oposição, a atual Delfim Moreira tornou-se conhecida como Itajubá Velho, denominação que até hoje se anota entre antigos moradores das duas cidades.

Um resumo sumário da sua história legal registra as seguintes datas e eventos principais:

- 16 de maio de 1822: o povoado é alçado a Curato;
- 29 de agosto de 1831: é criado o Juizado de Paz;
- 8 de novembro de 1831: é suprimida a Freguesia de Itajubá Velho;
- 14 de julho de 1832: por decreto imperial, é criada a nova Freguesia "na Povoação da Boa Vista";
- 27 de setembro de 1848: por decreto da Assembléia Legislativa Provincial, a Freguesia da Boa Vista de Itajubá é elevada a Vila, abrangendo também a Freguesia do Espírito Santo dos Cumquibus (Cristina, Carmo de Minas, São Lourenço, Dom Viçoso e Olímpio Noronha), a Freguesia de São Sebastião da Capituba (Pedralva, São José do Alegre e Maria da Fé), o Distrito de São Cactano da Vargem Grande (Brasópolis, Piranguinho) e a Freguesia da Soledade de Itajubá (Delfim Moreira e Marmelópolis). A sede da nova vila compreendia as regiões hoje ocupadas por Itajubá, Piranguçu e Wenceslau Braz;
- 21 de junho de 1849: é instalada oficialmente a Vila da Boa Vista de Itajubá e dada posse à primeira Câmara de Vereadores, presidida por João Carneiro Santiago;
- 19 de março de 1851: é inaugurado o prédio construído especialmente para alojar a Câmara, o Conselho de Jurados e as instalações da Cadeia Pública, em cumprimento a exigência legal;
- 4 de outubro de 1862: a Vila é elevada a Cidade, com o nome oficial de Cidade de Itajubá.

A condição de cidade conquistada pela vila transparece numa saborosa lista de nomes oficiais de ruas, vias, vielas e caminhos, editada pela Câmara Municipal em 8 de janeiro de 1852, a maioria consagrados pelo uso, conforme se pode ver:



ispensados os estudos ainda incipientes sobre a presença, na região de Itajubá, de grupos humanos em datas anteriores à descoberta do Brasil pelos portugueses, ficam com os índios Puri-Coroados os esforços do início de ocupação desta região. Um tanto dóceis, foram aculturados e dominados com facilidade. No início do século XX ainda se assinalavam suas colônias, orbitando em torno de vilas rurais. O nome "Itajubá" tem origem na sua língua e significa "água que cai em pedra", descrição sucinta das inúmeras cachoeiras que ainda se vêem na Serra da Mantiqueira.



(RUGENDAS, João Maurício. *Viagem Pitoresca através do Brasil*.  
Ed. Companhia Editora Nacional, 1980, págs. 93-95)

A região de Itajubá assistiu à presença de entradas e expedições em tempos próximos ao início da acelerada colonização de Minas, impulsionada pela descoberta de ouro e generosas jazidas de gemas e minerais valiosos. Desde 1596 o rio Sapucaí (Sapucahy) aparece incorporado aos mapas dos colonizadores. Em 1597, Martim de Sá capitaneou bandeira que, partindo de São Sebastião do Rio de Janeiro, via Paraty, venceu a Serra da Mantiqueira e "...viajou no alto dos campos, pelas cabeças do Sapucaí e do Rio Verde...", conforme Alfredo Valladão, em "Campanha da Princesa".

A partir daí, e nas primeiras décadas do século XVII, alguns registros se referem às "minas do Itagybá", situadas ao redor do sítio hoje ocupado pela cidade de Delfim Moreira, antiga Nossa Senhora da Soledade do Itagybá, povoação fundada pelo taubateano Miguel Garcia Velho, em 1703. José Armelino Bernardo Guimarães, em "História de Itajubá", obra única e insubstituível na instrução de interessados nas origens e no desenvolvimento da cidade e da sua população, esclarece:

"O garimpo nas minas do Itagybá foi efêmero. As catas e as gupiaras não compensavam o trabalho e não correspondiam à sede de riquezas de Miguel Garcia Velho e seus companheiros. Eram faisqueiras pobres, logo depois esgotadas. Os bandeirantes se retiraram, e quem ficou no povoado tratou de se arranjar com a agricultura e a pecuária. Povo laborioso, mas de minguados recursos, o arraial em desfavorável localização, e a Soledade do Itagybá não prosperou."

## Rumo à nova povoação

A inércia dos impulsos de desenvolvimento, favorecida pela topografia adversa, pela rudeza do clima e pela parca coleta de materiais auríferos, deve ter sido um dos principais entre os fatores que animaram alguns habitantes do Itagybá a deslocar-se para sítios mais amenos e propícios a culturas variadas além da simples provisão da sobrevivência. Alavancados pela distribuição de terras promovida pelo Governo colonial, no afã de povoar rapidamente o território imenso, alguns moradores foram se estabelecer nas regiões do rio Sapucaí em



"Rua da Igreja ou Rua Direita; Rua da Casa da Câmara; Rua da Cadeia; Rua do Paula; Rua do Porto; Rua do Júnior; Rua das Flores; a dos fundos da casa de Francisco dos Santos; Rua do Brejo; Rua do Cemitério; Rua do Rosário; Travessa de Antônio José Carvalho; Travessa da Cadeia; Travessa de Francisco Tomás de Aquino Marinho; Travessa da Câmara; Travessa do Pereira; Travessa do Esgoto; Travessa do Paula; Travessa do Senhor dos Passos; Travessa do José Caetano Grilo; Travessa do Comércio; Rua do Finado Joaquim Francisco; Rua do Esgoto; Rua da Biquinha; Beco de Antônio Pinto; Beco do Pinto; Rua Atrás do Morro; Rua de Nossa Senhora dos Remédios; a da Igreja em diante; Rua do Fogo até onde acaba o alinhamento e daí pra diante; Rua da Varginha; a Por Detrás da Igreja; Travessa dos Remédios; a da Esquina de Antônio Pedro; Rua da Ponte Velha; a da Esquina de Antônio Cardoso; Rua da Ponte Nova. (História de Itajubá, pág. 121).

## Novas faces no espelho

Por ocasião da passagem da Princesa Isabel e do Conde D'Eu por Itajubá, entre 2 e 4 de dezembro de 1868, o vigário José Luís Coelho Pereira de Magalhães registrava no Livro de Registro de Escravos, que era também o Livro de Tombo da Paróquia:

"Nesta ocasião temos dois coros de música (...) duas boticas, dois doutores em Medicina, quatro doutores em Direito, uma escola de instrução primária do sexo masculino, e duas ditas do sexo feminino."

O município contava com cerca de 7500 habitantes.

Conduzida com expressiva e documentada austeridade pelos membros das sucessivas Câmaras de notáveis locais, a administração geral da cidade conjugou, ao longo dos anos seguintes, três fatores que terminaram por definir o seu perfil: a acentuada influência política, a ênfase na produção agro-pastoril e, posteriormente, industrial, e a polarização, em torno dos seus recursos, de vilas e cidade menores, até os dias atuais sujeitas à sua influência e atração.

A adoção da navegação fluvial, num Sapucaí mais largo e cheio e ainda não assoreado, permitiu a superação dos obstáculos formidáveis que costumavam inviabilizar, para muitas povoações, o escoamento da produção e a aquisição de mercadorias dos grandes centros. De início em lombo de burro, as mercadorias eram levadas até Cachoeira Paulista, estação da Estrada de Ferro D. Pedro II (Rio a São Paulo). Posteriormente, com a inauguração da Minas and Rio Railway Co. (Cruzeiro a Três Corações), o posto de trocas passou a ser a estação do Carmo, próxima a Pouso Alto.

Em 1893 iniciou-se a navegação a vapor no Sapucaí. Por esta época, além do antigo porto, que passou a ser conhecido como "Porto Velho", um novo porto funcionava no local onde hoje alojam-se as barracas do popular "shopping Beira-Rio", conforme o nomeou a irreverência popular. O jornal O Itajubá, na edição de 30 de março de 1873, anotava:

"Barca Exploradora - Esteve ancorada no porto, tendo trazido carregamento de peles, panelas, cal, batatas inglesas, polvilho, queijos, rapaduras, pedras de São Tomé e tábuas."

Até 93, essas barcas eram manejadas com varejões. Pouco antes, em '91, inaugurara-se a ferrovia que ligava Itajubá a Soledade, conectando a cidade com os centros mais desenvolvidos do País. Com isso, rompia-se em definitivo o eventual isolamento que afetava a cidade por ocasião de temporadas de chuvas e enchentes. Em 1912 rodaram, para espanto de muitos, os primeiros automóveis Ford "Bigode".

Milho, arroz e feijão foram as primeiras culturas dos fundadores de Itajubá e de seus descendentes diretos, em solos "ubérrimos", conforme registros da época. O café, introduzido por volta de 1870, logo se afirmou como uma das principais atividades agrícolas, atraindo consigo melhoramentos de cunho agro-industrial e abrindo as portas ao início da industrialização no município. Mas foi o fumo a mais rentável cultura a que se dedicavam os proprietários de terras de Itajubá e região, seguida pela da cana, da qual se extraíam aguardente, álcool e melado.

O maior e mais importante experimento agro-industrial tentado em Itajubá ocorreu após o Congresso das Municipalidades de 1907, evento capital prestigiado pelo então presidente de Minas, João Pinheiro. Com base na colaboração de "famílias de origem européia", instalou-se uma colônia agrícola onde se fabricava e se ensinava a fabricar açúcar, rapaduras, farinhas, óleos etc., com o auxílio de máquinas e equipamentos financiados pelo Governo da Província. Em prédios reformados desta Colônia instalou-se, em 1908, o Instituto D. Bosco, escola voltada para o ensino de múltiplos ofícios a menores carentes. Nelson de Senna, no "Anuário" de 1913, anotava na "Colônia Itajubá" a presença de "...oito famílias portuguesas, doze italianas, três alemãs, duas polonesas, três russas, uma suíça e uma francesa". O Instituto mais tarde transformou-se na Escola de Horticultura, hoje inexistente.

## A indústria, tendência definitiva

Os impulsos à industrialização foram reforçados, pouco antes do fim do século XIX, com a chegada expressiva de grandes contingentes de imigrantes europeus, principalmente italianos, que se dedicaram a práticas e ofícios eminentemente técnicos e urbanos. Até cerca de 1920, a economia do município apoiou-se na renda auferida pela produção e comercialização do fumo e dos seus derivados. Proliferavam as pequenas fábricas de cigarros, charutos, rapé, fumo picado, palha alisada etc. Outra atividade industrial de antes dos '900, embora incipiente, foi a curtição de couros e peles e a produção de equipamentos para montaria, malas, canastras, bruacas etc. As cerâmicas e olarias, que forneciam seus produtos a toda a região, foram tão numerosas a ponto de motivar uma lei, em 1916, proibindo a sua instalação no perímetro urbano.

Muitas outras atividades, entre tradicionais e inovadoras, foram sendo desenvolvidas ou firmadas na florescente cidade. Entre elas, anotavam-se, em épocas diversas: móveis e produtos de madeira, vasilhames de flandres, alambiques, implementos agrícolas, artefatos de serralheria, caldeiras e peças de ferraria. A presença estrangeira se evidencia nesta relação de produtores de artefatos de metal: "Jacob Masselli, Salvador Masselli, Francisco Masselli, Domingos Del-Ducca, Ângelo Boer, Alexandre Consentino, Braz Marotti, Francisco Antônio Immediato, Braz Antônio Lamoglia, Francisco Lamoglia e Salvador Rocco".

Outros produtos correntes por volta da entrada do século foram: bebidas (vinho, cerveja, licores, refrigerantes), farinhas e cremes, óleos vegetais, laticínios, alimentos (macarrão, salsichas, mortadelas, banha, balas e caramelos etc.), tecidos, peças de palha, sabão, malas, calçados, carrocerias de veículos etc. Mas a cidade afirmaria sua mais permanente vocação industrial, na primeira metade deste século, com a produção de tecidos e afins, viabilizada em larga escala, a partir de 1907, pelo emprego de máquinas elétricas.

Em 1914 inaugurou-se a Fábrica de Tecidos Codorna, empresa integrante da Companhia Industrial Sul Mineira (CISM), um empreendimento de vulto, situado entre os maiores implantados até então em Minas, e que teria, mais tarde, crucial importância no funcionamento e na continuidade do Instituto Eletrotécnico e Mecânico, primeira escola de eletricidade da América Latina, fundada em 1913 por Theodomiro Carneiro Santiago. Fazia parte do empreendimento a Companhia Industrial Força e Luz (CIFL), que, em décadas posteriores chegou a fornecer energia elétrica a mais de cinquenta cidades do Sul de Minas. Em 1925 iniciou a produção a Fábrica de Tecidos Dona Maria Carneiro, atual Têxtil Oliveira; a partir desta data, são incontáveis os pequenos estabelecimentos dedicados à fabricação de tecidos e confecções.

A partir de 1935 começou a funcionar a Fábrica de Canos e Sabres para Armas Portáteis, logo depois ampliada para fábrica de armamentos. O porte da empresa e o alto nível de sua tecnologia, fornecida pela Alemanha, favoreceram o papel de Itajubá como centro industrial e de produção de conhecimentos tecnológicos com projeção internacional.

# O Instituto Eletrotécnico e Mecânico

Dois personagens, Wenceslau Braz Pereira Gomes e Theodomiro Carneiro Santiago, sintetizam na sua plenitude as realizações e o potencial da comunidade itajubense no raiar do século XX. Wenceslau Braz foi o mais destacado político do seu tempo, tendo ocupado inúmeros cargos de relevo em correntes e partidos políticos. Governou a Província de Minas antes de ser eleito vice-presidente da República. Após Hermes da Fonseca, governou o País, entre 1914 e 1918, sendo sucedido por Delfim Moreira, também sul-mineiro.



Wenceslau Braz (esquerda) com o major Pereira

Nascido em 1868, viveu 98 anos. Era advogado, diplomado pela Escola de Direito de São Paulo, como Theodomiro, com cuja irmã, Maria Carneiro Santiago, casou-se em 1892. Seu desempenho como empresário definiu, em diversas ocasiões, os rumos mais profundos da cidade.

Theodomiro Carneiro Santiago também teve destacada atuação política. Em Minas, foi secretário especial no governo de Wenceslau Braz e secretário de Finanças no governo de Delfim Moreira, a partir de 1914. Por diversas vezes elegeu-se para a Câmara Federal; foi também um dos líderes da Legião Liberal Mineira, que resistia a Getúlio, a partir de 1930. Dois anos depois, com outros 65 brasileiros, foi exilado por Getúlio, em represália ao apoio prestado aos revoltosos paulistas. Permaneceu em Portugal até março do ano seguinte, quando retornou ao Brasil e a Itajubá.

Dois depoimentos permitem compor para a atuação política de Theodomiro um perfil de abrangente integridade e firmeza e intensa participação. Conforme relata José Ernani de Lima, aluno da primeira turma do Instituto Eletrotécnico e Mecânico, em artigo publicado no jornal "O Dínamo" de novembro de 1977, dele afirmou Rui Barbosa, ao opinar sobre um contencioso encaminhado por Theodomiro ao Supremo Tribunal Federal:

"Ele é um caráter tão puro que a própria República não poderia corrompê-lo".



E Paulo Barreto, o cronista João do Rio, registrou em texto publicado na Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, que:

"...o Dr. Theodomiro, nas rodas em que conversava, insuflava tanta energia e animação, que suas tertúlias valiam por injeções tônicas de 'theodomirina'."

Mas foi como educador que Theodomiro realizou sua mais perene obra e inscreveu o nome de Itajubá no cenário do ensino científico nacional e internacional. Já em 1907 Theodomiro aparecia como diretor e professor do Ginásio de Itajubá, fundado em 1904 pelo professor Belarmino Martins de Menezes; equiparado, em setembro de 1906, ao Ginásio Nacional do Rio de Janeiro, e considerado um estabelecimento de ensino modelo por diversos acadêmicos e representantes governamentais.

## Origens do IEMI

Em maio de 1912 Theodomiro viajou a diversos países da Europa e aos Estados Unidos para inteirar-se do estado do conhecimento da Engenharia, especialmente da eletricidade, e da arte do seu ensino. Era seu pensamento estabelecer em Itajubá uma instituição dedicada a métodos de ensino técnico ancorados na prática e na competência, que aliassem o saber ao fazer. À época, mesmo as escolas de Engenharia, Medicina e Odontologia, entre outras, pouco se diferenciavam das que, como as de Direito, nenhum valor emprestavam à realidade e ao mundo do trabalho, mergulhadas que estavam em tradições formalistas e retóricas.

O Diário de Minas, jornal de Belo Horizonte, noticiou a partida e anotou:

"...(vai ele) observar nos grandes centros do Velho e Novo Mundo (...) a organização do ensino prático e industrial que melhor se adapte e mais convenha ao nosso país..."

Um texto sobre o novel Instituto, de autoria do coronel Manoel Vidal Barbosa Lage, colaborador do jornal O Farol, editado em Belo Horizonte, e datado de outubro de 1912, traduziu de forma concisa suas pretensões:

"É claro, portanto, que o aluno do Instituto, em vez de sobraçar os clássicos compêndios de matemática superior e embrenhar-se pelos domínios transcendentais da mecânica (...) o aluno do Instituto envergará uma modesta blusa de trabalho, estará mais vezes na oficina e no laboratório, agindo e operando com o professor, e não simplesmente a ouvir de sua carteira de estudante as *belas e literárias e eloquentes* (grifos do original - N.A.) e, por isso mesmo, pouco científicas, pouco substanciosas dissertações dos lentes. É, como se vê, uma escola-oficina, única no gênero até hoje no país..." E afirmava, em tom antecipatório: "A eletricidade, como tudo faz crer, vai desbançar o vapor..."

Na Bélgica, Theodomiro encontrou finalmente a síntese dos métodos de ensino e os profissionais que buscava. Assessorado por Omer Beyeuse, fundador da Universidade do Trabalho de Charleroi, contratou os professores Armand Bertholet, da Universidade de Liège, e Arthur Tolbecq e Victor Van Helleputte, de Charleroi. Na Suíça, adquiriu laboratórios e equipamentos para os primeiros tempos de funcionamento da sua escola. Retornou ao Brasil em novembro de 1912. Durante sua permanência no Exterior, formalizou-se, a quinze de junho, a fundação do Instituto Eletrotécnico e Mecânico (IEMI), vinculado ao Ginásio de Itajubá.

Todas as autoridades da cidade, sem exceção, haviam comparecido ao seu embarque na estação ferroviária de Itajubá, fato que desvenda o alcance do seu prestígio e a força das suas idéias. Mas é ao seu retorno que se deve prestar atenção. Nas palavras do jornal itajubense A Marreta, de 24 de novembro de 1912:

"A fim de encontrar-se com S. Excia., seguiram daqui diversas pessoas para Maria da Fé e Cristina (estações de trem antes de Itajubá - N.A.) (...) Notamos as seguintes comissões e representações: comissão da Colônia Italiana; comissão do Ginásio, banda de música do Ginásio, comissão de Piranguçu, comissão da Câmara Municipal (...) A "Gazeta de Itajubá" estava representada (...); "A Marreta", pelo nosso repórter João Alves; os operários, pelo sr. Antônio de Castro; o comércio de Itajubá, pelos srs. (...), e o de Vila Braz (...). Além dessas, muitas foram as pessoas que chegaram em Maria da Fé e Cristina para se encontrar com o sr. dr. Theodomiro".

O jornal prossegue a descrição da chegada com o rol de autoridades daquelas duas cidades que compareceram às estações para saudar Theodomiro. À sua chegada em Itajubá, três bandas tocavam. Uma sessão solene, de recepção, com a presença do secretário do Interior, Delfim Moreira, foi seguida de um concerto e outras manifestações artísticas em homenagem a Theodomiro.

Parte dessas cenas se repetiram na chegada dos três professores belgas à cidade. Em registro pessoal, escrito a mão, assim a descreve tempos depois o futuro diretor e professor do Instituto, Antônio Rodrigues d'Oliveira:

"Foi uma festa belíssima a recepção aos três primeiros professores do IEMI. Assisti à mesma, ficando impressionado (criança que era, nessa ocasião) com a 'marche aux flambeaux'. Estava presente quase toda a população da cidade. A figura de Bertholet foi a que mais me impressionou. Muito gordo e alegre, irradiava profunda simpatia."

As aulas do IEMI começaram em 16 de março de 1913, ano em que funcionou o curso preparatório para os dezesseis alunos que compuseram a primeira turma efetiva, em 1914. Eram dadas em salas do Ginásio de Itajubá. Durante aquele ano instalaram-se os laboratórios, salas de aulas e demais dependências do Instituto. Simultaneamente, a direção do IEMI — além de Theodomiro, o vice-diretor Olyntho Carneiro Villela e o secretário Jorge Tibiriçá de Boucherville —, e os professores Bertholet, Helleputte e Tolbecq elaboraram, em sucessivas reuniões, o currículo dos três anos do curso e o programa do concurso de ingresso, não exigido a alunos formados pelo Ginásio de Itajubá.

## O ensino à luz da verdade

A 23 de novembro de 1913 teve lugar a inauguração oficial do IEMI, com a presença do presidente da República, marechal Hermes da Fonseca, acompanhado de ampla comitiva na qual se destacavam: Wenceslau Braz, à época vice-presidente; Rivadávia Correa, ministro da Fazenda; Barbosa Gonçalves, ministro da Viação e Obras Públicas; general Pinheiro Machado, vice-presidente do Senado; Sabino Barroso, presidente da Câmara Federal; general Barbedo, chefe da Casa Militar. Delfim Moreira, secretário do Interior do Governo mineiro, representava o Presidente de Minas.

À comitiva integrou-se uma delegação de engenheiros e técnicos liderada por Paulo de Frontin, diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil (à época, a mais importante empresa vinculada ao Governo Federal), membro da direção da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e presidente do Clube de Engenharia. A este senhor, considerado "glória da engenharia nacional", caberiam as honras de um escândalo que, a par de espalhar o nome do Instituto para todo o País, serviu para demonstrar mais uma vez a atualidade e a firmeza das novas orientações técnicas e pedagógicas das quais o IEMI se fazia líder e representante no Brasil.

O repórter Sebastião Sampaio, do jornal Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, relatava, na edição de 25 de novembro de 1913:

"...A sessão era solene. O Sr. Presidente da República foi convidado para presidi-la. Aceitando a incumbência, o Sr. Marechal Hermes declarou aberta a sessão. À direita sentaram-se os Srs. Pinheiro Machado e Rivadávia Correa, à esquerda os Srs. Wenceslau Braz e Barbosa Gonçalves.



(...) O Sr. Dr. Theodomiro falou durante meia hora, expondo claramente os fins do Instituto. Acentuou e exaltou a excelência do caráter prático do ensino da eletricidade e da mecânica, que está sendo dado ultimamente nas Universidades dos Estados Unidos e nas da Bélgica e de outros países da Europa. Interessara-se pelo assunto, combinando com outros amigos a fundação daquele Instituto: foi ao Velho Mundo visitar os estabelecimentos mais adiantados, adquiriu ali as oficinas técnicas e trouxe os primeiros professores, um da Universidade de Liège e dois da Universidade do trabalho (sic) de Charleroi. (...) Referiu-se ao conhecido mal do *bacharelismo* em nosso país em todas as ciências, na advocacia, na engenharia, na medicina. Os bacharéis não conseguem apreender a excessiva teoria de cinco, seis, sete anos de curso, e geralmente levam das Faculdades quase que apenas uma bagagem de sonhos e de idealismos inúteis. (...)

Em seguida, falou o Sr. Bertholet, da Universidade de Liège, diretor das aulas técnicas do Instituto. Com oito meses de Brasil, o Sr. professor Bertholet, que depois dos primeiros 30 dias já lecionava em Português, encantou o auditório com um pequeno mas interessante discurso (...) Em seguida, um jovem aluno do curso de preparatórios anexo ao Instituto (Bernardino José da Costa Filho - N.A.) (...) leu um discurso. O jovem preparatoriano exaltava a criação daquela moderna casa de ensino (...) O Instituto ali estava como um facho radioso (...)

Uma voz cortou o silêncio:  
— Não apoiado!

Todos se voltaram, surpresos. Era o Sr. Dr. Paulo de Frontin, que se tinha manifestado daquele modo. Algumas pessoas não reprimiram um gesto de espanto. (...) Mas o jovem aluno continuou, abundando nas mesmas idéias. (...) Ao terminar, o Sr. Dr. Paulo de Frontin levantou-se:

— Sr. Presidente! Peço a palavra.

Foi um espanto maior. (...) S. Excia. estava até muito corado e nervosíssimo. Elevando a voz, talvez ao máximo da sua entonação, S. Excia. declarou que (...) estava longe de supor que iria ouvir insinuações sobre o ensino superior de engenharia no Brasil, que se sentia obrigado a repelir energicamente. (...) A cada frase vibrante do Sr. Dr. Frontin, os engenheiros auxiliares de S. Excia. apoiavam em voz alta. (...)

Foi então que se levantou o Sr. Dr. Theodomiro Carneiro, que passou a responder ao Dr. Frontin no mesmo tom de energia. Declarou que (...) tratara da conveniência do ensino moderno, eminentemente prático, numa escola que ia, como aquele Instituto, ensinar especialidades científicas, a eletricidade e a mecânica; (...) Ao fim das explicações do Sr. Dr. Theodomiro, o Sr. Dr. Frontin entrou a apartear nervosamente, elevando cada vez mais o tom de sua voz. O orador respondia no mesmo tom. Esse diálogo passou a ser feito em verdadeiras frases gritadas, cobertas, às vezes, de aplausos dos dois grupos da sala, até que o Dr. Theodomiro terminou nervosamente, com as seguintes palavras:

— Estava, como se vê, dando explicações leais e sinceras. Nada mais tenho a acrescentar a elas, que provam a minha correção e, por isso mesmo, não posso mais aceitar insinuações grosseiras."

No dia seguinte, já divulgado o incidente pelos jornais do Rio de Janeiro, de São Paulo e Minas, o Jornal do Comércio, do Rio, comentava, em editorial da edição de 26 de novembro:

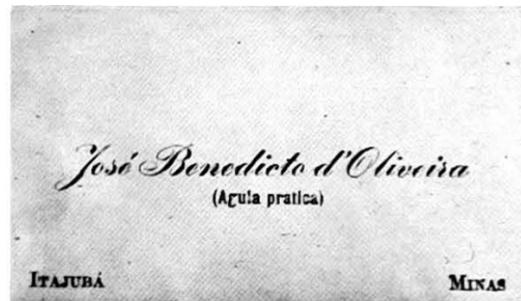
"Não é entretanto conspurcar as boas tradições dessas academias pretender que elas se adaptem às correntes modernas e satisfaçam exigências da vida contemporânea, preparando homens para o seu ofício. Para lembrar até que ponto chega a resistência daquelas suscetibilidades, revelaremos um pormenor desconhecido. Querendo alterar para melhor o plano e a feição do ensino da Politécnica, o Sr. Rivadávia viu-se desajudado por quem tinha o dever de secundá-lo, e precisou recorrer à clara inteligência e boa visão de um distinto profissional, o Comandante San Juan, infelizmente já falecido. Apesar disso, o belo Instituto Eletrotécnico, construído na Praça da República, esquina da rua Visconde do Rio Branco, continua quase fechado e sem alunos, mostrando lá em cima, no esmalte branco da tableta, a irrisão do seu destino.

Os amigos do progresso estão no seu direito rejubilando-se com a inauguração de estabelecimentos como o de Itajubá, que vem repetir no nosso meio o exemplo fecundo de Porto Alegre, com seus trinta mestres americanos, que não preparam doutores mas habilitam gente esforçada, modesta e eficaz. É o ensino que se renova em moldes modernos. (...) O eminente Dr. Frontin, com a sua violenta e inopinada



réplica, pôs sem querer em foco uma das mais graves e importantes questões que possam interessar ao Brasil. Os nossos votos, sem menosprezo a tradições por todos os títulos respeitáveis, mas que não vêm ao caso, são por essa benemérita remodelação do ensino, promovida e realizada pela iniciativa particular, para vergonha do Estado."

O incidente ainda daria margem a desdobramentos curiosos. Envolvidos indiretamente no episódio, por serem paradigmas do ensino "beletrista", que sufocava o conhecimento teórico e o experimental, alguns alunos da Faculdade de Direito do Rio telegrafaram a Theodomiro. O texto pretendia ser ofensivo: "Os alunos Faculdade Direito saúdam freneticamente mestre insigne pela criação ninho águias práticas". Os alunos do IEMI gostaram da brincadeira e chegaram a imprimir cartões de visita como este, enviado pelo aluno José Benedito de Oliveira, o Celico, ao seu colega José Ernani de Lima, em janeiro de 1914:



O pano de fundo do incidente desvenda a excelência e o pioneirismo da obra de Theodomiro. O Diário de Minas foi o único a registrar os nomes dos criadores do novo método:

"Disse (Theodomiro) que esse método é próprio para formar uma geração de homens capazes aptos para conquistar a fortuna logo que deixem os bancos escolares, ao contrário do que sucede, em geral, com o nosso bacharelismo oficial, que forma homens teóricos e não industriais práticos. Disse que esse método é adotado pelos melhores educacionistas na Suíça, na Bélgica e nos Estados Unidos, onde estão em plena voga os ensinamentos de Desmoulins, Le Play, Lourville e Carnegie."

É à publicação "Le Brésil Économique", no entanto, que cabem as observações mais judiciosas. Na edição de 7 de setembro de 1913, seu editor escrevia:

"Itajubá, petite ville du Sud de Minas Gerais, desservie par le chemin de fer 'Sapucaí', du Reseau Sul-Mineiro, a l'honneur de posséder la première École Théorique et Pratique d'électricité et de mécanique qui ait été fondée au Brésil. (...) Aussi n'y enseignera-t-on, en fait de théorie, que la dose strictement indispensable à la bonne pratique du métier, en donnant le plus complet développement possible à cette dernière, au moyen d'exercices pratiques d'ateliers, de laboratoire, auxquels on joindra la pratique du travail dans les usines d'électricité. (...) La direction générale de l'Institut Electrotechnique et Mécanique' a confiée à la haute compétence et au dévouement du Dr. Theodomiro Carneiro Santiago, que nous avons déjà cité plus haut. Le Dr. Theodomiro a acquis, par sa erudition et son caractère, une position en vue parmi ses contemporains de Minas."

Referindo-se ao incidente, diz o editor da publicação em língua francesa:

"Or, le Dr. Theodomiro ne faisait, en somme, que répéter un reproche que l'on entend formuler partout, surtout dans les pays de race latine, contre les programmes de l'enseignement par trop exclusivement théoriques, reproche qui doit avoir sa raison d'être, puisque partout une réaction se produit dans le sens d'une orientations plus pratique de l'enseignement"

O parágrafo final do texto era um recado a Paulo de Frontin:

"Il serait bon qu'une plume plus autorisée que la notre leur conseillât de n'en rien faire; le Dr. Paulo de Frontin lui-même leur sera, à coup sur, beaucoup plus reconnaissant de faire le silence autour d'un mouvement de vivacité, qu'il regrette certainement, et auquel en ne saurait, dans tous les cas, donner une suite meilleure que l'oubli le plus rapide et le plus complet."

Também a História, tanto quanto a bruxa da História, seria pouco complacente com Paulo de Frontin. Um acidente ocorrido com o trem no qual Frontin, diretor da grande ferrovia nacional, retornava ao Rio, motivou a publicação de charges como esta, saída no jornal A Noite, do Rio de Janeiro:



Em nota manuscrita em seus preciosos cadernos, Antônio Rodrigues d'Oliveira, ex-diretor e ex-professor, anotou este comentário: "Tive um colega de turma que veio estudar no Eletrotécnico por indicação do Prof. Fontin." A guerra acabara.

Em 1917, ano da oficialização do curso e da formatura da primeira turma, de dezesseis engenheiros, a Escola contava com seis professores. Além de Bertholet, Tolbecq e Helleputte, lecionavam Fritz Hoffmann e Arthur Spirgi, suíços — mais tarde viria Arnold Trummer — e Pierre François Objois, francês. Ainda neste ano ingressaram no corpo docente do IEMI José Procópio Fernandes Monteiro e Mário Albergaria Santos, os primeiros brasileiros a dar aulas junto com os pioneiros europeus. Herbert Lindenbein, primeiro professor alemão do Instituto, doutor em Geologia pela Universidade de Genebra, ingressou no corpo docente em 1923. Pouco depois, seus patrícios Henrique Claus e Richard Bran viriam fazer-lhe companhia. O primeiro aluno a tornar-se professor foi José Rodrigues Seabra, mais tarde responsável maior pelos destinos da Escola, como diretor e o mais dedicado colaborador de Theodomiro.

Bertholet foi-se do Brasil em 1917. Morreu em Londres. Tolbecq morreu em Bancoc, na Tailândia, em 1918. Helleputte também se foi em 1917, mas retornou ainda uma vez a Itajubá. Hoffmann estabeleceu-se na cidade, tendo realizado obras expressivas de melhoramento urbano. Morreu em 1924. Lindenbein naturalizou-se brasileiro, aposentou-se em 1958 e faleceu em 1962. Seus restos jazem em Itajubá.

Theodomiro nasceu em 1º de dezembro de 1892, na fazenda Sabará, então inscrita no território do município itajubense. Formou-se em Direito, em 1906, pela Escola de Direito de São Paulo, a mais prestigiosa do País. Em 1917, casou-se com Maria Josefina Guatimozim, filha do marechal Henrique Guatimozim Ferreira da Silva e de Olímpia Abbot Guatimozim, com quem teve três filhos. Morreu no Rio de Janeiro, em 25 de outubro de 1936. Seus restos repousam em uma urna de mármore, numa sala da antiga sede do Instituto Eletrotécnico e Mecânico.

## A obra continua

Entre os principais eventos vividos pela Escola destacam-se:

- 1923 - O curso sofre reformulação para adaptar-se ao novo período de quatro anos de duração;
- 1928 - inaugura-se o Laboratório Termo-Hidrelétrico, o primeiro do gênero no País, projetado por professores e ex-alunos do Instituto;
- 1932 - Theodomiro é exilado em Portugal por Getúlio Vargas; seu retorno é autorizado em março do ano seguinte. Perseguido pelo ditador, vê uma de suas empresas impossibilitada de dar seguimento a obra de vulto no Rio, o que lhe acarreta severos prejuízos financeiros;

- 1935 - funda-se a Sociedade Acadêmica, depois Diretório Acadêmico;
- 1936 - o curso de Eletricidade passa a ter a duração de cinco anos; O IEMI é equiparado à Escola Politécnica do Rio de Janeiro e passa a chamar-se Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI);
- 1938 - decreto federal confere ao IEI regalias de "Instituto Livre de Ensino Superior".

A morte de Theodomiro e a retirada de alguns subsídios ao Instituto provocaram grave e persistente crise financeira que chegou a ameaçar a existência da Escola, em vias de ser transferida para Campinas por interessados em trocar seu acervo pelo pagamento de dívidas. Em 1942 formaram-se apenas dois engenheiros, fato que espelha a gravidade da situação da Escola, sustentada por empréstimos do então Banco de Itajubá.

Em 1947 constituiu-se a Fundação Instituto Eletrotécnico de Itajubá, entidade que assumiu o passivo da Escola e liderou ampla campanha de reerguimento financeiro do IEI. A Fundação reunia capitais fornecidos pela Companhia Sul-Mineira de Eletricidade, representada pelo seu diretor técnico Vidal Dias, e pela Companhia Industrial Sul-Mineira, representada pelos seus diretores João Braz Pereira Gomes e José Braz Pereira Gomes. Além de Vidal Dias e João Braz, compuseram o Conselho de Administração da Fundação os professores José Rodrigues Seabra, Antônio Rodrigues d'Oliveira, Luiz Goulart de Azevedo e Vicente Sanches.



Na monografia "Fatos que não podem ser esquecidos", de agosto de 1984, relata o professor Álvaro Pereira Rizzi:

"Não se conhece na história do ensino superior do País fato extraordinário como esse. Dois ex-alunos, quando vêem em dificuldades a escola em que se formaram, adquirem-na, asseguram condições para que ela continue funcionando por mais doze anos e depois doam todo o seu patrimônio ao poder público..."

"Os anos que se seguiram foram mostrando que seria muito difícil à Fundação assegurar cada vez mais recursos para que o IEI pudesse acompanhar a fase do grande desenvolvimento tecnológico que se seguiu à guerra mundial que terminou em '45. Preocupado com o problema, Vidal Dias concluiu que só o poder público federal teria condições de assegurar ao IEI os recursos para mantê-lo à altura de suas tradições, no concerto das grandes escolas de engenharia do País. Era necessário federalizar o Instituto..."

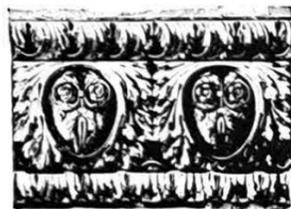
"A lei 2721 (de federalização - N.A.) de 30 de janeiro de 1956, foi sancionada pelo Presidente do Senado Federal, Nereu Ramos, no exercício do cargo de Presidente da República. No seu artigo 1º, § 2º, estabelecia, entre outras providências: "O Instituto Eletrotécnico de Itajubá, incorporados todos os seus bens e direitos ao patrimônio federal, independente de qualquer indenização, passa a integrar o Ministério da Educação e Cultura".

Em 1960, na significativa data de 23 de novembro, instalou-se a Fundação Theodomiro Santiago, dedicada a um amplo programa de aperfeiçoamento profissional, larga atuação cultural e projetos de pesquisas em áreas diversas como engenharia hidráulica, eletrônica, mecânica, elétrica e nuclear.

A obra de Theodomiro continua viva.



1



Vista parcial da área central da cidade, tomada no ano de 1897 pelo fotógrafo François Soucaseaux. A construção em plano mais elevado é a Matriz Nossa Senhora da Soledade, na configuração adquirida após a reforma pela qual passou em 1873. Duas ruas se destacam: descendo da frente da igreja, a rua Cel. Rennó (no mapa, rua Direita); paralela a ela, correndo pela esquerda, a rua Pereira Cabral (no mapa, rua Marquês do Herval).

Na rua Cel. Rennó, o primeiro prédio que aparece à esquerda, com nove janelas, era a residência do comerciante e fazendeiro coronel João Rennó. Em 1905, seria instalado neste prédio o "Gymnásio de Itajubá"; em 1921, o prédio abrigaria a Casa de Ordens do atual 4º Batalhão de Engenharia e Combate. Em 1924, seria finalmente demolido para dar lugar ao "Cine-Theatro Apollo".

À frente deste prédio situava-se a casa de Amélia Braga, vista na foto pela parte de trás, com recorte em forma de U; a sua construção foi conduzida pelo arquiteto-construtor Moisés Luigi. Entre as duas edificações, a praça Theodomiro Santiago (no mapa, largo dos Passos).

O pequeno prédio de paredes claras e duas portas, em plano imediato, à direita na foto, no qual se identificam traços de uma inscrição próxima ao beiral do telhado, foi a primeira sede da Sociedade Benfícia Itajubense, entidade que deu origem à Santa Casa de Misericórdia.

No lado esquerdo da foto aparecem quatro janelas de um casarão que abrigou a Santa Casa em seu primeiro endereço. Contando-se a partir desse casarão, em direção ao fundo, a quarta casa era a sede do Hotel Correia, de Antônio Correia de Mattos, inaugurado em 1885. A construção seguinte, um pouco mais alta, abrigava o Clube Itajubense, então alojado em imóvel pertencente a Luiz Rennó, mais tarde reformado para sua atual configuração.

No quintal que aparece em primeiríssimo plano construiu-se mais tarde o imóvel que sediou o Fórum e a Câmara de Vereadores; hoje, este imóvel, parcialmente reconstruído após incêndio, abriga a sede da Prefeitura Municipal.



No requadro, um mapa da cidade em 1888, desenhado pelo artista plástico e jornalista Luiz Teixeira. O largo dos Passos e o dos Andradas (hoje praça Getúlio Vargas) eram os únicos existentes. A rua dos Remédios (atual rua Xavier Lisboa) dava acesso ao Porto Velho. O cemitério do Rosário, que aparece à direita, hoje é território ocupado por casas; de frente, a rua da Batalha (hoje a rua que passa pelo Convento).

A rua do Esgoto (hoje rua Dr. João de Azevedo) terminava no morro São Benedito (hoje ocupado por parte do bairro Morro Chic).

O bairro do Estádio (abaixo da rua Marquês do Herval) era uma área de várzeas e brejos. O riacho assinalado, sem nome, quase paralelo ao Pinheirinho, é o ribeirão José Pereira. A rua da Palha, continuação da rua Duque de Caxias (atual rua Cel. Francisco Braz) até hoje conserva esta denominação. A rua da Figueira se chama hoje rua Dr. Silvestre Ferraz; a rua Tenente Viotti (Viotte, no mapa), rua Dr. Américo de Oliveira; a rua do Theatro é a atual rua Olavo Bilac; entre esta rua e a rua Tenente Viotti situa-se a atual rua Comendador Schumann.

2 3 4



Foto de 1918, tomada de elevação, próxima ao atual bairro do Morro Chic, conhecida como "Mata da Sá Chica", de autoria do fotógrafo amador e engenheiro telefônico Luiz de Lima Vianna, diplomado pela Universidade de Athens, EUA. O original, hoje de posse da família Vianna, mede 92 cm, e resultou da montagem de seis diferentes tomadas, cujas marcas de junção são visíveis. A reprodução, com 129 cm, compõe-se de três pranchas que devem ser justapostas para formar a imagem original.

À época, outros fotógrafos realizaram fotos a partir de pontos daquela elevação. O fotógrafo profissional Pedro Rebello publicou foto semelhante a esta em 1915.

Um dado a ser registrado é a notável nitidez do original, no qual se vêem objetos que deveriam medir alguns centímetros a distâncias que chegam a alguns quilômetros. Foram feitas três tentativas, com três processos fotográficos e fotomecânicos diferentes, e em nenhuma delas logrou-se reproduzir todos os detalhes da foto original. Na atual reprodução, partiu-se de uma cópia fotográfica de 50 cm, obtida direto do original, para a elaboração de três fotolitos negativos por scanner eletrônico (dois de 41,5 cm e um de 46 cm); esses negativos, após a montagem, forneceram os fotolitos positivos usados como matrizes para a reprodução gráfica.



Por esta época, a cidade foi descrita, em seus vários aspectos, por Pedro Bernardo Guimarães, em sua obra "Município de Itajubá", editada em 1915. Mantendo-se a grafia original, reproduzem-se a seguir alguns dados desta obra:

**Limites:** Situada a 21°16' de longitude O., e 22°26' de latitude S., no Valle do Rio Sapucahy, no começo do elevado *plateau* conhecido pela denominação de Campos do Jordão, acha-se o município de Itajubá entre o Estado de S. Paulo, na parte meridional, de que é separado pela Serra da Mantiqueira, e os municípios mineiros de Christina, Maria da Fé, Pedra Branca, Villa Braz, Virgínia e Passo Quatro.

Na fronteira paulista limita-se com os municípios de Lorena, Guaratinguetá, e S. Bento do Sapucahy, daquele Estado.

**Superfície:** É avaliada em 2.561 quilômetros quadrados.

**População:** Aproximadamente de 40.000 habitantes

**Governo Municipal:** A direção do município é exercida, de conformidade com a legislação em vigor, pelo presidente da câmara que ao mesmo tempo é o agente executivo, e por uma vereação eleita **triennialmente** e composta de 12 vereadores, dos quaes 2 especiaes pelo districto de Soledade, 2 pelo districto de Pirangussú, e 8 vereadores geraes.

Divide-se em 3 districtos de paz: Itajubá (sede), Soledade de Itajubá e Santo Antonio do Pirangussú. Está no 5º Districto Federal e 3º Estadual.

**A Comarca:** A comarca de Itajubá, creada pela lei n. 1.867, de 15 de julho de 1872, comprehende os termos de Itajubá e Christina, abrangendo a área formada pelos municípios de Itajubá, Villa Braz, Christina, Sylvestre Ferraz, Pedra Branca, Maria da Fé, sendo de 1ª entrância. Pertenceu ás comarcas do Rio das Mortes e do Sapucahy, até que a lei n. 719, de 16 de maio de 1885 a annexou á comarca de Jaguary, creando o termo, e em seguida, após sua erecção em cidade, passando a ser a sede.



**Vias de comunicação:** O município é cortado pela Rêde Sul Mineira (Companhia de Estradas de Ferro Federaes Brasileiras), resultante da fusão das antigas vias férreas Sapucahy, Muzambinho e Minas e Rio, e pela qual se põe em comunicação com a mór parte dos municípios sul mineiros e com as cidades de S. Paulo e Rio de Janeiro.

A estação da cidade acha-se no quilômetro 175, contando-se do ponto inicial, em Cruzeiro (Estado de S. Paulo) onde se dá o entroncamento com a E.F. Central, que mantém tráfego mútuo para bagagens e mercadorias com a Rêde.

São as seguintes as distâncias kilométricas de Itajubá aos pontos mais importantes do país:

De Itajubá ao Rio de Janeiro (E.F. Central e R. S. M.) — 427 km

De Itajubá a S. Paulo (R. S. M. e E.F.C. do Brasil) — 419 km

De Itajubá a Bello Horizonte (R.S. M. e E.F.C. do Brasil) — 815 km

De Itajubá a Pouso Alegre (R.S. Mineira) — 140 km

**Telégrapho, telephones e correios:** Funciona na estação da cidade uma repartição telegráfica da Rêde Sul Mineira em tráfego mútuo com a do telégrapho nacional installada em Soledade, no município de Caxambú, a 85 quilômetros de distância.

Encampano a rêde telephônica aqui existente, e que pertencia á antiga Companhia Força e Luz de Itajubá, a Rêde Telephônica Bragantina ampliou esse serviço, dotando os districtos de aparelhos e ligando a estação local a 23 localidades sul-mineiras e mais de uma dezena de São Paulo.

A agência do correio é de 2ª classe, pertencente ao quadro da sub-administração de Campanha, existindo ainda no município mais duas agências de 4ª classe, em Pirangussú e Soledade de Itajubá. A repartição postal de Itajubá expede malas diárias, ás 10 da manhã e ás 5 da madrugada para Bello Horizonte, Rio e S. Paulo, e para os municípios de Christina, Pedra Branca, Maria da Fé, etc., e sub-administração de Campanha, e ás 13 horas para Villa Braz, Paraisópolis, Santa Rita do Sapucahy, Ouro Fino, Pouso Alegre e outras agências da margem da Rêde Sul Mineira.

**Divisão religiosa:** Religiosamente, o município, que foi desmembrado do bispado de S. Paulo, pertence ao bispado de Pouso Alegre, dividindo-se em 3 freguezias: Santo Antonio de Pirangussú, Nossa Senhora da Soledade de Itajubá, e a sede, com o mesmo orago de um dos districtos de paz, o de Soledade. Além disso existem capellas filiaes nos bairros de Roseta, S. Francisco dos Campos, Rio Manso.



**Orographia - Altitudes:** Percorrido em todos os sentidos pelas ramificações do systema orográfico da Mantiqueira, o município tem o solo deveras accidentado, offerecendo perspectivas multiplas e terminando, para o lado do sul, na fronteira com S. Paulo, em um planalto, de clima salubérrimo, denominado Campos do Jordão, que se prolonga além da linha limítrophe, para os lados do Valle do Parahyba do Sul.

A cidade de Itajubá acha-se a 838 metros acima do nível.

Pirangussú, sede de um dos districtos, a 893 metros e Soledade de Itajubá aproximadamente a 1.209 metros.

**Potamographia:** A bacia potamográfica de Itajubá está toda comprehendida na vertente do Rio Grande (para o Rio da Prata) por intermédio do mais caudaloso de seus cursos d'água, o rio Sapucahy, e é cortada por muitos rios, ribeirões e centenas de córregos, que regam a sua área.

O rio Sapucahy nasce no logar denominado Serra dos Marmellos, na fronteira do estado de S. Paulo, tendo suas cabeceiras no município de Itajubá. O seu nome origina-se de *Sapucaia*, corruptela de *çapucaí*, nome da *Lecythis*, fructo abundante nas suas margens, e y, rio, água, curso d'água em tupy-guarany.

No município de Itajubá são seus principais tributários: rio Lourenço Velho, rio Santo Antonio, rio Água Limpa, rio S. Bernardo, rio Rosário, Córrego Alegre, rio das Bicas, rio Iterêrê, rio dos Amaros, rio Parangussú, ribeirão das Anhumas.



**Flora Sylvestre:** Além da *Araucaria Brasiliana*, o município possui mais os seguintes espécimens: Angico, Cedro, Sucupira, Peroba, Massaranduba, Guatambu, Jacarandá, Canella, Sassafras, Ipê, Óleo, Canjarana, Cambará - Guassú, Canna Fístula, Pao D'Alho, Guaiacá, Quina, Vinhático, Olho de Cabra, Guamirim, Jatobá, Cabiúna, Ingá, Bugre, Figueira, Calumba, Pitangueira, Guabiroba, Pindahyba, Café Bravo, Embahuba, Jequitibá, Araticum, Tayuba, Pau D'Arco, Carne de Vacca, Unha de Vacca, Bico de Pato, Limocero Bravo, Paineira, Aroeira, Laranjeira Brava, Jacaré, Taruma, Mammica de Porca, Monjoleiro, Jaboticabeira.



**Flora Medicinal:** A flora medicinal está representada nas suas espécies mais communs: Ipecacuanha, Paratudo, Batata do Campo, Herva de Bicho, Japocanga, Poejo do Campo, Sabugueiro, Pariparoba, Jaborandy, Congonha Miúda, Vassourinha, Fava de Santo Ignácio, Cipó Sumo, Jurubeba, Cambará, Copahyba, Passiflora, Sassafras, Carrapicho, Cicuta, Tayuyá, Gervão, Herva Cidreira, Sete Sangrias, Saçuyá, Abutria, Jatobá, Samambaia, Sapê, Timbó, Lágrima de Nossa Senhora, Sucupira, Angico, Mil Homens, Canna Fístula, Caroba, Herva Rato, Herva Tostão, Assa-peixe, Ingá, Bordana, Macella, Pé-de-perdiz, Velame do Campo, Herva Picão, Trapocera, Purga de Caboclo, Três-folhas, Parietária, Goiabeira, Maracujá, Guabiroba, Cravo de Defunto, Quina do Campo, Alecrim, Araticum, Mamocero, Murecy, Piteira, Cardo Santo, Fumaria, Maracujá Branco, Morangueira, Mamona, Gameleira, Avenca, Barisol, Fragaria, Azedinha, Aroeira, Hera Terrestre, Guassia, Herva Moira, Sucuaya, Celidônia, Peroba Rosa, Sensitiva, Fructa de Gentio e Camará.

**Flora Tintureira:** Na flora tintureira encontram-se em abundância os seguintes espécimens: Anil, Ruiva, Estrondo, Orelha de Burro, Urucum. Entre as que contém substâncias tanníferas, para cortume: Barbatimão, Angico, Araçá, Ingá-cipó, Aroeira Branca, Peroba.



**Fauna Sylvestre:** Além das espécimens mais encontradas, como os micos e caxinguelês, da família dos símios, encontram-se: Pacas, Cutias, Capyvaras, Sussuaranas, Jaguatiricas, Tatús, Iaras, Ouriços, Tamanduás, Veados, Caitetés, Porcos Canela Ruiva, Queixadas, Quatys, Kágados.



**Fauna Alada:** Devem ser citados: Pintassilgos, Sabiás, Rôlas, Anuís, Macucos, Jacús, Nambús, Perdizes, Urus, Arapongas, Juritis.

**Ophídios:** Estão representados pelas Jararacas, Jararacussus, Cascavéis, Urutus.

**Ychtiographia:** Representada pelos Dourados, Surubys, Piabas, Piracanjubas, Trahiras, Curimatás, Mandys, Bagres, Pacuis, Cascudos.

**Mineraes:** Em Soledade de Itajubá estão as velhas catas do metal cubizado pelos bandeirantes. Em Bicas do Meio constatarem-se jazidas de Amiantho, Kaolim, Ferro, Granito.



**Clima:** Toda a zona ocupada pelo município de Itajubá gosa de excelente clima, salubre, com perfeito equilíbrio de thermalidade e hygrometricidade, sem moléstias endêmicas ou epidêmicas.

É, antes, pelas suas altitudes, que determinam os verões pouco rigorosos, e por outras causas mesológicas que influem para que a temperatura no inverno, embora fria até produzir às vezes a geada, seja saudável e sem humidade prejudicial, ponto preferido pelos doentes que se sentem melhores com atmospheria amplamente oxygenada que se respira nas suas localidades rodeadas de montanhas e de mattas. Em plena quadra estival, novembro, dezembro, janeiro, si os dias são cálidos, as noites entretanto têm agradabilíssima temperatura; no período hibernal mais forte, em maio, junho e julho, a columna thermométrica mantém-se sempre acima de zero graus centígrados.

**PRODUCCÕES:** A lavoura e a pecuária, animadas pelas condições favoráveis do município, têm sensível e confortador desenvolvimento em Itajubá, não só abastecendo o município, como enviando para os mercados do Rio e de S. Paulo toneladas de cereas.



**Lavoura:** Embora se saliente a produção do fumo e do café, pratica-se a polycultura. Os principaes géneros regularmente

cultivados são os seguintes: café (655.525 kilogrammos), fumo (produção annual de mais de 100.000 arrobas), arroz, de vários typos, feijão, batatas (ingleza e doce), milho, mandioca, carás, mangaritos e outras tuberosas, e ervilhas.

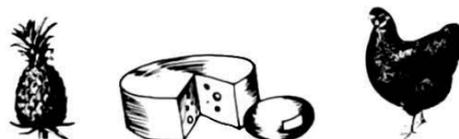


**Pecuária:** A atenção especial dos nossos lavradores volta-se para o desenvolvimento do gado bovino, sendo os typos mais apreciados para a selecção o suísso e o hollandez. Várias herdades, entretanto, possuem reproductores Simmenthal e Jersey.

Pode-se avaliar o rebanho em 30.000 cabeças de bovinos em todo o município. O gado suíno, de larga exportação, em pé e em fardos de toucinho, carnes salgadas e linguiças, é das raças Berkshire, Yorksbire e Canastrão.

**Aves:** Encontram-se na cidade e nos districtos typos de gallináceos mais cotados nas *basses cours*, exportando-se em abundância para os centros consumidores.

Os governos estadual e federal mantêm, nos arredores da cidade, postos zootéchnicos de grande proveito, para os quaes remetem continuamente ganhões e reproductores de raças puras e recommendadas na selecção dos bovinos, cavallares e suínos.



**Exportações:** No anno de 1914, o município de Itajubá exportou para outros centros 2.234.724 kilogrammos de productos como café, fumo, toucinho, aves, batatas, feijão, milho, queijos, fructas e vaccuns. As exportações atingiram o valor médio official de 1.783:956\$732. Os impostos alcançaram neste anno a quantia de 149:059\$781.

**Rendas Municipais:** Arrecadação em 1914

Collectoria municipal: 74:440\$000

Collectoria estadual: 513:563\$649

Collectoria federal: 42:724\$060



#### ITAJUBÁ INDUSTRIAL.

**Companhia Industrial Sul Mineira:** Fundada em 1898, com o título de Companhia Força e Luz de Itajubá, com capitaes subscriptos dentro do município, destinou-se a principio unicamente á exploração de força, luz e telephone dentro do círculo restricto da cidade. Em pouco tempo seu capital foi ampliado para 1.600:000\$.

A Companhia divide-se em diversas secções: Secção Bancária, que mantêm correspondência com quasi todos os estabelecimentos similares do paiz; Serviço Hydro Eléctrico de Itajubá, que fornece energia para a luz pública e particular da cidade, para a Fábrica de Tecidos, para a Fábrica de Chapéus, a 2 máchinas de beneficiamento de arroz, a 1 serraria e a outras officinas. Além disso, a Companhia fornece energia para Maria da Fé, Villa Braz e

Piranguinho; Fábrica de Tecidos, a maior do Sul de Minas Geraes, localizada nas proximidades da estação ferroviária, occupa uma área de 7.000 ms<sup>2</sup> e emprega mais de 250 operários, produzindo 7.200 ms de pano por dia; Fábrica de Cigarros e Charutos, que utiliza machinismos movidos a energia eléctrica na preparação e aproveitamento do fumo em corda.

**Companhia Manufactory Progresso de Itajubá:** Fundada em 1913, para a exploração commercial e industrial da fabricação de chapéus de pello, lã, palha e chapéus de sol. Ocupa uma área de 1.584 ms<sup>2</sup>, e os machinismos, movido a electricidade, são de procedência italiana e norte-americana. A matéria-prima empregada é de procedência franceza, ingleza e belga, e a fábrica está aparelhada para uma produção diária de 600 chapéus.

**Outras indústrias:** Fábrica de Telhas e Ladrilhos (Pinto, Braga & Cia, na rua Santos Pereira); Padaria e Fábrica de Biscoutos (de Joaquim Rodrigues Pinto, na rua Cel. Francisco Braz); Fábrica de Massas Alimentícias (Chiaradia & Sanches, na rua Santos Pereira); Máchina de Beneficiar Arroz (Carvalho & Dias, na rua Cel. Carneiro Jr.); Máchina de Beneficiar Café (Cel. João Carneiro Jr., na praça da Estação); Serraria (Carvalho, Dias & Comp., na praça da Estação); Fábrica de Balas (na rua da Fábrica); Fábrica de Cerveja (Lippe & Rossini, na rua da Fábrica); Fábrica de Cerveja (João Carlini & Irmão, na rua Miguel Braga); Fábrica de Bebidas (Anna S. Hartig, na rua Miguel Braga); Fábrica de Chapéus (Eduardo Ursini); Fábrica de Massas Alimentícias (Angelo Marzulo, na rua Cel. Carneiro Jr.); Fábrica de Móveis (Capello & Barone, na rua Eugênio Sales, canto da praça da Estação); Máchina de Beneficiar Café (Carvalho, Dias & Comp., na propriedade agrícola denominada Paiol).

Além destes estabelecimentos fabris, o município conta com várias olarias e engenhos de canna.



#### INSTRUÇÃO

**Instituto Electro-téchnico e Mecânico:** Installado em edificio próprio á rua Dr. Rennó, em ponto central da cidade, o Instituto, inaugurado em 1913, destina-se ao preparo dos engenheiros electricistas e mecânicos, tendo os cursos um cunho eminentemente práctico e a theoria estrictamente necessária. Seu director é o Dr. Theodomiro Santiago; vice-director e director em exercicio, Dr. Olyntho Carneiro Villela.

**Gymnásio de Itajubá:** Fundado pelo Dr. Belarmino de Menezes em 1903, foi equiparado ao Gymnásio Nacional em 1908. Funciona em prédios situados nos melhores pontos da cidade, occupando todo um quarteirão; dispõe de amplas salas de aula, dormitórios hygiénicos e recreios espaçosos. O programma de estudos comprehende o ensino primário e secundário.

**Collegio Sagrado Coração:** Dirigido pelas Irmãs da Providência, funciona em prédio municipal construido nos arredores da cidade, na rua Xavier Lisboa. O Collegio é para o sexo feminino, e se divide nas seguintes secções: Instituto de Surdas-Mudas (único no género existente em todo o Brasil), Escola Normal (equiparada ás escolas officiaes em 1911) e Jardim da Infância.

**Externato N.S. da Glória:** Fundado pelas professoras Da. Isaura Santos e Da. Laurinha Pinto, funciona em prédio construido á rua Sylvestre Ferraz. Ministra ensino primário para ambos os sexos.

**Lyceu N.S. Auxiliadora:** Fundado por Joaquim Severino de Paiva Azevedo em 1913. O estabelecimento, que funciona como externato

e internato para meninos, ministra os cursos primário e secundário, e acha-se installado em prédio da rua Cel. Francisco Braz.

**Instituto D. Bosco:** Com o intuito de diffundir o ensino agrícola prestando ao mesmo tempo assistência aos menores pobres e desamparados, o governo de Minas creou nesta cidade, em 1908, o Instituto D. Bosco, aproveitando-se o antigo edificio existente na Colônia Itajubá, a dois kilómetros da cidade. Seu director é o Sr. Jarbas Guimarães. O Instituto ministra a seus educcandos instrucção primária, ensino de agricultura prática e noções de artes e officios mais necessários á vida rural, além de desenho e de música.

**Curso Nocturno:** Fundado em 1914 pelo professor Veggi, destina-se ao ensino primário e de algumas matérias do curso secundário, funcionando nas proximidades da Fábrica de Tecidos.

**Escolas primárias públicas da cidade:** O estado de Minas mantêm dentro da cidade 6 cadeiras sendo 3 masculinas e 3 femininas.

**Escolas primárias districtaes:** O governo de Minas mantêm uma cadeira masculina e uma feminina em cada um dos districtos de Soledade e Pirangussú.

**Escolas ruraes estadoaes:** São as seguintes as escolas ruraes funcionando em todo o município: Escola Rural Mixta da Colônia Itajubá, Escola Masculina do Bairro dos Antunes, Escola Mixta do Bairro da Água Limpa, Escola Mixta do Bairro do Jurú, Escola Mixta do Bairro do Rio Manso, Escola Masculina do Bairro dos Marins e Escola Masculina do Bairro da Roseta.

**Escolas Municipaes:** A Câmara Municipal mantêm 3 escolas ruraes nos Bairros de Roseta e Queimada.

O município conta com 33 estabelecimentos de ensino, com 2.008 alumnos matriculados.



**Districto da séde -** A cidade de Itajubá fica no Valle do Sapucahy, a 2°33' de longitude Oeste do meridiano do Rio de Janeiro, e 22°26' de latitude meridional, com uma população approximada de 6.000 almas.

A quem entra na cidade, pela Rêde Sul-Mineira, cuja estação foi inaugurada a 28 de setembro de 1891, depara-se logo á Rua Cel. Carneiro Júnior, (chefe político do município), rua larga e óptimamente arborizada, que se inicia na praça da Estação, terminando á praça Capitão Gomes. Bem ao centro, tendo no extremo a matriz e prolongando-se além do Jardim Municipal, fica a rua Cel. Rennó, (ex-presidente do município), toda calçada. Tem mais a cidade as seguintes vias públicas: rua Santos Pereira (chefe do município na quadra imperial); rua Major Pereira (itajubense extinto, de familia tradicional) rua dr. Américo de Oliveira (político e médico); rua Commendador Schumann (ex-deputado estadual e actual director do Archivo Público Nacional); rua Cel. Pereira Júnior (político); rua Barão do Rio Branco (chancellor brasileiro); rua Dr. Cabral (extinto magistrado itajubense); rua Cel. Francisco Braz (ex-presidente do município); rua Sylvestre Ferraz (político e parlamentar da monarchia, que contribuiu para a vinda da estrada de ferro para esta cidade); rua Cel. Joaquim Francisco (do directório político local durante o império); rua Dr. Xavier Lisboa (clínico); rua José Joaquim (itajubense extinto, de familia tradicional); rua Miguel Braga (capitalista); rua Eugênio Salles (ex-deputado provincial).

Entre as praças destacam-se: a praça Cesário Alvim (presidente de Minas no Governo Provisório); praça Dr. Olyntho (ex-magistrado); praça Dr. Wenceslau Braz (actual Presidente da República); praça Da. Amélia Braga (capitalista e benfeitora); praça Capitão Gomes.



Nos arredores da cidade acha-se a "Villa Lúcia", com 17 ruas onde estão concluídos perto de 40 prédios com 2 fogos destinados á residência de operários empregados em nossas indústrias. A Villa é iluminada e dotada de água potável.

Para diversões públicas, existe um jardim que toma quasi toda a área da praça Cesário Alvim e onde se ostentam lindos taboleiros de gramma, bellas palmeiras e outras árvores, alameda para passeio, coreto em que aos domingos a Corporação Musical executa retretas, aquário com gracioso repucho, um pequeno bar com bebidas, cigarros, fructas, etc., cuidadosamente tratado por um profissional e que é o ponto de *rendez-vous* da elite social. Este logradouro é fartamente iluminado.

Funcionam no centro dois cinematographos que exhibem *films* das mais conceituadas fábricas, um de Joaquim Rodrigues Pinto, o cinema-theatro Edison, e outro da firma J.M.Garcia e Filhos, o Bijou Salon.

Existe mais uma pista de patinação (*rink*), trapézios, tiro ao alvo e outras diversões exploradas por Martiniano Vianna Júnior, *ground de foot-ball*, etc.

No extremo da rua Cel. Rennó, dominando o perímetro urbano de uma collina, está a igreja matriz, com uma torre e frontispicio de ordem compósita. Dentro, possui o altar-mór com a imagem de N.S. da Soledade.

Os outros templos existentes são: a Igreja de N.S. dos Remédios (ao lado do Collegio das Irmãs da Providência), e a capella de São Benedicto, no extremo da Rua Major Pereira. Na Santa Casa existe uma capella particular, e no cemitério público outra, que serve de jazigo da família Rennó.

Entre os edificios públicos está o Fórum, na praça Amélia Braga, dividindo-se em dois pavimentos: no primeiro, funcionam a secretaria da Câmara, a Colectoria Estadual e os Cartórios; no pavimento superior ficam as salas das sessões municipaes e das audiências da magistratura, os gabinetes dos juizes de direito e municipal e do promotor, a sala do jury e a sala secreta.

A Santa Casa de Misericórdia, creada em 2 de maio de 1897, com o título de "Sociedade Beneficente Itajubense", conta actualmente com 202 sócios effectivos, dispõe de 2 enfermarias, cada uma com 10 leitos, além das existentes no pavilhão isolado de tuberculosos, pharmácia e outros departamentos.

Na praça Cesário Alvim está o Club Literário e Recreativo Itajubense, onde acontecem bailes, conferências, concertos; tem também salão de bilhares e outros jogos e salão de leitura. Ali se realizam todas as reuniões do escol e todas as noites é o ponto de palestra e leitura dos jornaes do Rio, São Paulo e Minas. O Club mantém uma Bibliotheca.

A cidade, por um contracto firmado com a Companhia Industrial Sul-Mineira, é *illuminada* por mais de 1.000 lâmpadas de 50 velas, nas ruas, e lâmpadas de 200 velas, nas praças, tendo também a rede de telephones que a communica com os districtos, existindo na cidade perto de 50 aparelhos de propriedade da Cia. Bragantina.

A água potável, de boa qualidade, vem de nascentes no alto das serras visinhas, estando captados 3 mananciaes, um no morro do Cafesal e outros dois na fazenda do Morro Grande. Os mananciaes abastecem a cidade com 760.000 litros por dia.

Há também uma rede de exgottos de pouco desenvolvimento.

A cidade tem 6 hotéis, 4 pharmácias, 4 médicos, muitas casas de pensão, várias officinas, casas commerciaes e confeitarias.

Existem na cidade, entre os tributados pelo imposto predial e os não tributados, de 600 a 700 prédios.

Quanto ao fornecimento de carne verde á população, as leis municipaes exigem a mais vigorosa assepsia nos açougues, tendo a Câmara construido um Matadouro-modelo, num trecho próximo do rio Sapucahy, obedecendo a uma planta similar do de Bello Horizonte. O matadouro rende ao município 2:000\$ annuaes.

O Mercado Municipal, situado na Praça Dr. Olyntho, realiza o systema de feiras dominicaes, abrindo-se ás 6 horas da manhã e encerrando-se ás 4 horas da tarde. Pode-se avaliar em perto de 3.000 o número de capados que são vendidos annualmente, a retalho, dentro do mercado, o que dá um total de 15.000 arrobas.

A 904 metros, sobre uma elevação, fica o Cemitério Parochial cercado de gradil e muro. Na entrada, o túmulo do Barão de Camanducaia, o primeiro corpo sepultado no novo Campo Santo.

A cidade é arborizada em grande parte, empregando o município mudas importadas e do viveiro mantido pela Câmara, sendo as espécies mais plantadas o Ficus, Magnólias das duas qualidades, Flamboyants, Terminárias, Cataipas, Dilenéas e Grevilhas.

Em ponto afastado fica o bairro denominado Canudos ou Floresta, onde reside grande número de operários. A cidade divide-se em vários bairros: da Varginha, dos Remédidos, da Estação, da Fábrica e o Bairro Central.

O districto tem 2 1/2 léguas de N. a S. e 4 de L. a O.

**Bairros do Município de Itajubá:** Água Limpa, Santo Antonio, Bicas, Marins, Cubatão, Corrêgo Alegre, Rio Claro, Lavrinhas, Queimada, Roseta, Rosetinha, S. Francisco dos Campos, Ataque, Antunes, Mellos, Centro, Anhumas, Rio Manso, São João, Jurú, Capetinga, Anno Bom, Campos do Ribeirão Vermelho, Campo Moreira, Gusmão.

#### AUTORIDADES E PROFISSIONAIS

**Câmara Municipal:** Installada no edificio do Fórum, funciona das 11 ás 3 horas da tarde.

Presidente e Agente executivo: Cel. Jorge de Oliveira Braga

Vice-presidente: José Rennó Pereira

Vereador-secretário: Frederico Teixeira de Magalhães Leite  
Vereadores: Francisco Rodrigues Pereira, Marcolino Ribeiro de Carvalho, José Carlos da Costa e Silva, Narciso José Brasil, Cel. Paulo Chiaradia, Antonio Lúcio Borges, Bernardo Domingues Pereira da Silva, Severiano Ribeiro Cardoso.

**Autoridades da Comarca:**

Juiz de direito: Luiz Rennó

Juiz municipal: Miguel Archanjo de Souza Vianna

Promotor de justiça: Antonio Salomon

**Autoridades Policiaes:**

Delegado de Policia: Amadeu Chiaradia

**Vigário:** Cônego José Salomon

**Juizes de paz:** Tenente Balduino Vieira Salgado (1º), Dr. José Dias Coelho (2º) e Francisco José Pereira (3º).

**Funcionários Estadoades:**

Engenheiros: João Baptista Randolpho Paiva e Fritz Hoffmann

Collector: Antonio Pereira Rennó

Fiscal da circunscripção: Capitão Plínio Brasil

Director da Colônia Itajubá: Jarbas Guimarães

**Funcionários Federaes:**

Collector: Cel. Abel Pereira dos Santos

Fiscal de consumo: João Rennó

Agente do Correio: Luiz Dalle Afflalo

Carteiros: Olympio Ribeiro da Silva e Francisco Lopes Storino

**Médicos:** Antonio Maximiano Xavier Lisboa, Manoel Barbosa Lima, João Sebastião Ribeiro de Azevedo e Braz Reale.

**Pharmacêuticos:** Cel. Jorge de Oliveira Braga, Eurico Vianna, Antenor Menezes, Carlos Sebastião Ribeiro de Azevedo, Thomaz Aldano e José Roque.

**Dentistas:** Tenente Balduino Vieira Salgado, Frederico Teixeira de Magalhães Leite, Matheus Rabello e A. Cantelmo.

**Advogados:** Antonio Salomon, Olyntho Carneiro Villela, Carlos Azevedo, Amadeu Chiaradia, Fructuoso Ramos de Lima, Frederico Teixeira de Magalhães Leite e Francisco Rosa.

**Engenheiros, agrimensores, cartographos, constructores e**

**architectos:** João Baptista Randolpho Paiva, Armand Bertholet, Victor van Helleputte, Arthur Tolbecq, Fritz Hoffmann, João Oswald Crawford, Leandro Alves Senne, Benedicto Santos, Moisés Luigi.



**Agente da Estação:** Luiz Rennó Pereira

**Telegraphista:** Antonio Prado

**Encarregado do Serviço Telephônico:** Sebastião Ribeiro Sobrinho

**Jornaes:** Publicam-se na cidade os seguintes jornaes e revistas: Gazeta de Itajubá, A Notícia e Mostra te esse Matrem.

**Livreiros:** José Conrado Chaves e Lima & Pereira

**Typographos:** Geraldino de Medeiros e Francisco de Araújo !!

5



Foto de Numa Viallet, do início da década de '20, tirada do Morro da Coruja ou Morro da Caixa d'Água. Nesta época, a cidade dividia-se em seis bairros: Centro, Remédios, Varginha, da Estação, da Fábrica e Canudos ou Floresta (bairros operários), e tinha cerca de 700 construções.

6



Perspectiva da rua Direita, hoje rua Cel. Rennó, no ano de 1897, em foto de François Soucaseaux. Ao fundo, a igreja matriz de N.S. da Soledade, no aspecto que conservou até a reforma de 1912.

Em primeiro plano, à esquerda, o "Theatro Santa Cecília", inaugurado em 6 de janeiro de 1873 com a ópera cômica "O Primo da Califórnia", de Joaquim Manoel de Macedo, musicada pelo itajubense Honório José de Oliveira, e mais a comédia "A Homeopatia". As apresentações ficaram a cargo da Sociedade Recreio Dramático.

O Teatro Santa Cecília foi um marco importante na vida cultural da cidade. Viabilizado pela Sociedade União Auxiliadora de Teatro, presidida por Aureliano Moreira Magalhães, o prédio foi construido graças ao empenho de 130 acionistas, que se quotizaram para levantar o capital necessário mediante a aquisição de ações cotadas a dez mil réis cada.

Além de sediar eventos relevantes, comemorações e encontros políticos, o teatro foi também o primeiro cinema da cidade, numa época em que o operador carregava o seu equipamento — popularmente conhecido como "lanterna mágica" — constituído de conjuntos mecânicos e ópticos e recipientes para a produção de luz.

A projeção era feita por trás da tela, constantemente molhada para que se obtivesse a transparência necessária ao surgimento das imagens.

Por volta de 1903, José de Almeida da Cunha Jr. promovia sessões periódicas no teatro, com seu "biógrafo" ou "animatógrafo", aparelho um pouco mais aperfeiçoado que os anteriores. Em 1910, José Martin Garcia instalou, no mesmo prédio, em caráter permanente, o Cinema Recreio Itajubense.

Registre-se, como curiosidade das origens do teatro, a recomendação feita aos frequentadores das frisas para que levassem suas próprias cadeiras.

O "Theatro Santa Cecília", que existiu por 45 anos, localizava-se na esquina da rua Direita com a travessa Santa Cecília ou rua do Teatro, hoje, respectivamente, rua Cel. Rennó e rua Olavo Bilac. Os quatro travessões presentes na fachada serviam, provavelmente, para a colocação de lampiões a querosene, como o que se vê no canto direito da foto.

Na parede lateral do prédio applicou-se, com recursos de fotomecânica, partes (recompostas) de um anúncio de espetáculo, publicado no jornal "A Verdade", em 1880.

7

Perspectiva da avenida Cel. Carneiro Jr. em 1915, à época chamada rua Nova — denominação que ainda hoje permanece — e rua da Estação. Seu traçado e sua arborização copiavam elementos de estilo de uma rua da cidade canadense de Quebec. A foto (de Pedro Rebello ou Jean Douat) foi tirada da confluência da avenida com a atual praça Wenceslau Braz.

Em primeiro plano, "carros de aluguel" que circulavam pela cidade e até mesmo em linhas para distritos e municípios vizinhos. Em cima do primeiro carro, o cocheiro ou "boleiro" Benedito da Nhá Flor.

Próximo ao carro, em pé, de uniforme, Olympio Ribeiro da Silva, o Olympinho, tipo popular da cidade, nomeado estafeta em 1901, e que se encarregava do transporte das malas postais entre a estação ferroviária e a agência dos Correios e da sua distribuição.

No requadro, a mesma vista da avenida, tomada em 1934 por autor desconhecido, copiada dos arquivos da Imbel. A reurbanização pela qual havia passado alterou sua configuração. À esquerda, uma "jardineira", da empresa Santa Therezinha, que fazia a linha Estação Ferroviária - Pacatito (Imbel). Veículos como esse, com sete bancos de madeira, eram adaptações de modelos de caminhão Ford 1936, feitas pelo proprietário da empresa, João "Reboque".

8



A igreja matriz de Nossa Senhora da Soledade — construída no local onde foi rezada a primeira missa, a 19 de março de 1819 — na configuração que adquiriu após a reforma pela qual passou em 1912. A torre arredondada incorporou o campanário, que, anteriormente, era exterior á construção. Esta reforma, coordenada pelo arquiteto-construtor Moisés Luigi, teve a supervisão do cônego José Salomon. Em 1926 a torre foi substituída pela atual, em obras supervisionadas por Conrado Zepff. A foto, da década de '20, é de autor desconhecido.



No requadro maior, o mesmo ângulo da matriz, mostrando a rua Cel. Rennó em 1920. À esquerda, descendo a rua, a casa do médico Antônio Maximiano Xavier Lisboa e o casarão que, depois de servir de residência ao comerciante, fazendeiro e capitalista Miguel Braga, seria a primeira sede da Escola Normal Sagrado Coração de Jesus. À direita, o prédio do Instituto Eletrotécnico e Mecânico e a casa de Luiz Rennó, juiz de Direito. O calçamento, feito com pedras irregulares, era conhecido como "pé-de-moleque", denominação que ainda hoje vigora.

No requadro menor, uma perspectiva mais distante da rua Cel. Rennó, tomada das proximidades da atual praça Amélia Braga. No centro da foto-tirada em 1914 por Pedro Rebello-no local da atual praça Theodomiro Santiago, localiza-se um conjunto de quatro estátuas apoiadas sobre colunas, alegoria das quatro estações do ano. À direita do conjunto, o coreto. Em ambos os requadros nota-se a ausência do relógio da igreja.

9

Perspectiva da rua Dr. João de Azevedo, que também se chamou rua Major Pereira, tomada de um canto da atual praça Theodomiro Santiago, por volta de 1930. Autor desconhecido.

À esquerda, o "Cine-Theatro Apollo", construído pelo empresário Eulálio Pinto em 1924. Aí se apresentariam várias companhias de teatro e de variedades e artistas nacionalmente conhecidos, e aconteciam, além de exibições de filmes, solenidades de formatura, recitais, concertos e competições de boxe e luta livre.

Logo após, na esquina, a casa que serviu de residência ao industrial e homem de negócios major João Pereira. Na esquina seguinte, parte do ainda existente edifício do Grande Hotel Itajubá, também construído no início da década de '20, pela empresa Braz, Osório & Cia.

No final da rua, em plano recuado, a Igreja de São Benedito, inaugurada em 1907, no local onde se situa a confluência da rua Dr. João de Azevedo com a praça Luiz Dias, e demolida em 1940 para permitir o prolongamento daquela rua em direção ao novo bairro do Morro Chic. A nova igreja dedicada ao Santo seria inaugurada em 1946, no bairro da Varginha.

O automóvel de aluguel (placa com letra A) estacionado no ponto de táxis da praça é um Chevrolet 1929, de quatro portas, equipado com rodas de madeira, modelo conhecido como "Ramona".

No requadro, a mesma rua, em vista tomada a partir da atual praça Wenceslau Braz; a foto, feita em 1934 por autor desconhecido, foi reproduzida dos arquivos da Imbel. À esquerda, a casa comercial "A Liberty", dos irmãos Chaves, "o maior e mais completo estabelecimento comercial das primeiras décadas deste século, onde se encontrava fazendas, chapéus, armarinhos, calçados, lingerie, malharia, perfumarias, roupas feitas, eletrodomésticos, brinquedos, discos e vitrolas, livros e material fotográfico", conforme relata Armelino Guimarães em sua "História de Itajubá".

Após a loja, a sede do Banco de Itajubá, a residência de Olyntho Carneiro Villela, e a barbearia de Vicente Gesualdi, a maior que a cidade já teve, com seis cadeiras, e que funcionou até quase fins da década de '40.

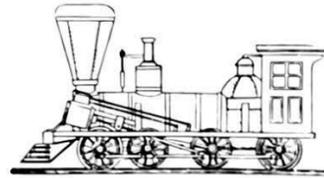
10

Reprodução de original da "Foto Postal Colombo", produto da empresa de São Paulo (sem confirmação definitiva) cujos profissionais registravam vistas, eventos e marcos de cidades sul-mineiras próximas a Itajubá.

Este postal, da década de '40, enfoca uma perspectiva, tomada da parte superior do atual prédio do mercado municipal, da ponte "Randolpho Paiva", também conhecida à época como Ponte dos Arcos e Ponte de Cimento. A ponte levava o nome de seu construtor, "engenheiro-geógrafo" João Baptista Randolpho Paiva, diplomado pela Escola Politécnica do Império, em 1874, no Rio de Janeiro. Em Itajubá, o engenheiro Paiva exercia os cargos de fiscal da Rede Sul Mineira e de engenheiro do Estado.

Paiva projetou outros marcos importantes da cidade como o antigo Fórum (atual sede da Prefeitura Municipal), cuja construção foi concluída pelo arquiteto-construtor Moisés Luigi em 1911. Faleceu em 1º de junho de 1934.

11



A estação da Rede Sul Mineira de Viação, depois Rede Mineira de Viação, na chegada de um comboio. Foto de Pedro Rebello, talvez de 1914. O prédio da estação foi inaugurado em 28 de setembro de 1891.

No ano de 1888, o jornal A Verdade descrevia partes do projeto da Estrada de Ferro do Sapucahy, que ligaria Soledade a Pouso Alegre, passando pelas estações do Carmo (depois Sivestre Ferraz, hoje Carmo de Minas), Christina, Serra (Maria da Fé), Itajubá, Vargem Grande (depois Villa Braz, hoje Brazópolis), Alegre (hoje São José do Alegre) e Santa Rita (hoje Santa Rita do Sapucaí).

12



Foto da praça Cesário Alvim, hoje praça Theodomiro Santiago, por volta de 1960. Nesta época a praça ainda mantinha, além de seus canteiros de traçado sinuoso e bancos doados por casas comerciais e famílias tradicionais, os postes ornamentados, de ferro fundido, e os globos de bola.

No requadro superior, a praça no início da década de '30. No plano de fundo os prédios da Farmácia Jorge Braga e do Grande Hotel Itajubá, ambos construídos no início da década de '20. Junto à farmácia funcionava o consultório do médico Sodrê de Castro, especialista em "moléstias das crianças". Os letreiros de propaganda, afixados sobre o da farmácia, são de remédios então em voga: Cafiaspirina, Instantina, Mitigal e Tônico Bayer. Estacionados ao lado da praça, aparecem quatro automóveis Chevrolet 1929, do modelo conhecido como "Ramona"; em frente ao hotel está um Ford 1931, chamado de "Cristaleira" ou "Guarda-Louça".

No requadro inferior, uma foto de Numa Viallet, de 1935, mostrando o ponto dos "carros de praça". Afirma-se que as palmeiras que margeiam o perímetro da praça foram plantadas no começo do século pelo Cel. Francisco Braz.

13

Perspectiva da praça Theodomiro Santiago no final da década de '40, tomada de uma das janelas do Grande Hotel. A partir do lado

esquerdo da foto: casa do empresário Adolpho Pereira, casa de Amélia Braga e o prédio do Hotel Correia, depois Hotel São José.

Em plano mais elevado, no centro da foto, o prédio da Santa Casa, inaugurado em 28 de outubro de 1925. A construção mais ao fundo, com inúmeras janelas, é o Asilo Santa Isabel, para meninas desamparadas, fundado em 1921 e hoje em ruínas. O asilo ficava no final da rua da Biquinha, hoje rua Oliveira Marques.

Os automóveis que aparecem na foto são: Chevrolet Luxo 1941 e Ford Standard 1940 (canto inferior esquerdo) e Ford 1946 (poste).

14

Um trecho da rua Cel. Rennó, visto da praça Theodomiro Santiago, em bico de pena de autoria de Omar Fonseca, integrante de uma série de desenhos feita no início da década de '60. Omar Fonseca é itajubense e trabalhou na cidade até 1954 como desenhista técnico.

À direita, no desenho, a residência do major João Pereira, do outro lado, o "Cine-Theatro Apollo", e, ao fundo, a igreja matriz.

No requadro, fotografia tirada do mesmo ângulo, sem data definida. Note-se o enquadramento do desenho e da foto pelo banco da praça em primeiro plano, à esquerda.

15

Trecho da rua dos Remédios, hoje rua Xavier Lisboa, em bico de pena de Omar Fonseca, integrante de uma série feita no início da década de '60. Em primeiro plano, à esquerda, a casa em que morou o Cel. Jorge de Oliveira Braga, agente executivo (prefeito) da cidade por 18 anos (seis mandatos). À direita, a casa da família Chaves, ainda existente, e, ao fundo, o Colégio Sagrado Coração de Jesus e sua capela anexa.

No requadro, o mesmo trecho da rua, em foto de Numa Viallet, provavelmente da década de '30.

16



Série de quatro pinturas a guache, de autoria do artista plástico Luiz Teixeira, feitas no final do século passado.

• *Canto superior esquerdo*: a estação ferroviária e parte do largo onde hoje se acha a praça Pereira dos Santos. O prédio à esquerda foi construído para abrigar a sede da fazenda Água Preta; mais tarde, seria a residência do padre Lourenço da Costa Moreira, fundador da cidade, e depois a sede do Hotel da Estação.

As pessoas que aparecem no quadro foram identificadas como Maria Teixeira, parenta do pintor; Frutuoso Ramos de Lima, jornalista e intelectual, e Justino Paulistano, funcionário do Fórum.

• *Canto superior direito*: o largo do Esgoto, onde hoje se localizam a praça Getúlio Vargas e o Grupo Escolar Cel. Carneiro Jr. Note-se a ponte, sobre o ribeirão José Pereira, e o coreto. Conta-se que aos domingos as pessoas iam ao largo ouvir as retretas executadas à sombra de uma grande figueira (centro do quadro); neste local eram também apresentados os famosos "circos de cavaleiros".

As pessoas que aparecem no quadro foram identificadas como Mestre Pinto, agente do Correio; Sá Chica, e o comendador Frederico Schumann, primeiro farmacêutico da cidade.

• *Canto inferior esquerdo*: trecho do rio Sapucaí, onde hoje se acha

o término da rua Luiz Vianna, no Porto Velho. Na pintura vê-se uma balsa, embarcação típica daquela época, que fazia o transporte de mercadorias por toda a região, aproveitando-se do leito navegável do rio. Mais tarde, as balsas seriam substituídas pela barca a vapor Guapi, da "Estrada de Ferro Sapucahy."

*Canto inferior direito*: o largo dos Passos, mais tarde praça Cesário Alvim e hoje praça Theodomiro Santiago. Era o local da cidade onde se realizavam as feiras e o comércio de pequeno porte. O prédio mais alto é a Câmara Municipal; as outras construções são residências e casas comerciais.

17



A residência do ex-presidente Wenceslau Braz Pereira Gomes, em foto de 1914, de Pedro Rebello, reproduzida da publicação "Município de Itajubá", de Pedro Bernardo Guimarães, editada em 1915. A praça na qual se localiza o palacete, construído pelo arquiteto-construtor Moisés Luigi, chamava-se praça Capitão Gomes; posteriormente, passou a ter o nome do ex-presidente.

No requadro, a casa, fotografada de outro ângulo, na década de '50, pela empresa Colombo. Identificaram-se os automóveis da foto como (da esquerda para a direita): Nash Ambassador 1951; Chevrolet Bel-Air 1951; Hudson 1947; Chevrolet 1939; próximo à bicicleta está um Opel 1948.

18

O primeiro "Club Literário e Recreativo Itajubense" foi fundado em 19 de agosto de 1880, e teve a curta existência de um ano. Em 17 de maio de 1897 foi fundado um outro clube, por um grupo de sessenta sócios. Até o início do século o Club Itajubense não tinha sede própria; funcionava em um prédio alugado (por 60 mil réis por mês) do advogado Luiz Rennó, o primeiro presidente da instituição. Este prédio, no mesmo local de sua sede atual, seria comprado, em 1906, por 12 contos de réis.

Em 1912, a sede passou por algumas modificações feitas pelo construtor Moisés Luigi; em 1920, outras modificações, segundo planta encomendada a Fritz Hoffmann.

Em 1924, o arquiteto Eduardo Piquet, formado pela École des Arts et Métiers de Angers, na França, iniciou uma grande reforma, baseando-se na planta do Petit Trianon, palácio de verão de Luiz XV, em Versalhes. Esta reforma previa a remodelação total da sede e a construção de seu segundo pavimento. As plantas do palacete original, bem como o mobiliário que seria colocado nos novos salões, seriam trazidos da Europa por José Braz Pereira Gomes, então seu presidente.

Em 15 de novembro de 1927 inaugurava-se a nova sede, cuja fachada seria mantida até os dias de hoje.

19

Foto de Numa Viallet, provavelmente da década de '30, mostrando o corpo principal da sede da Santa Casa de Misericórdia de Itajubá. A 2 de maio de 1897, Arlindo Vieira Goulart fundou a Sociedade Beneficente Itajubense, reunindo um grupo de 32 pessoas em sua casa, cada uma contribuindo com a quantia de 4.000 réis.



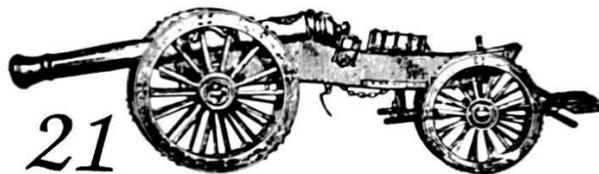
A primeira sede da Sociedade funcionou em prédio situado na esquina da rua Cel. Rennó com a rua Comendador Schumann, na praça Amélia Braga; em 1900, sua sede foi remodelada e ampliada, e o nome da entidade passou a ser Santa Casa de Misericórdia de Itajubá. No ano de 1903, mudou-se para outro prédio, na esquina da rua Dr. Pereira Cabral com a rua Comendador Schumann, na mesma praça. Seu primeiro clínico foi Antonio Maximiano Xavier Lisboa, e a primeira enfermeira a trabalhar na instituição foi Maria Pinto Paulista, conhecida por Sá Marica Luísa.

A pedra fundamental do prédio atual foi lançada em 28 de novembro de 1920. Projetado pelo arquiteto Eduardo Piquet (formado pela École des Arts et Métiers de Angers, França) e construído por Moisés Luigi, foi inaugurado em outubro de 1925.

20

A primeira cadeia da cidade foi instalada em 1849, em prédio adquirido por subscrição pública e adaptado para tal fim, localizado no início da rua Tenente Viotti (hoje rua Dr. Américo de Oliveira), no largo da Quitanda (hoje praça Adolpho Olinto). Mais tarde, a cadeia se mudaria para prédio próprio, na esquina das ruas Dr. Américo de Oliveira e Cel. Francisco Braz.

Em 1898, no governo de Bias Fortes, seria construído este prédio, na av. Cel. Carneiro Jr., esquina com a travessa Francisco Masselli.



Fotos da década de '30, reproduzidas dos arquivos da Imbel - Indústria de Material Bélico, unidade de Itajubá.

• Parte superior da lâmina:

À esquerda, início das obras de terraplenagem da Fábrica de Canos e Sabres para Armas Portáteis, no bairro do Pacatito, em 1934. Os terrenos para a construção da fábrica, doados ao Ministério da Guerra pelo prefeito Rodrigues Scabra, custaram ao município cerca de 50 contos de réis.

Conta-se que a abertura de "cachimbos" nos morros, como se vê na foto, causou vários acidentes, por ser uma fase difícil e perigosa dos trabalhos.

Ao centro, em foto descrita por Antônio Machado Jr., funcionário aposentado da Imbel: "Em 10 de junho de 1935, apresentaram-se à Direção da Fábrica os técnicos alemães da Casa Loewe, engenheiro K. Trotter e mestre K. Krueger, conforme publicado no Boletim Interno de 18/07/35. Em 30 de novembro de 1935, após a fabricação e comprovação dos canos, regressaram a Berlim. Em 1937, estes técnicos, em companhia do dr. Mueller, também da Casa Loewe, retornariam a esta fábrica para completarem a montagem das máquinas e para dar assistência direta ao desenvolvimento da produção recém-iniciada da Fábrica de Canos e Sabres para Armas Portáteis. Regressaram à Alemanha em 1938, tendo manifestado à Direção da Fábrica a excelente impressão que levavam do operário brasileiro. Nesta foto, eles (os técnicos alemães - N. do A.) aparecem juntamente com o engenheiro Hermínio Pedroso, mestres e funcionários da F.C.S.P.A.P."

À direita: inauguração do primeiro prédio, a oficina de Canos, em 16 de julho de 1935, exatamente um ano depois do lançamento da pedra fundamental. Na foto, a professora Georgina Restani faz o hasteamento da bandeira, entre autoridades, escolares e populares.

Parte central da lâmina:

As primeiras máquinas importadas da Alemanha, fornecidas pela

Casa Loewe. Da esquerda para a direita: fresadora, tornos, esmeril e furadeira-raideira.

• Parte inferior da lâmina:

Oficina de Ferraria (1936), oficina de Forjaria (1936) e oficina de Canos, funcionando em fase experimental (1935).



Prédio do antigo Colégio São Vicente de Paula, hoje parte do Convento das Irmãs da Providência.

Nos quadros: crucifixo nos jardins do Convento; prédios de construção posterior à da sede, ao fundo; vista do prédio depois das reformas.

As irmãs da Congregação da Providência de Gap, França, chegaram ao Brasil em 1904, vindas de Bornéus, para se estabelecer em Carmo do Rio Claro. Em 21 de junho de 1907 chegavam a Itajubá para fundar o Colégio Sagrado Coração de Jesus, que funcionaria em prédio cedido por Amélia Braga, na esquina das ruas Cel. Rennó e Santos Pereira.

Em 1912, fundaram o Instituto das Surdas-Mudas, anexo à Escola Normal, e ampliaram suas instalações para abrigar o Noviciado, então em implantação no Brasil.

Em 1914, as irmãs mudaram-se para o prédio da rua Xavier Lisboa; após a desativação do Colégio São Vicente de Paula, transferiram o Convento para suas instalações.

Registra-se que o Colégio foi fundado em 1925 pelo advogado e jornalista Geraldino Furtado de Medeiros. Seus primeiros diretores foram: diretor-geral, o padre João Baptista Van Rooyen; diretor-gerente, o engenheiro José Ernesto Coelho; e diretor-secretário, o advogado Luiz Gonzaga de Noronha Luz.



A Lira São José, apresentando-se no dia do aniversário da cidade, no final da década de '60.

Esta banda foi formada em 1º de maio de 1957; assinaram sua ata de fundação o padre Adão von Bach, Luiz Martins Riêra, José Almeida e Henrique Barbosa dos Santos.

Os músicos que aparecem na foto são: Ricardo Valério, prato (1); Paulo Eduardo Valério, tarol (2); Juca Rocha, maestro, piston (3); Ismael Galvão, Galvãozinho, clarineta e saxofone si-bemol (4); Antonio Camargo 1º, baixo (5); Assis, saxofone (6); Vanderly Rochael, clarineta (7); João da Silva, sax de harmonia (8); Manuel Borges, trombone de harmonia (9); João Inocêncio, piston (10); Euclides dos Santos, baixo em si-bemol (11); Pedro Ribeiro Alkmin, bombardino (12); Benedito Valério, piston (13); Luiz dos Santos, trombone de canto (14); Toninho, trombone de harmonia (15); Goiabinha, surdo (16); Carlos Galvão, saxofone tenor (17); Oscar dos Santos, clarineta (18); João Ribeiro Costa ou João Tetéia, trombone de canto (19).

No quadro, jogadores do Itajubense Futebol Club (também conhecido como Tigre Negro ou Camisas Pretas), primeiro clube de futebol da cidade, fundado em 7 de outubro de 1917.

A foto foi tirada por ocasião da partida entre o Itajubense e o combinado Paulista, em 1924. O combinado ganhou por 4 x 2; antes, entretanto, o I.F.C. havia batido os times de Cruzeiro,

Guaratinguetá, Lorena e São José dos Campos, de São Paulo, e o São Cristóvão, do Rio de Janeiro, numa campanha memorável. Nesta época, o campo de futebol ficava em local onde hoje se acha parte do bairro do Estádio; sua área era delimitada pelas atuais avenidas Cesário Alvim e João Antonio Pereira e ruas Joaquim Francisco e Comendador Schumann.

Na foto, de pé: o juiz da partida, e os jogadores Luízinho Amaral, Realino, Júlio Lescione, Aguiar, Olímpio Santos e Nelson Godói; sentados, Jovita, Germano, João Câncio, José Pedro e Brasilino.



Montagem reproduzindo títulos de 15 jornais dos mais expressivos já editados na cidade; entre eles, um exemplar do periódico Itajubá, pioneiro da imprensa itajubense, fundado em 1872 pelo advogado Aureliano Moreira Magalhães.

O primeiro tipógrafo da cidade foi Jesuíno Pereira Baião, vindo de Baependi à época em que o advogado adquiriu a tipografia que havia sido de sua propriedade.

Os exemplares que aparecem na montagem pertenceram à hemeroteca do historiador Armelino Guimarães.

25

No dia 11 de março de 1888, dois meses antes da promulgação da Lei Áurea, vários fazendeiros e cidadãos itajubenses, reunidos em praça pública, declararam a extinção da escravidão no município, o que colocou Itajubá como a primeira cidade de Minas a libertar seus escravos. José do Patrocínio impressionou-se com o fato, e, em discurso, referiu-se a Itajubá como "Cidade Luz".

Entre os abolicionistas itajubenses mais atuantes relacionam-se Aureliano Moreira Magalhães e Fructuoso Ramos de Lima.

À esquerda: anúncio de fuga de escravo, publicado na página da Gazeta Commercial, edição de 23 de julho de 1888, oferecendo recompensa a quem o levasse de volta a seu proprietário, Victor Gomes Teixeira.

Centro: reprodução da primeira página do jornal A Verdade, abolicionista, com a notícia da sanção da Lei Áurea pela Princesa Isabel.

À direita: notícia publicada na Gazeta Commercial, edição de 8 de fevereiro de 1888, referindo-se a pessoas que libertaram seus escravos antes da Lei Áurea. A notícia comenta a eventual agitação social que poderia advir da ação dos abolicionistas que percorriam as fazendas da região conclamando os escravos a se libertarem.

26

É a seguinte a relação entre os anúncios e os jornais e revistas nos quais foram publicados, com as respectivas datas:

- Consultório Médico-Cirúrgico: Gazeta Commercial, 1880.
- Grandes Manufatores de Roupas: A Verdade, 1880
- Seção Alheia (agradecimento da Santa Casa): Gazeta de Itajubá, 1904
- Fructuoso & Filho: A Evolução, 1902
- Smart Rink: Século XX, 1913
- Atelier Barros: Século XX, 1913
- Escola Normal e Instituto Profissional Feminino, Empreza

Funerária, Studio-Photo Viallet, Assúcar Pérola, Casa Liberty, Bazar Pecorelli: O Itajubá, 1924

• Festa de São Sebastião: Gazeta de Itajubá, 1910

• Casa Syria: Tribuna Mineira, 1924

• Bar Acadêmico: Século XX, 1913

• Tango para piano: A Verdade, 1888

• Casa Euterpe, Fábrica de Massas Alimentícias, Stúdio-Photo Viallet, Sapataria Rimon, Chácara à venda, Collégio Nossa Senhora da Glória, Despensa do Povo: Tribuna Mineira, 1924



27

Fotos da Escola de Horticultura; data desconhecida

A origem da Escola de Horticultura foi a fundação do Instituto Dom Bosco, em 1908, por iniciativa de Wenceslau Braz, então presidente do Estado. O Instituto seria instalado em terreno dentro dos limites da Colônia Itajubá, formada por famílias de colonos europeus, que se dedicavam à agricultura e ao seu ensino.

Além de desenvolver um trabalho assistencial — pois recebia os meninos pobres da cidade e região — o Instituto também mantinha os cursos profissionalizantes de alfaiataria, sapataria, carpintaria, marcenaria, ferraria, serralheria e serraria. Fazia parte ainda do currículo dos internos a instrução a nível primário e secundário, aulas de agricultura, instrução militar, desenho, pintura e música.

A construção do novo prédio (nas fotos), segundo projeto do arquiteto Eduardo Piquet, terminou em 1931. Theodomiro Santiago transformou o antigo Instituto em Escola de Horticultura, orientando a formação de seus alunos para atividades agrícolas. Da estruturação desta nova fase da Escola participaram os professores Louis Saublens, belga, e Américo Lopes da Silva, português.

28

Fundado pelo engenheiro e educador Belarmino de Menezes em 1904, o "Gymnásio de Itajubá" instalou-se no casarão que pertencera ao comerciante e fazendeiro João Rennó, onde mais tarde funcionaria a Casa de Ordens do IV Batalhão de Engenharia e Combate e em cujo local se construiria o prédio do "Cine-Theatro Apollo". Inicialmente, a instituição era mantida por uma sociedade de capitalistas itajubenses.

Belarmino de Menezes faleceu em 1906, e o diretor que o sucedeu foi Theodomiro Santiago; em 1908, foi obtida a sua equiparação ao Gymnásio Nacional, do Rio.

Em 1925, o Ginásio mudou-se para um prédio na esquina das ruas Santos Pereira e Cel. Rennó, de propriedade de Da. Amélia Braga.

O Ginásio era orientado para a preparação de alunos ao ingresso em cursos superiores, daí serem os alunos do último ano conhecidos como "preparatorianos"

As fotos mostram o primeiro prédio onde funcionou o ginásio, a direção e o corpo docente em 1914 (foto de João Douat) e parte de seus laboratórios; no centro da prancha, reprodução de anúncio publicado em 1910 na Gazeta de Itajubá.

Identificam-se na foto as pessoas — ao centro, Olyntho Carneiro Villela, diretor; à direita, cônego Lauro de Castro e Victor Van Helleputte, professores; à esquerda, Jorge Tibiriçá de Boucherville e Carmo Cascardo, secretários; de pé, da esquerda para a direita, José de Sá Barreto, Pedro Bernardo Guimarães e Francisco Rosa, professores, e Luiz Goulart e Chaves, vigilantes.



29

Grupo de alunos e professores do "Gymnásio de Itajubá" em passeio pela zona rural, posando para esta foto de João Douat, em 1912. Esta foto mais tarde seria publicada na Gazeta de Itajubá, em matéria noticiando o regresso de Theodomiro Carneiro Santiago de sua viagem à Europa e aos Estados Unidos.

No grupo de professores identificam-se, da esquerda para a direita, de cima para baixo: Antonio Salomon, aspirante Alberto Masson Jacques, padre Luiz Donato, Pedro Bernardo Guimarães e Carmo Cascardo; Olyntho Carneiro Villela, Theodomiro Carneiro Santiago e Jorge Tibiriçá de Boucherville.



30

*Canto superior esquerdo:*

• Alunos do "Atheneu Itajubense", dirigido pela mestra Rita de Andrade. Lecionavam também no Atheneu o marido de Da. Rita, professor Rodolpho de Andrade (ambos da cidade paulista de Mococa) e Da. Júlia do Amaral.

A instituição mantinha os regimes de internato e externato, e teve curta duração: o jornal itajubense A Verdade noticiou seu fechamento em 1893. Um de seus mais ilustres alunos foi Theodomiro Carneiro Santiago. Foto de 1885 (sem confirmação); o original pertence ao Museu Theodomiro Santiago.

*Canto superior direito:*

• Lyceu Nossa Senhora Auxiliadora, tradicional estabelecimento de ensino da cidade, fundado em 1915 por Joaquim Severino de Paiva Azevedo e que funcionava em prédio da rua Cel. Francisco Braz. Era internato e externato para meninos, e ministrava instrução primária e secundária. Foto de 1915, de Pedro Rebello.

*Canto inferior esquerdo:*

• Banda formada por alunos do Instituto Dom Bosco, sob a regência do maestro Francisco Nisticó. O Instituto funcionava nas terras da Colônia Itajubá (grupo de colonos europeus), foi fundado em 1908, e acolhia meninos pobres a quem ministrava educação primária, noções de agricultura e práticas de várias artes e ofícios.

Mais tarde, o Instituto se transformaria na Escola de Horticultura. Foto de 1915, de Pedro Rebello ou João Douat.

*Canto inferior direito:*

• Grupo de alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus, posando para esta foto de 1915, de autoria de João Douat, na escadaria da casa do então presidente Wenceslau Braz. O Colégio era dirigido pelas Irmãs da Providência e funcionava em prédio da rua Xavier Lisboa, que pertencia à municipalidade.



31

Fotos publicadas no jornal A Careta, do Rio de Janeiro, e copiadas dos arquivos pessoais do professor Antônio Rodrigues d'Oliveira.

Inauguração do Instituto Eletrotécnico e Mecânico de Itajubá, em 23 de novembro de 1913. A solenidade foi prestigiada por políticos e autoridades vindos da capital do País e do Estado, e foi coberta por jornais do Rio, São Paulo e Belo Horizonte.

No primeiro requadro, o vice-presidente da República, Wenceslau Braz, quando foi receber o presidente Marechal Hermes da Fonseca na estação da Rede Sul Mineira.

No requadro ao lado, em primeiro plano, o vice-presidente, levantando o chapéu, em saudação ao Marechal Hermes. Pode-se identificar no grupo: à direita do Marechal, em plano pouco recuado, Delfim Moreira, secretário do Interior de Minas; à esquerda, o general Pinheiro Machado, vice-presidente do Senado Federal.

Além destas autoridades, faziam parte da comitiva as seguintes pessoas: Sabino Barroso, presidente da Câmara dos Deputados; Rivadávia Correia, ministro da Fazenda; Barbosa Gonçalves, ministro da Viação e Obras Públicas; Paulo de Frontin, diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil e da Escola Politécnica do Rio; Urbano dos Santos e Bernardo Monteiro, senadores; Alair Prata e Cristiano Brasil, deputados federais; Fonseca Hermes e João Simplicio, deputados estaduais; general Barbedo, chefe da Casa Militar da Presidência; Oliveira Junqueira, Reginaldo Teixeira e Cunha Menezes, oficiais da Casa Militar; Eusébio de Queiroz e Magarinos de Souza, do gabinete da Presidência; Marques Pinheiro, da Gazeta da Tarde; Abner Mourão, jornalista de O País, e outros.

32

O prédio do Instituto Eletrotécnico e Mecânico, que pertencera ao cel. Antonio José Rennó, em foto de 1914, de João Douat. O bloco à direita ainda conserva suas linhas originais, embora tenha passado por reformas, como mostra o outro ângulo do prédio, tomado da esquina das ruas cel. Rennó e Santos Pereira pelo fotógrafo Viallet.

Em foto do interior do prédio, o saguão da Secretaria e da Administração do Instituto.

33

Reprodução de partes do livreto "Regulamento e Programmas" do Instituto, editado em 1915: a capa do livreto; os nomes da Direção e do Corpo Docente; relação das matérias e da carga horária durante os três anos do curso.

No canto inferior direito, requerimento do engenheiro Antonio Aureliano Chaves de Mendonça ao diretor do Instituto, Pedro

Mendes dos Santos, solicitando a expedição de seu diploma. Os originais que deram origem a estas reproduções fazem parte do acervo do Museu Theodomiro Santiago.

34

Levantamento topográfico feito no primeiro ano do curso pelo aluno Bernardino Costa Campos, da primeira turma formada pelo Instituto. No desenho, o Morro de São Benedito, onde terminavam as ruas Nova (cel. Carneiro Jr.) e do Esgoto (dr. João de Azevedo). O morro passaria por uma operação de desmonte, a jatos d'água, para aterrar o local onde atualmente se localiza o bairro do Morro Chic, identificado no desenho como Vargem.

O requadro mostra um teodolito, aparelho utilizado em levantamentos topográficos, ao lado de um caderno de notas do aluno. Com o desenho do aparelho, a identificação de suas partes e a descrição de sua operação. Originais pertencentes ao Museu Theodomiro Santiago.



35

Salas de aula, laboratórios e aparelhos que equipavam o Instituto. Da esquerda para a direita, a partir do alto da página: laboratório de eletrotécnica; parte do equipamento do laboratório de termo-hidreletricidade; uma aula de física na qual o professor Arthur Tolbecq faz experiências com uma máquina pneumática (ao chão) e os hemisférios de Magdeburgo (sobre a mesa); parte anterior e posterior de uma máquina de Wimhurst, utilizada na demonstração da geração de cargas eletrostáticas; máquina eletrostática de Vandergraaf; gerador eletrostático e bastão com isoladores; condutores isolados para medição da intensidade das correntes eletrostáticas; voltímetro equipado com gráfico; theodolito do tipo Gurley.

36

Sequência de oficinas e aparelhos utilizados nas aulas práticas. Da esquerda para a direita, a partir do alto da página: oficina de marcenaria; oficina para trabalhos práticos de mecânica; dois aparelhos para o ensino de topografia e geodésia; equipamento para determinação do "ponto de orvalho", usado em eletricidade; marmite de Papin e balança para experiências na área de física; objetos pessoais do professor Herbert Lindenbein; conjunto de cinco aparelhos para levantamento topográfico "expedito" (sumário, rápido - N. do A.); aparelho para demonstrar a transmissão de movimentos, através de cruzetas ou juntas universais, utilizado em aulas práticas de mecânica.

37

Reprodução do painel da primeira turma formada pelo Instituto, de 16 alunos, em 15 de junho de 1917. A direção e o corpo docente também aparecem no painel.

No requadro, os professores europeus. Da esquerda para a direita: em pé, Fritz Hoffmann (suíço), Arthur Tolbecq (belga), Pierre Objois (francês); sentados, Victor Van Helleputte e Armand Bertholet (belgas), e Arthur Spirgi (suíço). A foto é de 1915.

38

Diretores, funcionários e alunos do Instituto Eletrotécnico de Itajubá, durante a construção da sede do Diretório Acadêmico em terreno doado pelo empresário Próspero Sanches. O prédio foi inaugurado em 3 de novembro de 1951.

O Diretório, como instituição, foi na realidade a continuação da Associação Acadêmica, fundada em 23 de novembro de 1935.

No requadro, em foto de João Douat ou Pedro Rebello, jogadores em uma partida de futebol entre os times do Instituto e do Gymnásio de Itajubá, em 1915.

39

Reprodução de original do Museu Theodomiro Santiago, no qual aparecem diretores e professores do Instituto, na década de '20. Da esquerda para a direita: de pé, Henrique Klaus, Herbert Lindenbein, Antonio Rodrigues d'Oliveira, Vicente Sanches, Francisco Eberle, Hans Luiz Heinzelmann, J.R. Constantini (diretor da Societé Suisse, fornecedora do Instituto) e Arnold Trummer; sentados, José Rodrigues Seabra (vice-diretor), Theodomiro Carneiro Santiago (diretor) e Luiz Goulart de Azevedo (secretário).

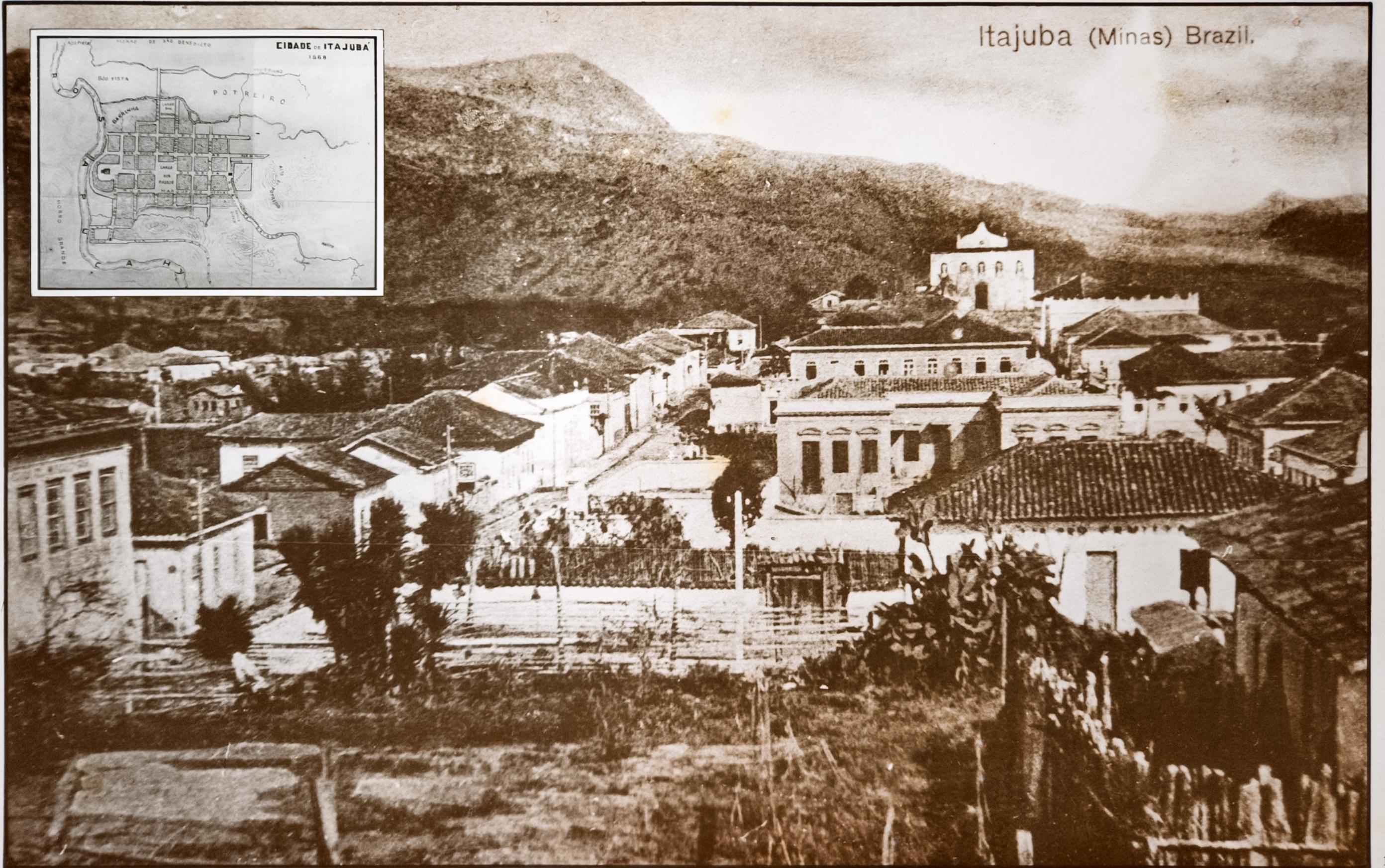
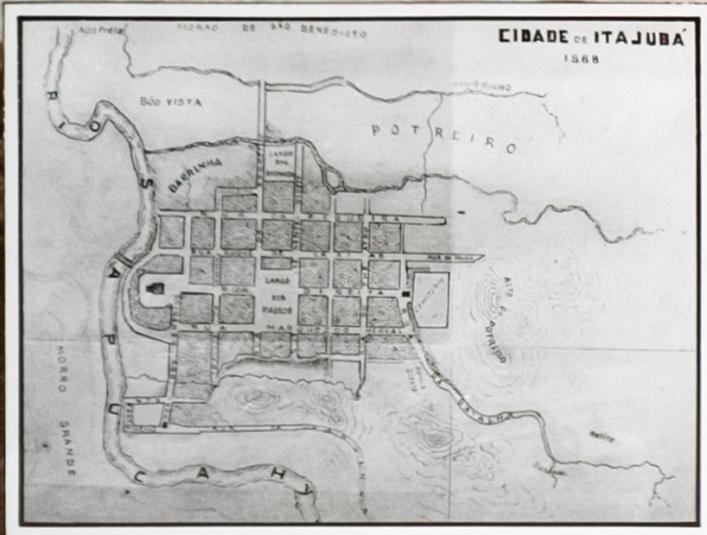
40

Registro de várias épocas da vida de Theodomiro. A partir do alto da página, à esquerda: foto de 1906, quando se formou como bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo; seu casamento com Maria Josefina Guatimozin; Theodomiro e seu cunhado, o jornalista e farmacêutico Carlos Sebastião Ribeiro de Azevedo, em passeio pela avenida Rio Branco, no Rio; Theodomiro presidindo a formatura de uma turma de engenheiros, juntamente com José Rodrigues Seabra, vice-diretor, no Clube Itajubense, em 1927; seu retorno do exílio em Portugal, em 9 de março de 1933, no porto do Rio, acompanhado de José Braz Pereira Gomes, seu sobrinho, e de Mateus Martins, seu amigo pessoal; texto escrito por Theodomiro no verso da foto que enviou do exílio à sua mãe, Da. Lucinda Pereira Guimarães Santiago.





Itajuba (Minas) Brazil.











ITAJUBÁ - VISTA PARCIAL

VIALLET-PHOTO





O S. CECILIA

**THEATRO**  
**S. CECÍLIA**

**Viagem Universal!**

Volta ao mundo em 55 minutos!

HOJE: Sexta-feira, 6 de Julho.

Terá lugar a 1ª e maravilhosa  
exibição da grande e importantíssima  
exposição de quatro ilusionistas,  
que serão apresentados por  
meio da electricidade.

O RESPEITAVEL PUBLICO  
TERÁ OCCASIAO DE APRECIAR  
VERDADEIRAS MARAVILHAS,  
NOTAVEIS E FORMOSAS RIQUEZAS  
DAS MAIS IMPORTANTES  
CIDADES DO UNIVERSO.

**PREÇOS:**

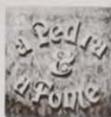
Camarote 5\$000, com 5 entradas, geraes 1\$000  
crianças, 500

**O Proprietário:**

**N. KAURT**











1 - ITAJUBÁ - RJ.

GARAI - PONTE SOBRE O RIO SAPUCAI -

FOTO POSTAL  
COLOMBO





# A VERDADE

Semanario Imparcial e Popular

Verbas e labor omnia vincunt. 22 de Novembro de 1888.

NUMERO 37

ANNO III | Cidade de Itajubá, (Minas-Geraes) 22 de Novembro de 1888.

**EDITOR**  
Capm. Antonio José Leite

**DIRECTOR**  
Antonio José Pinto da Silva

**GERENTE**  
José Ramos de Lima

**REDACTORES**  
Coronel J. F. Pereira Junior, dr. Christino Pereira Brasil, Fructoza Ramos de Lima e João Ramos de Lima.

**COLLABORADORES**  
Diversos

**EXPEDIENTE**  
**ASSIGNATURAS**  
Para a cidade 65000  
Para fora 75000  
Anuncios e publicações a 100 réis por linha e para os assignantes, 60 réis.

**E. de F. do Sapucahy**  
Por ser de interesse geral a construção da via-ferrea do Sapucahy, transmittimos a seguir o que a tal respeito temos na Gazeta de Moço-Minas de 11 de corrente.

Fazemos com luttima satisfação e convicção de que esse melhoramento tem levantado sensivelmente o sul de Minas, como já temos dito e sustentado na imprensa.

A nova era que desponta traz o estylo da patriótica das mineras e em sua mais fértil zona.

**VIA-FERREA DO SAPUCAHY**  
Ante-lantern, seguiu para o Rio de Janeiro o sr. Luiz Mathias Maylasky, portador da planta, perfil e mais estudos technicos da via-ferrea do Sapucahy, effectuada entre a Soledade, no entroncamento com a Minas and Rio e a cidade de Pouso Alegre. Informamos pello presente que tais estudos, dirigidos pelo sr. Alberto Marsanz, consistem numa via-ferrea de Minas Geraes, com o appoio da planta, perfil, etc., os trabalhos serão inaugurados dentro do prazo de 30 dias.

Podemos obter, sobre tais estudos, allgumas noticias esclarecimentos.

**I**  
Descrição do traçado entre Soledade e Pouso Alegre

A linha parte da Estação da Soledade, no kil. 90 da E. de F. Minas and Rio, a 861' acima do nivel do mar, atravessa essa estrada de ferro e logo em seguida o Rio Verde para a margem esquerda; margem o Ribeirão do Carmo, affluente do Rio Verde e, atravessando varias vezes este ribeirão por causa da sua tortuosidade, passa em frente a freguezia da cidade, no kil. 14 mais 750', com a cota 802.40' acima do mar.

Sóto sempre o mesmo Ribeirão do Carmo, transpõe esta Garganta no kil. 29 com a cota 1.080' acima do mar, e desce as aguas d'um affluente do Rio Lambary, subindo este rio e atravessando-o no kil. 37 para a margem esquerda, passa em frente á cidade da Christina, no kil. 38, com a cota 900' acima do mar. Continuando a subir o Rio Chico até as nascentes, na Garganta, divisa com o Rio Sapucahy, no kil. 51, com a cota 740' e na cota 810' acima do mar, desce, margeando o Rio São João, confluyente do Rio Lourenço Velho, atravessando o Rio Lourenço Velho, no kil. 76 mais 540', com a cota 812' acima do mar, e chegando a cidade de Itajubá, no kil. 80 mais 740' e na cota 810' acima do mar.

D'ahi margem, descendo sempre, o Rio Sapucahy, e atravessando para a margem esquerda, no kil. 98 mais 490', continua a descer e passa no kil. 137 mais 340', em frente á villa de Santa Rita, com a cota 818' acima do mar.

Descendo sempre até proximo a faz do Sapucahy-mirim, afasta-se ahi do Rio Sapucahy e sobe a margem direita do Sapucahy-mirim, atravessando-o no kil. 162 mais 300', em seguida, no kil. 163 mais 516.17', faz junção com a estação—0—da 2ª divisão, na proximidade da cidade de Pouso Alegre, na cota 811.87' acima do mar.

**II**  
Condições no traçado

As condições do traçado são, em geral, muito favoráveis, com excepção da subida para a Garganta do Pinheirinho, destinada para a Christina, subida para a Garganta do Chico Campos e desceida para o Lourenço Velho. Nestas trechos foi necessario empregar declividades de 2 e 2 e 1/2, em distancias que, sommalas, perfazem a extensão de 100' de rails, além da repetidas curvas de 100' de raio.

Os seguintes dados demonstram as condições technicas do traçado entre os dois pontos, isto é, entre Soledade e Pouso Alegre:

Extensão da Soledade a Pouso Alegre

- em linhas rectas 105536.17'
- em curvas 79289.07'
- em rampas 36185.75'
- em contra-rampas 59195.09'
- em nivel 67867.02'

Pelo arcameto feito pelo dr. Marsanz e seus auxiliares, o custo kilometrico da Via-ferrea Sapucahy, entre a Soledade e o Rio Elzeuterio, não attingia a 30,000\$. Esperamos agora, com sociedade, os estudos entre Pouso Alegre e o Ramal da terra da Companhia do Sapucahy, como para a directoria da Companhia Ma-

**III**  
Obras d'arte

As mais notaveis obras d'arte são as seguintes:

Ponte sobre o Rio Verde, 1 vão de 30'

Viaducto na estação 1450,—3 vãos de 16'

Ponte sobre o Rio Lambary,—1 vão de 30'

Viaducto na estação 2384,—1 vão de 16'

Ponte sobre o Rio S. João,—1 vão de 16'

Ponte sobre o Rio Lourenço Velho,—25'

Ponte sobre o Rio Sapucahy,—1 vão de 25.50m

Ponte sobre o Rio Sapucahy,—2 vãos, um de 28.60m

Ponte sobre o Rio Vargem Grande,—20m

Ponte sobre o Rio Sapucahy-mirim,—1 vão de 20m

Ponte sobre o Rio Sapucahy-mirim,—3 vãos, 1 de 20m

**IV**  
Estações

Além da estação da Soledade, no entroncamento com a Minas and Rio, tem a Via-ferrea do Sapucahy as seguintes estações até Pouso Alegre:

Estação do Carmo, de 2ª classe, no kil. 14 mais 700m

Estação da Christina, de 1ª classe, no kil. 38 mais 600m

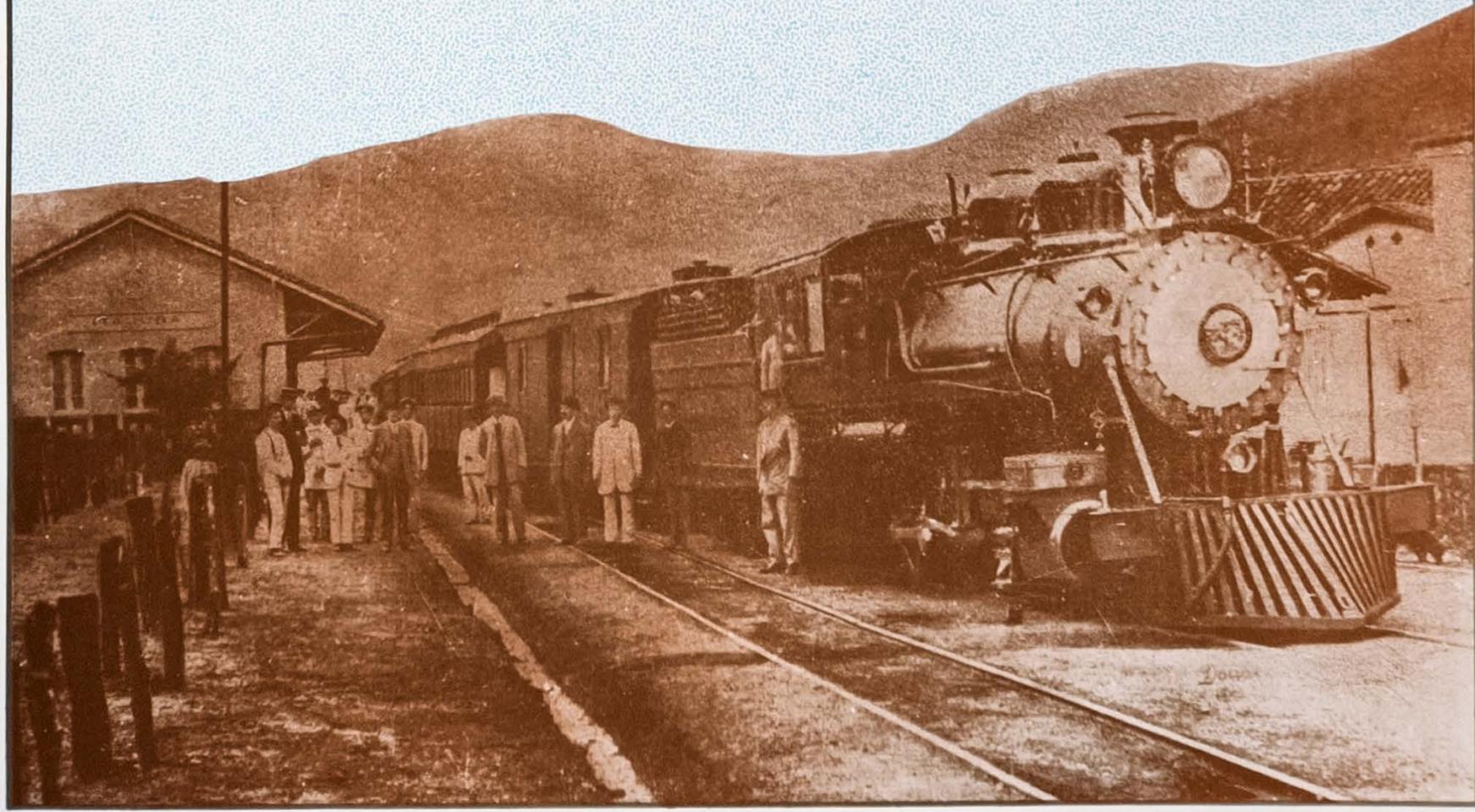
Estação da Serra, de 2ª classe, no kil. 57 mais 300m

Estação de Itajubá, de 1ª classe, no kil. 85 mais 900m

Estação da Vargem Grande, de 2ª classe, no kil. 98 mais 600m

Estação do Alegre, de 2ª classe, no kil. 117 mais 100m

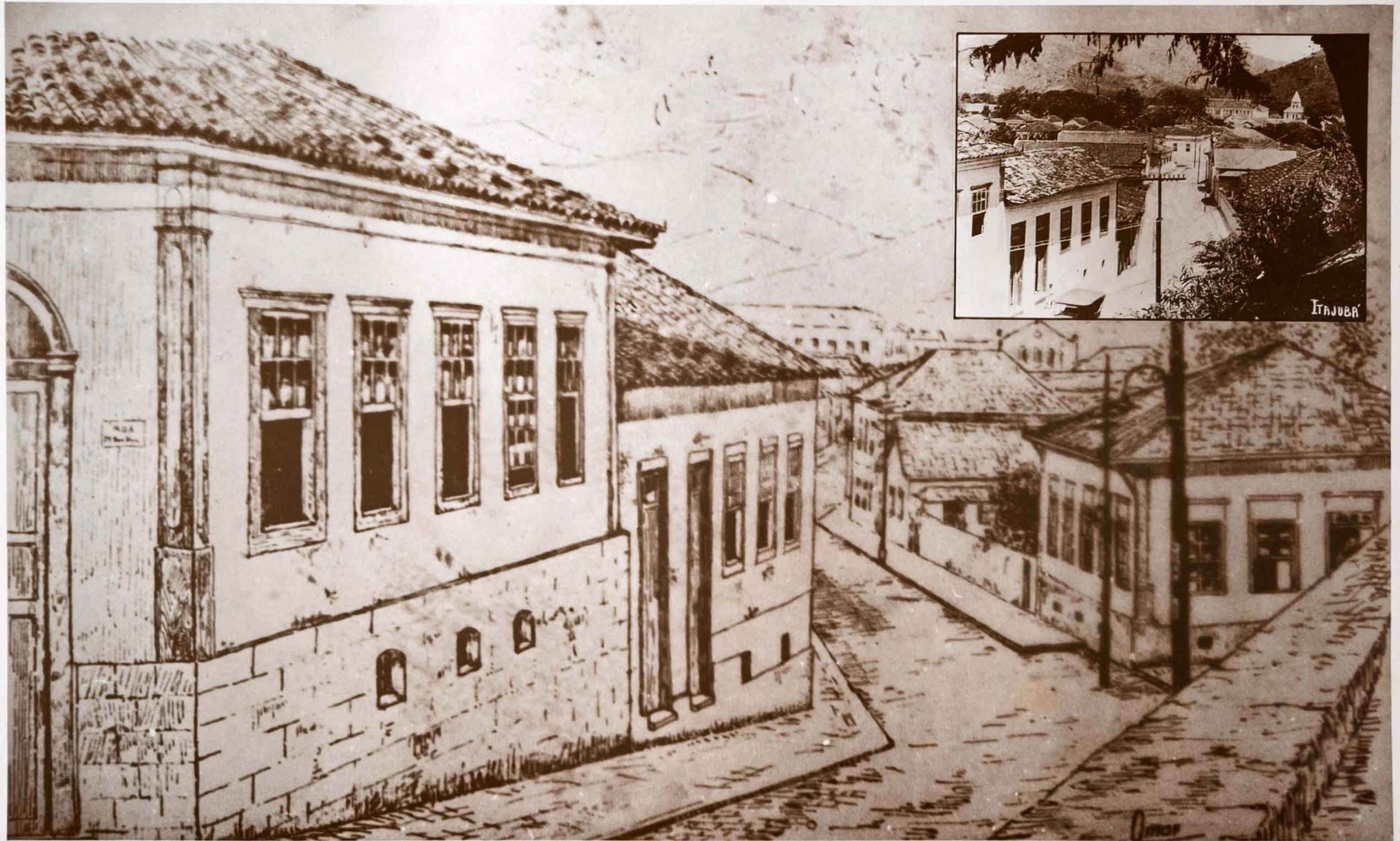
Estação de Santa Rita, de 2ª classe, no kil. 137 mais 300m

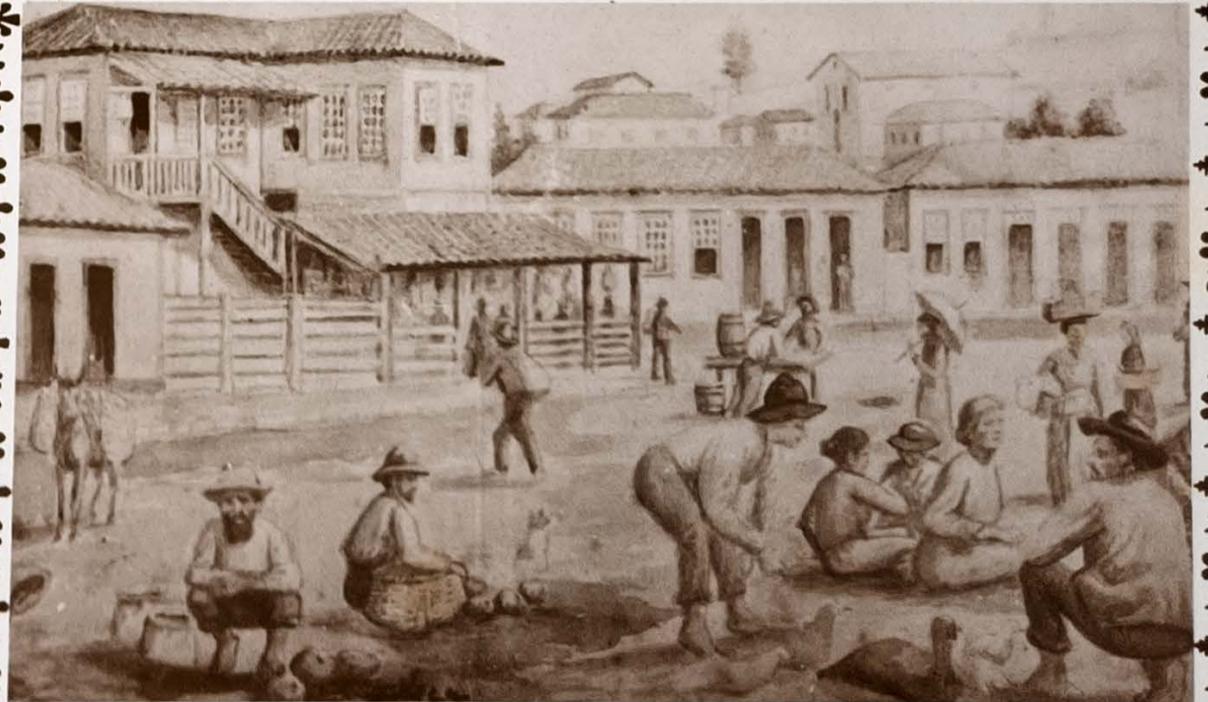
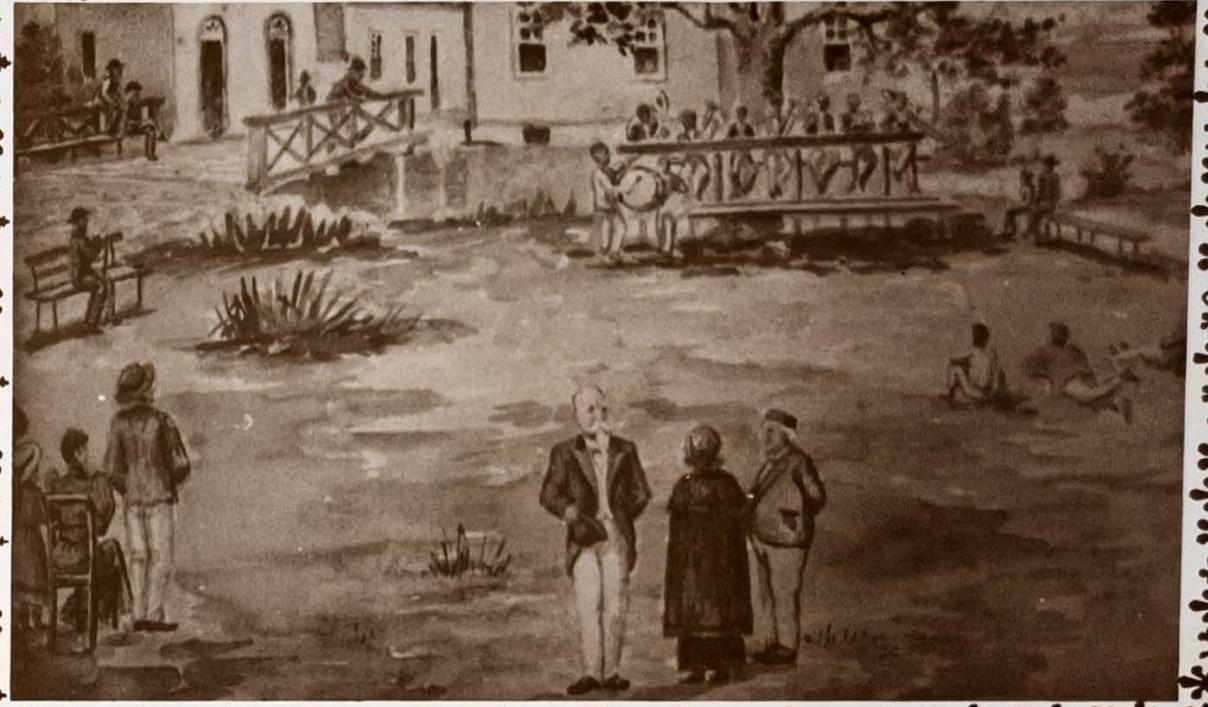


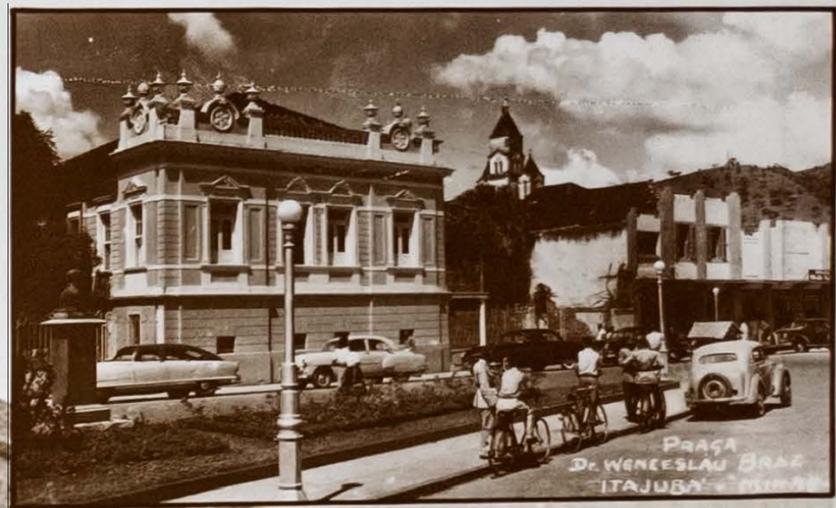
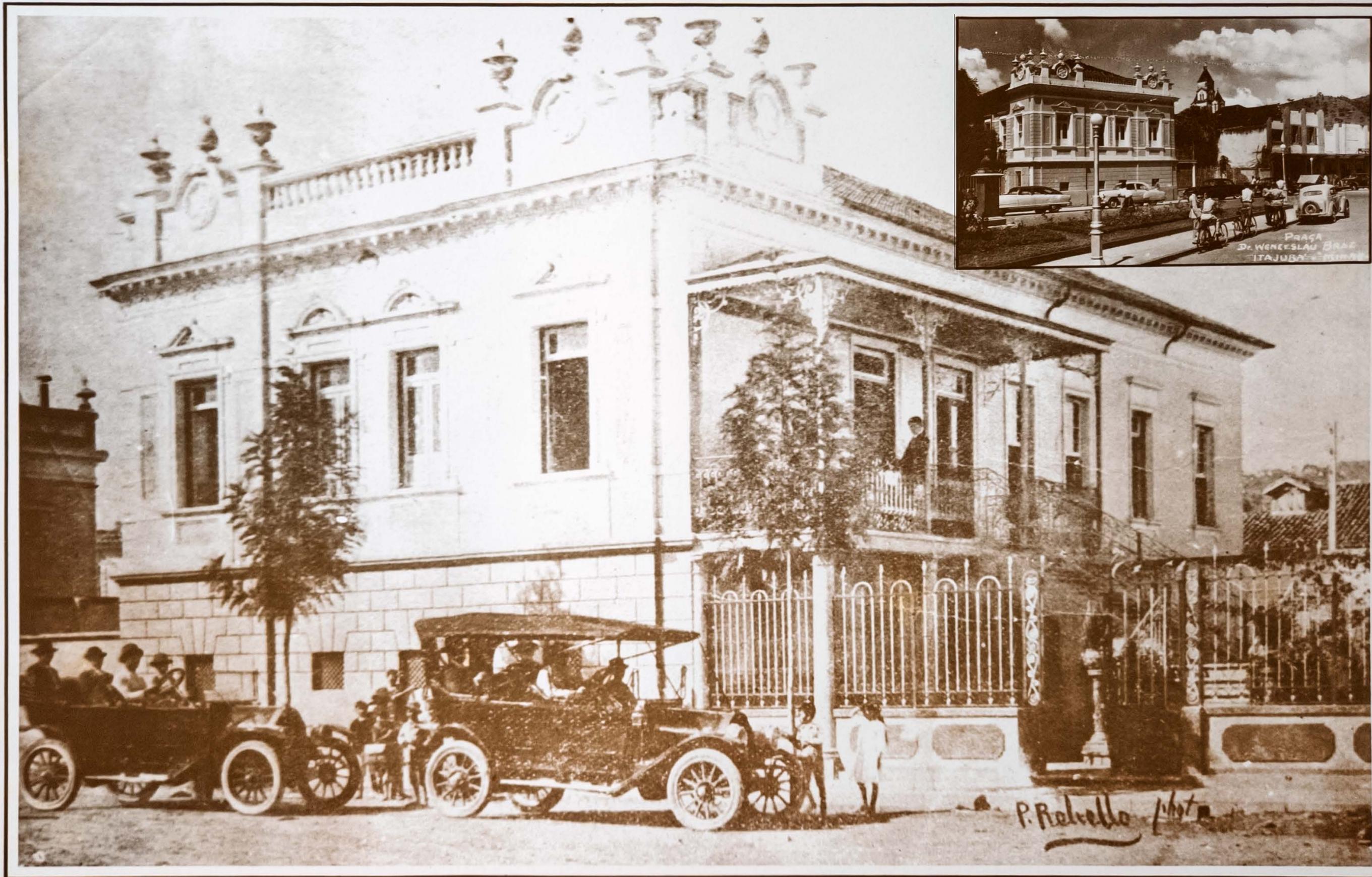


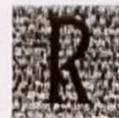
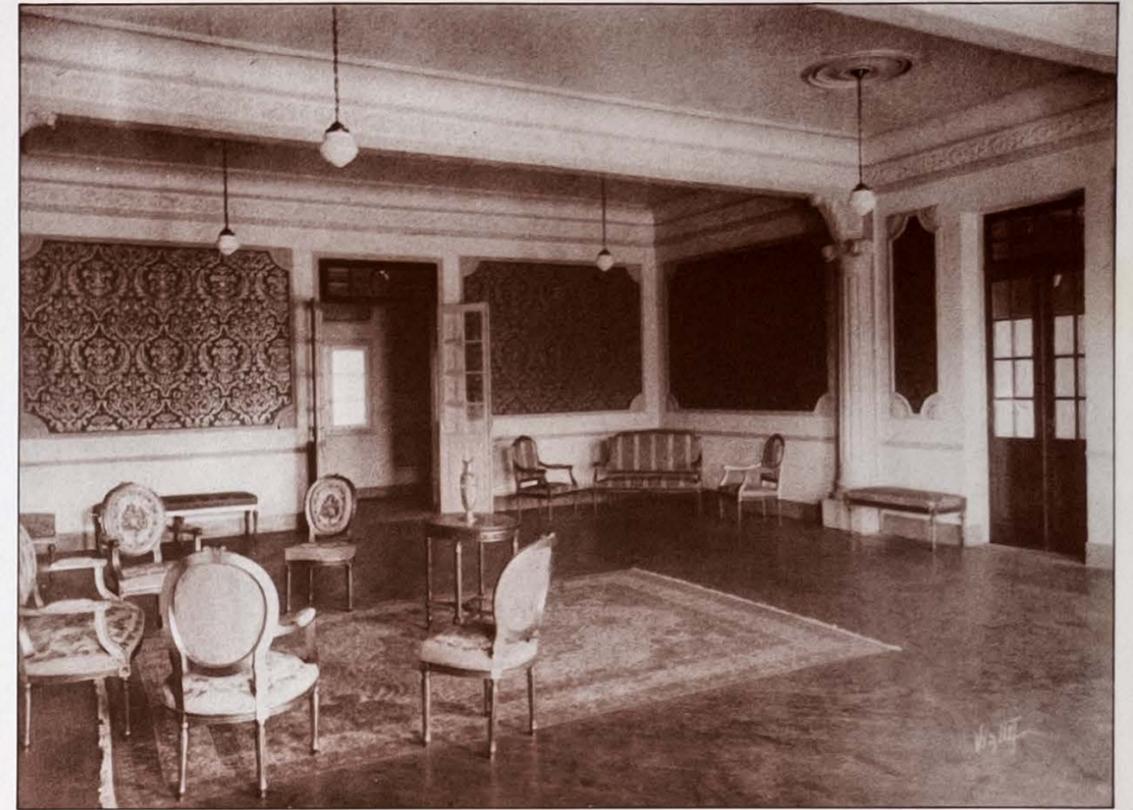






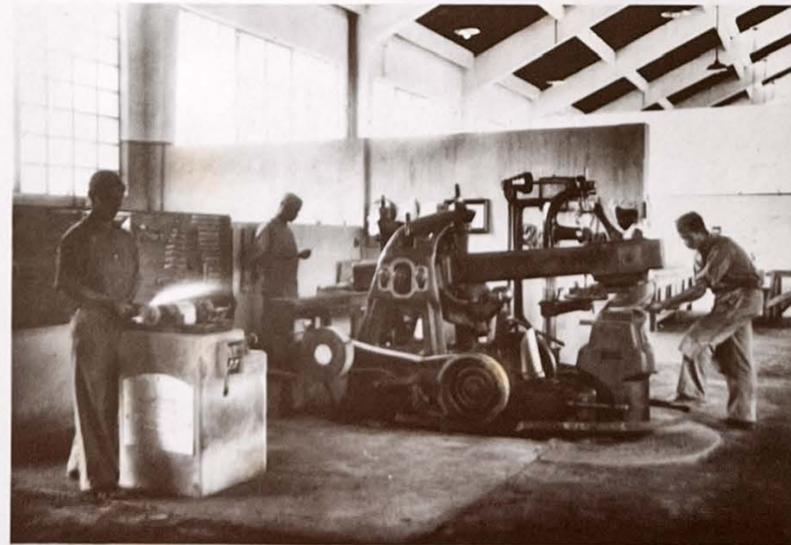
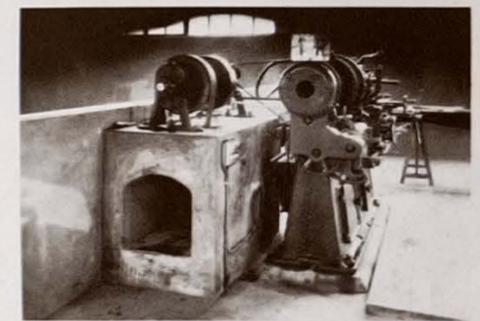
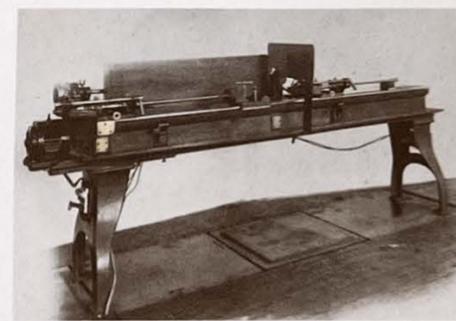
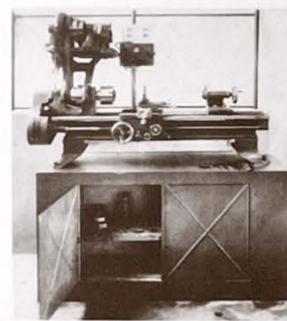
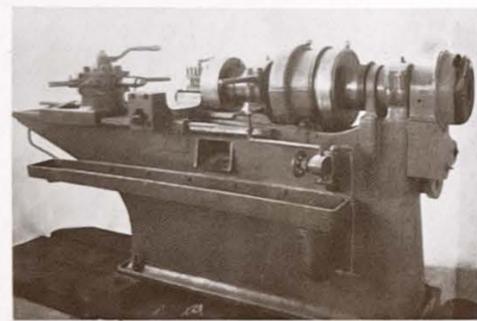


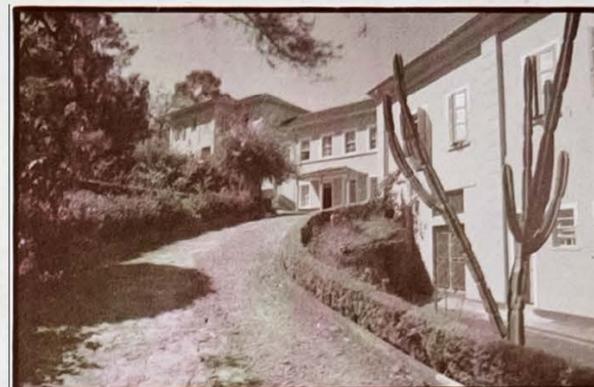












6.  
COLEGIO S. VICENTE DE PAULO. ITAJUBÁ

VIA H4  
DIREITOS  
RESERVADOS







O número de lançamento do jornal "O Itajubá", pioneiro da imprensa escrita na região, circulou em 12 de maio de 1872, editado por Aureliano Moreira Magalhães e composto pelo tipógrafo Jesuino Pereira Baião, que, após vender sua gráfica a Magalhães, transferiu-se de Baependi para a cidade, onde passou a residir e a ensinar.

Uma relação dos principais jornais e revistas (r), e de seus editores e redatores, que circularam desde então inclui, segundo Armelino Guimarães em "História de Itajubá":

- |  |  |
|--|--|
| 1880 - Gazeta Comercial<br>José Manuel Pereira Cabral<br>José Pereira dos Santos<br>Julio César de Sales<br>1882 - Rio Branco<br>José Baptista de Carvalho<br>1885 - A Época<br>Manuel Luís Ferreira de Magalhães<br>1885 - O Agulha<br>1886 - A Verdade (1ª fase)<br>Fructuoso Ramos de Lima<br>Joaquim Francisco Pereira Jr.<br>Antônio José Leite<br>Antônio José Pinto da Silva<br>1889 - A Lira<br>Luís Ramos de Lima<br>1890 - Cruz de Malta<br>João de Mendonça Furtado<br>1890 - Correo do Povo<br>Balduino Vieira Salgado<br>José Manso Pereira Cabral<br>Américo Conrado Grilo (1904)<br>1896 - O Serelepe<br>Justino Paulistano de Olivias<br>1897 - Cidade de Itajubá<br>Francisco Araújo<br>Francisco Moura Brasil<br>1901 - A Evolução<br>Marçal Pereira Ribeiro<br>Cornélio de Faria<br>Antônio Salomon<br>1903 - Gazeta de Itajubá<br>Francisco de Araújo<br>José Manso Pereira Cabral<br>Pedro Bernardo Guimarães<br>1903 - O Operário<br>James William Fabris<br>1904 - O Clarim<br>Sebastião Mendes de Carvalho<br>José Manuel Villas-Boas<br>c 1906 - O Progresso<br>c 1906 - O Colibri<br>Luís Ramos de Lima<br>Luís Dalie Afflalo<br>c 1908 - Folha do Povo<br>1908 - O Líder<br>c 1910 - A Cidade<br>1912 - A Marreta<br>João Pires de Oliveira Feichas<br>Luís Teixeira (caricaturas)<br>c 1912 - O Agulha<br>José Lebroto Chaves<br>1914 - Folha Oficial<br>Municipalidade de Itajubá<br>1914 - A Notícia<br>José Lebroto Chaves<br>1917 - A Verdade (2ª fase)<br>Fructuoso Ramos de Lima<br>José Ernani de Lima<br>Luís Ramos de Lima<br>Geraldino Furtado de Medeiros<br>1921 - O Itajubá (2ª fase)<br>F. Braz Neto<br>1923 - O Papagaio<br>João Mendes Leite<br>1926 - O Labor<br>Benedito Pereira<br>João Pires de Oliveira Feichas<br>F. Braz Neto<br>1929 - A Brasa<br>K. Valetti<br>Pierre Lord<br>M. Barata (pseudônimos)<br>1929 - Tribuna Mineira<br>João Pinto de Souza<br>1929 - O Itajubá (3ª fase)<br>José Maria Afflalo<br>Jaime Wood<br>Luís de Lima Vianna<br>1930 - Jornal do Povo<br>J. Teixeira de Carvalho<br>José Petronílio<br>1932 - O Trabalhista<br>Antônio Toledo de Azevedo<br>1933 - Tribuna Proletária<br>Francisco Gonçalves Moura<br>1933 - O Semeador<br>José Ernesto Coelho<br>Manuel Cintra Barbosa Lima<br>1935 - Quarta Humanidade<br>Luís Bouchardet<br>Luís Petribus<br>1936 - O Resumo<br>Antônio Martins | 1917 - Jornal de Itajubá<br>Walter Cabral<br>José de Lima Medeiros<br>Ruy Braga<br>1940 - O Itajubense<br>João Sebastião Ribeiro de Azevedo<br>Luís Evora<br>Albino Alves Filho<br>Fortunato Pereira<br>1941 - Sentinela<br>José Ribeiro da Costa<br>1945 - O Espeto<br>Renato Bianchi<br>José Armelino Bernardo Guimarães<br>1945 - Atualidades<br>Antônio Martins<br>José Amaral Jr.<br>Benedito Nascimento<br>1945 - A Voz do Estudante<br>J. A. do Nascimento Jr.<br>Paulo de Castro Resende<br>B. Gonçalves Ribeiro<br>Paulo Medeiros<br>1945 - O Itajubá (3ª fase)<br>João Pinto de Souza<br>Francisco Júlio dos Santos<br>1947 - O Sul de Minas<br>(ainda circulando em 1991)<br>João Aldano da Silva<br>José de Lima Medeiros<br>Gabriel Ferreira Leite<br>Sebastião Inocêncio Pereira<br>Sérgio Leal<br>1947 - Vale do Sapucaí<br>Renato Bianchi<br>José Armelino Bernardo Guimarães<br>1949 - Correo de Itajubá<br>Eudides Pereira Cintra<br>1950 - A Voz do Povo<br>João Sebastião Ribeiro de Azevedo<br>1953 - A Reação<br>Geraldo Aldano Matos<br>Santos Pupim Neto<br>1954 - O Pá-Tê-Bê<br>Vicente Vilela Vianna<br>Dejarmo S. Henriques<br>Auzelino de Castro Gama<br>Alberto J. Pereira<br>1955 - Flama<br>Rubens Fonseca<br>Glaucio Medeiros<br>1955 - A Voz do Povo<br>Nagib Mohallem Filho<br>1956 - Folha Itajubense<br>Sebastião Marciano de Farias<br>1958 - Trabalhismo em Marcha<br>João Pereira de Andrade e Silva<br>Martinho de Mendonça<br>1959 - O Labor<br>Florival Xavier<br>Adolfo Pereira Filho<br>D. Gusmão de Almeida<br>1960 - Correo de Itajubá (2ª fase)<br>Gabriel Ferreira Leite<br>1965 - O Noturno<br>Wilson Ribeiro de Sá<br>1966 - A Voz do Sul<br>Hélio Gil de Souza<br>Maria Aparecida Garrido Silva<br>Antônio F. C. Toscano<br>J. V. Cortez<br>1968 - Correo Popular<br>Geraldo Simões<br>Vicente Campos<br>1976 - Correo Sul-Mineiro<br>Cláudio José Barbosa Vander Velden<br>Francisco José Vilela Pinto<br>1978 - O Clarim<br>Mário Martins Riera Filho<br>Victor Correa de Oliveira<br>1981 - Gazeta Intermunicipal<br>Hélio Joaquim da Costa<br>Afrânio Carvalho<br>1981 - Folha do Sul<br>Antônio Benedito Rosa<br>1983 - O Fato<br>Magno Baílo<br>Djanira D. M. Cunha<br>1983 - A Tribuna<br>Sérgio Leal<br>Alaor Barbosa Jr.<br>1984 - Sul em Notícias<br>Maurício Sampaio Diniz<br>Zuley de Souza Jr. |
|--|--|

A imprensa estudantil da cidade em muitos casos uniu o tratamento dos temas próprios à classe a assuntos políticos, sociais e culturais. Entre as principais publicações ligadas a órgãos estudantis e escolas, anotam-se:

- |   |  |
|---|--|
| c 1911 - O Coruja<br>Ginásio de Itajubá<br>Luís Teixeira (caricaturas)<br>c 1911 - O Carapuça<br>Ginásio de Itajubá<br>1913 - Século XX (r)<br>Instituto Eletrotécnico e Mecânico<br>Ligório Santos<br>Bernardino Costa (caricaturas)<br>1915 - Moddade (r)<br>Acadêmicos e ginásianos<br>Luís Teixeira (caricaturas)<br>1928 - O Estudante<br>Instituto Eletrotécnico e Mecânico | 1932 - Falsa<br>Instituto Eletrotécnico e Mecânico<br>João Pereira de Souza<br>1953 - O Dinamo<br>Instituto Eletrotécnico<br>1963 - O Líder<br>União Municipal dos Estudantes<br>Secundaristas<br>Roberto Reis Saleh<br>Jaime Petit da Silva<br>1975 - O Detergente<br>Escola Estadual 19 de Março<br>Martinho de Carvalho Viana<br>Maurício Sampaio Diniz |
|---|--|



# A VERDADE

Semanario Imparcial e Popular

Veritas et labor omnia vincunt.

ANNO III

Cidade de Itajubá, (Minas-Geraes) 17 de Maio de 1888.

NUMERO 10

## BRAZIL LIVRE

1888

TREZE DE MAIO

1888

### EXTINCCÃO DA ESCRAVIDÃO

LIBERTAS QUAE SERR TAMEN

LEI N. 3353 DE 13 DE MAIO DE 1888

#### DECLARA EXTINCTA A ESCRAVIDÃO NO BRAZIL

A Princesa Imperial Regente em nome de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II:

Faz saber a todos os subditos do Imperio, que a Assembléa Geral decretou e Ella sancionou a lei seguinte:

Art. 1.º E' declarada extincta desde a data d'esta lei a escravidão no Brazil.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Manda portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O secretario de Estado dos Negocios da Agricultura e Interino dos Negocios Estrangeiros, bacharel Rodrigo Augusto da Silva, a faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1888, sexagesimo setimo da Independencia e do Imperio.

PRINCEZA IMPERIAL REGENTE.

RODRIGO AUGUSTO DA SILVA.

Carta de lei pela qual Sua Alteza Imperial manda executar o decreto da Assembléa Geral, que houve por bem sancionar, declarando extincta a escravidão no Brazil como n'ella se declara, para Vossa Alteza Imperial ver.

CHANCELLARIA-DO-IMPERIO.

TRANSMITIU EM 13 DE MAIO DE 1888.

Antonio Ferreira Vianna

José Julio de Albuquerque Barros

#### ESCRAVO FUGIDO.

Fugio do abaixo assignado no dia 24 de Outubro corrente, o



seu escravo denominado José, creolo, retinto, imberbe, idade 18 a 20 anos,

bonita pega, bem fallante, tem falta de dentes na frente, pés regulares com os dedos abertos, quando anda é um tanto curvado para a frente. não tem defeito algum physico. Ignora-se o lugar aonde nasceu, contudo foi matriculado na Campanha.

Pertence ao abaixo assignado a 2 mezes e foi comprado no Rio de Janeiro do Sr. João Momthé, de Campinas.

Gratifica-se a quem o prender e levar a seu senhor, ou d'elle der noticia certa. S. Bento do Sapucahy, 27 de Outubro de 88. Victor Gomes Teixeira.

Typ. da Gazeta Commercial.

## Escravidão

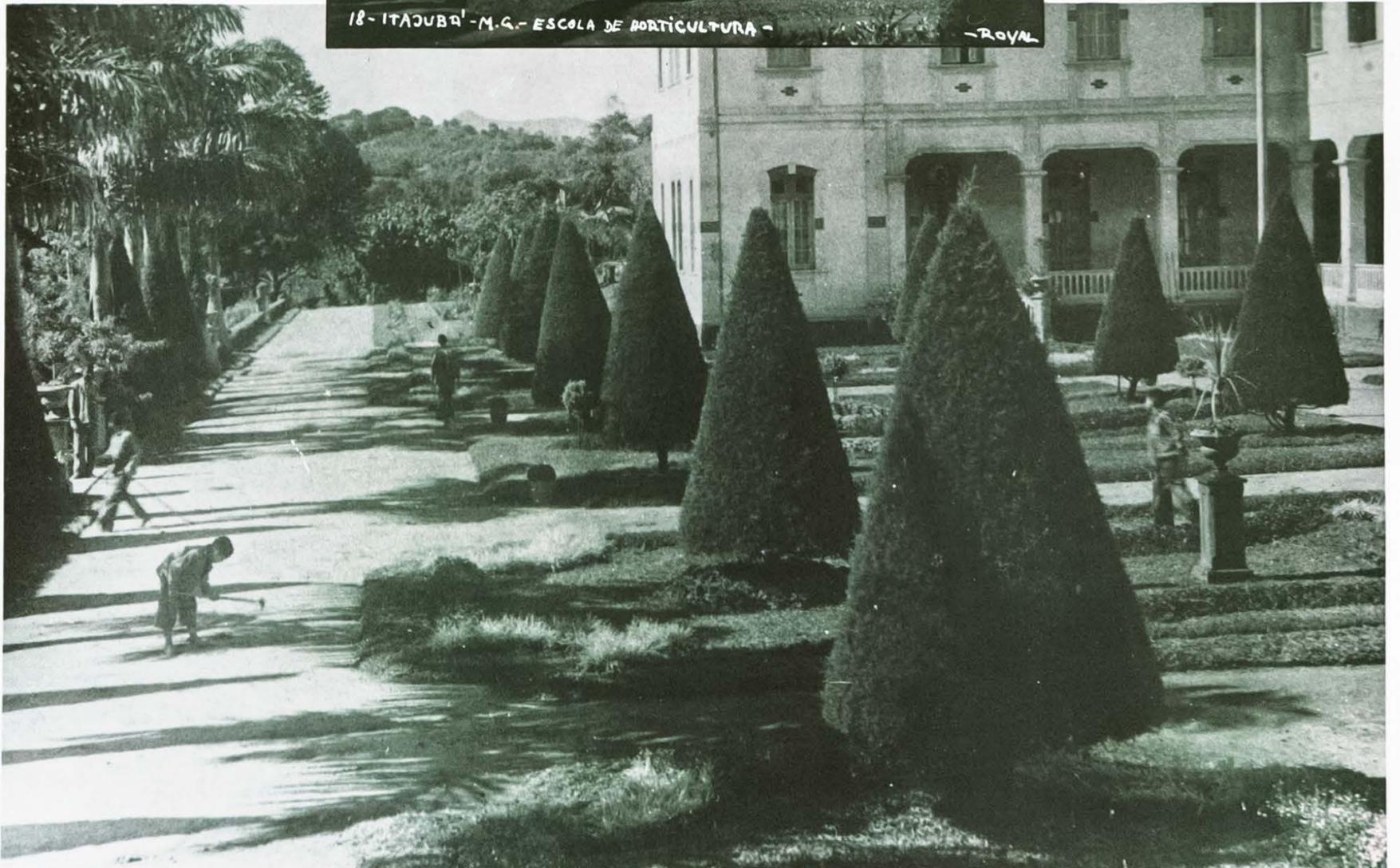
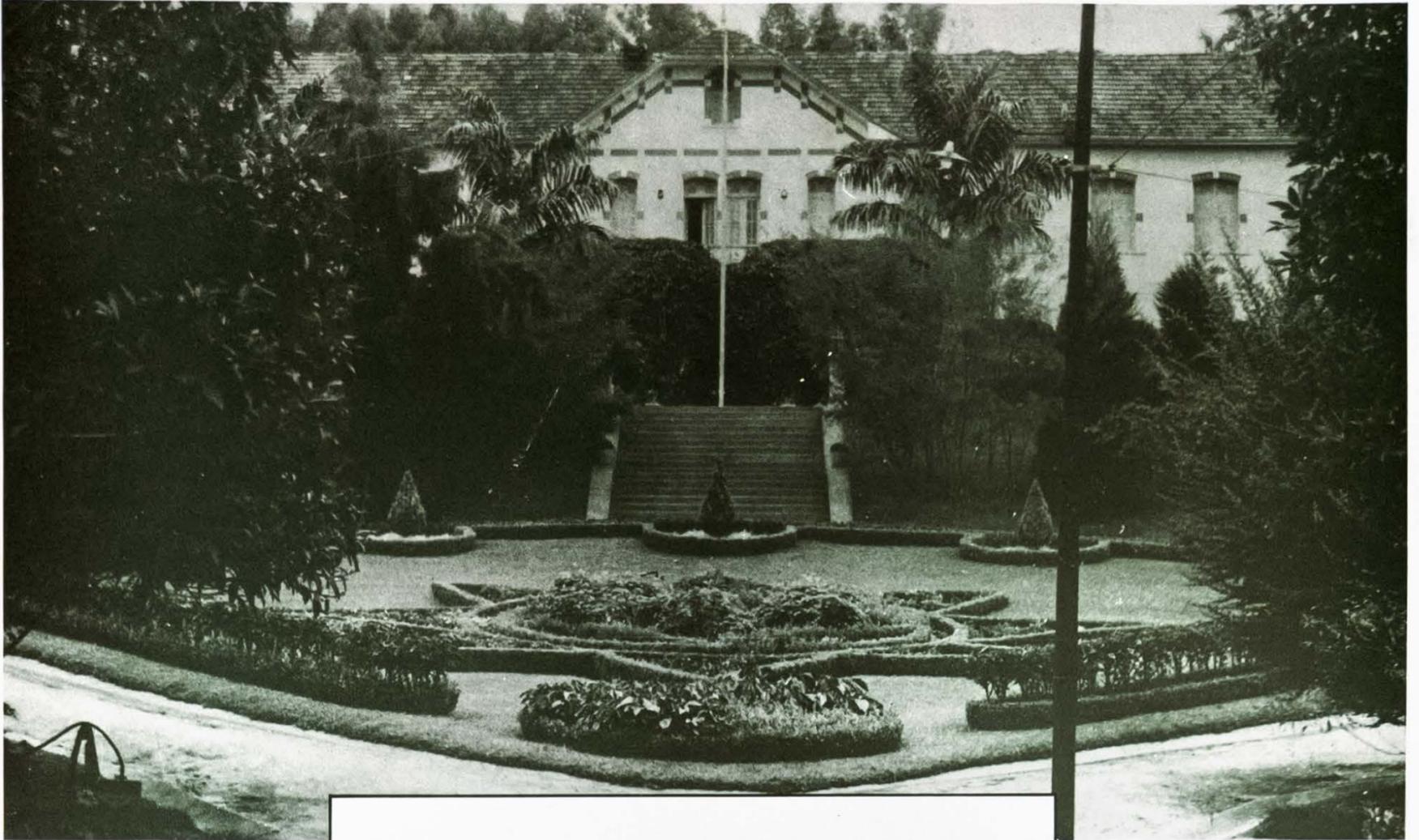
O benemerito cidadão exm.º sr. Francisco Braz Pereira Gomes, que, com merecido applauso iniciou a idéia salutar da emancipação total dos escravos em nosso municipio, tornou-se credor dos maiores encomios, visto como, pelo seu real prestigio conseguiu dominar os espiritos, attrahindo-os para o lado mais util, conveniente e razoavel na questão primordial da actualidade, operando-se assim, em boa ordem e com annuencia dos senhores, a liberdade dos escravizados.

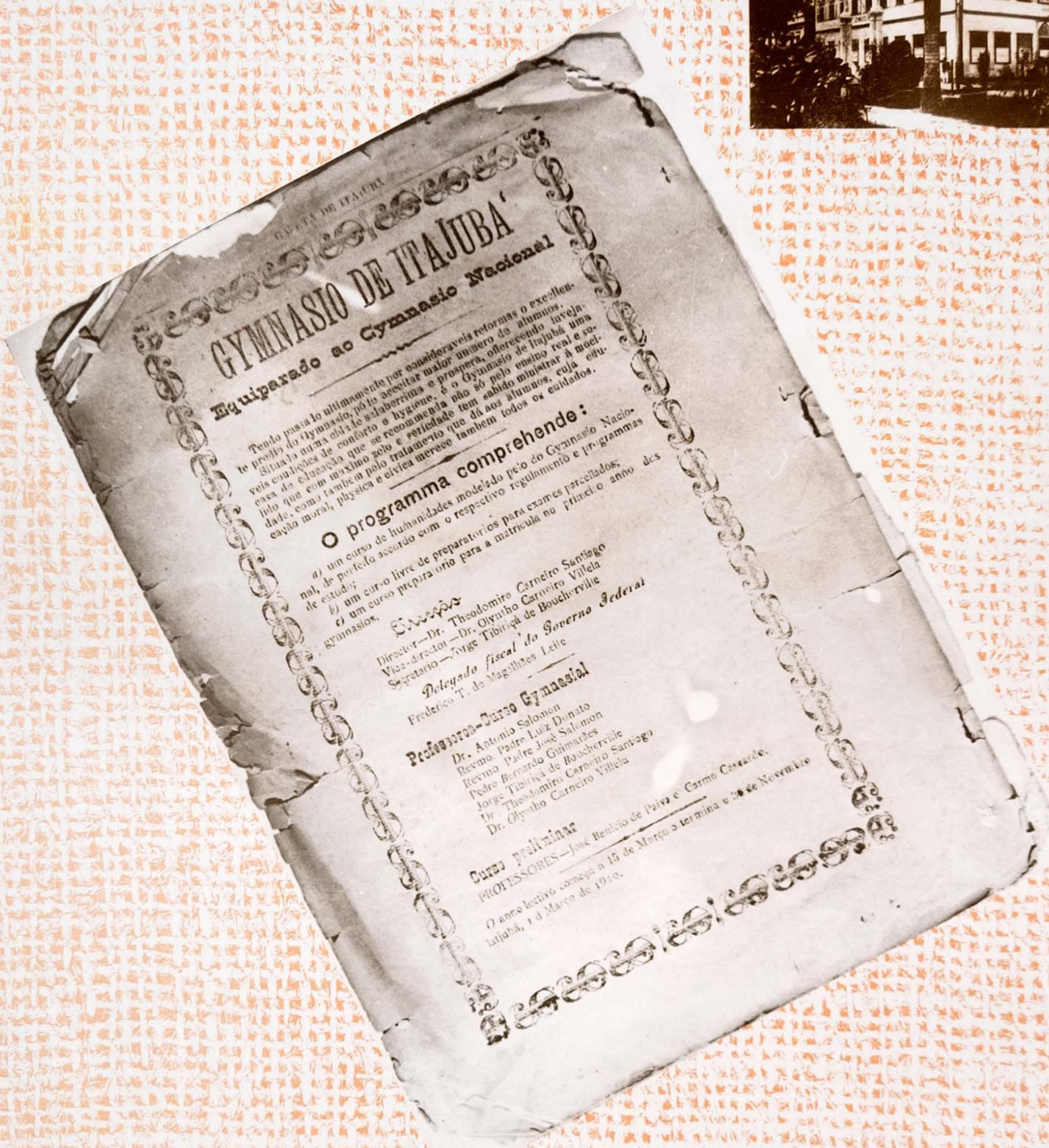
Approvando e louvando o procedimento nobre d'aquelles que, aqui e na Vargem Grande, se esforçam pelo triumpho da causa do direito, da justiça e da equidade, somos tambem impellidos a censurar e reprovar com indignação, o procedimento d'alguns individuos, que por meio de emissarios têm penetrado nas senzalas das fazendas, seduzindo os escravos para abandonarem o trabalho, tornando-se deste modo perturbadores da ordem e anarchistas da sociedade. Outro tanto se pode dizer d'aquelles que, na cidade do Paraizo, por meios illegaes e tumultuarios, declararam livres os escravos, sem previo accordo com seus legitimos possuidores, tomando parte no movimento sedicioso, nas ruas e praças publicas, até autoridades!

Levantamos hosannas á liberdade, mas prestamos homenagem primeiro que tudo á ordem, sem o que a liberdade degenera em anarchia e miseria.

Lincoln.







# GYMNASIO DE ITAJUBA

Equiparado ao Gymnasio Nacional

Tendo para o ultimamento por consideraveis reformas o excellente perfil do Gymnasio, pô-lo aceitar maior numero de alumnos. Situa-lo numa edifica saluberrima e prospera, offorecendo invejaveis condições de conforto e hygiene. É o Gymnasio de Itajubá uma casa de educação que se recomenda não só pelo ensino real e sadio que com maximo zelo e seriedade tem sabido ministrar a moralidade, como tambem pelo tratamento que dá aos alumnos, cuja educação moral, physica e civica mereca tambem todos os cuidados.

## O programma comprehende:

- a) um curso de humanidades modelado pelo do Gymnasio Nacional, de perfeito accordo com o respectivo regulamento e programmas de estudos;
- b) um curso livre de preparatorios para exames parcelados;
- c) um curso preparatorio para a matricula no fim do anno dos Gymnasios.

### Directores

Director — Dr. Theodomiro Carneiro Santiago  
 Vice-director — Dr. Olyntho Carneiro Villela  
 Secretario — Juze Tibiriquá de Boucherville  
 Delegado fiscal do Governo Federal  
 Frederico T. de Magalhães Leite

### Professores do Curso Gymnasial

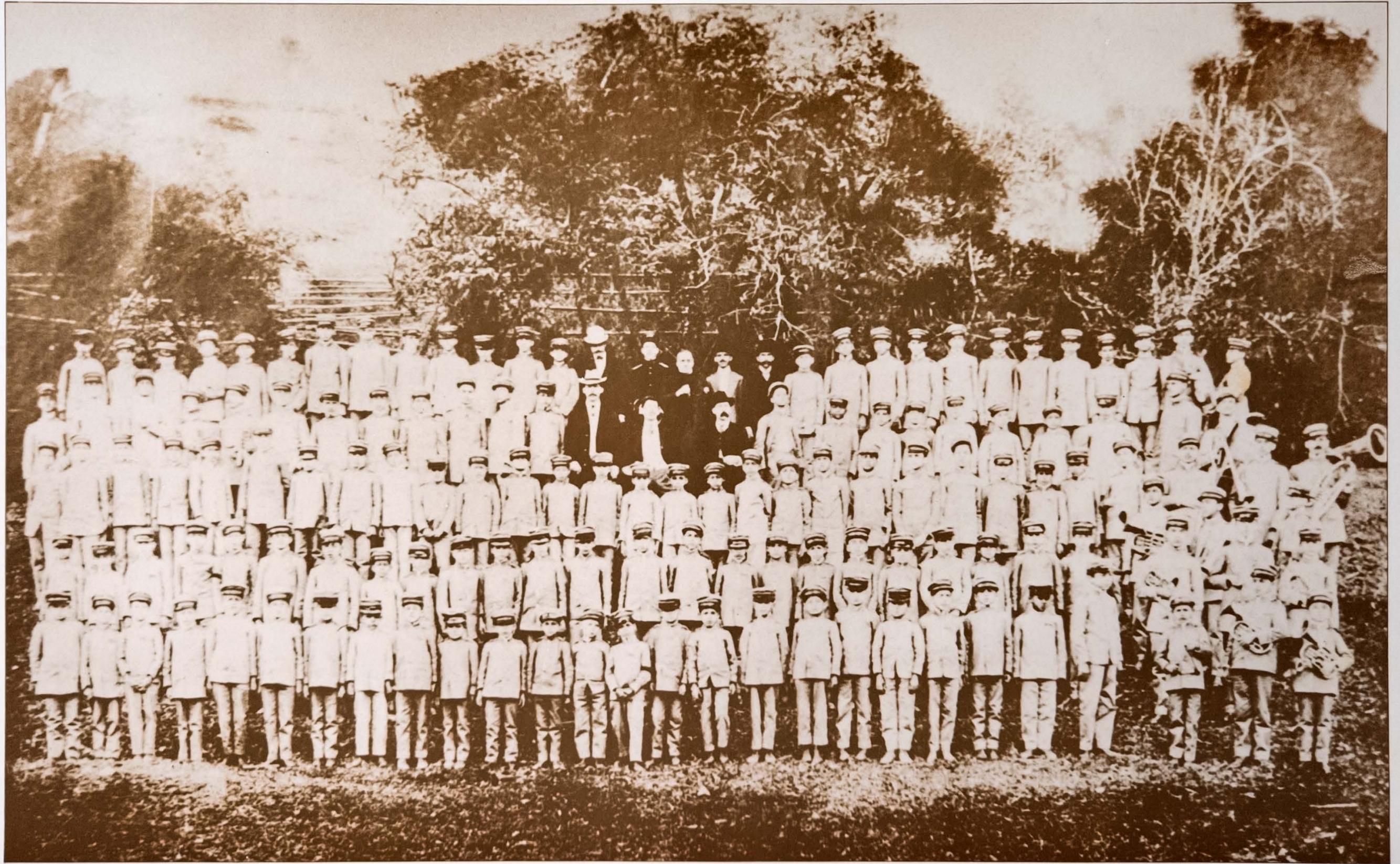
Dr. Antonio Salomon  
 Revmo. Padre Luiz Donato  
 Revmo. Padre José Salomon  
 Pedro Bernardo Guimarães  
 Jorge Tibiriquá de Boucherville  
 Dr. Theodomiro Carneiro Santiago  
 Dr. Olyntho Carneiro Villela

### Cura Preliminar

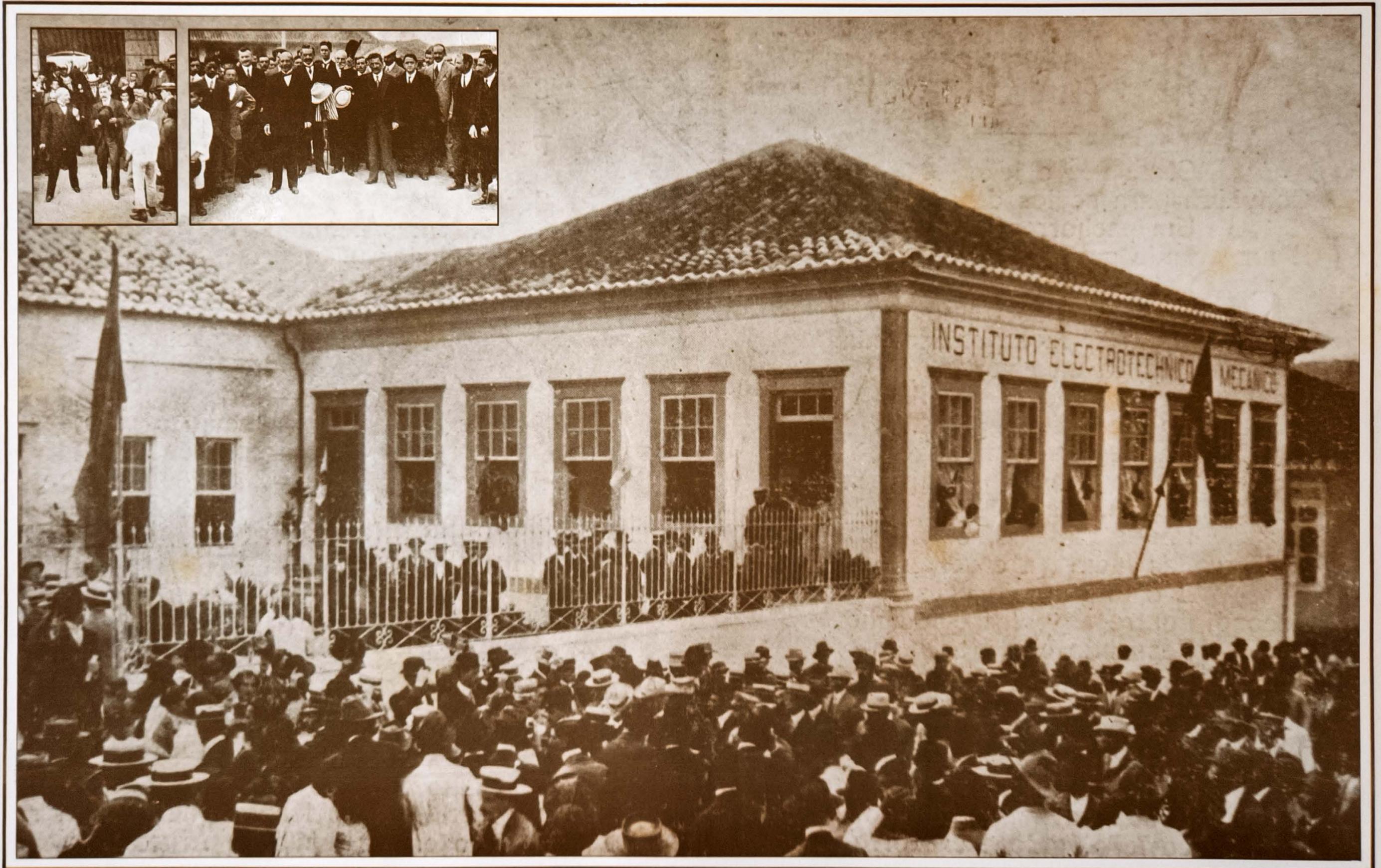
PROFESSORES — José Benício de Paiva e Carmo Cascardo.

O anno lectivo começa a 15 de Março e termina a 30 de Novembro  
 Itajubá, 1 de Março de 1910.



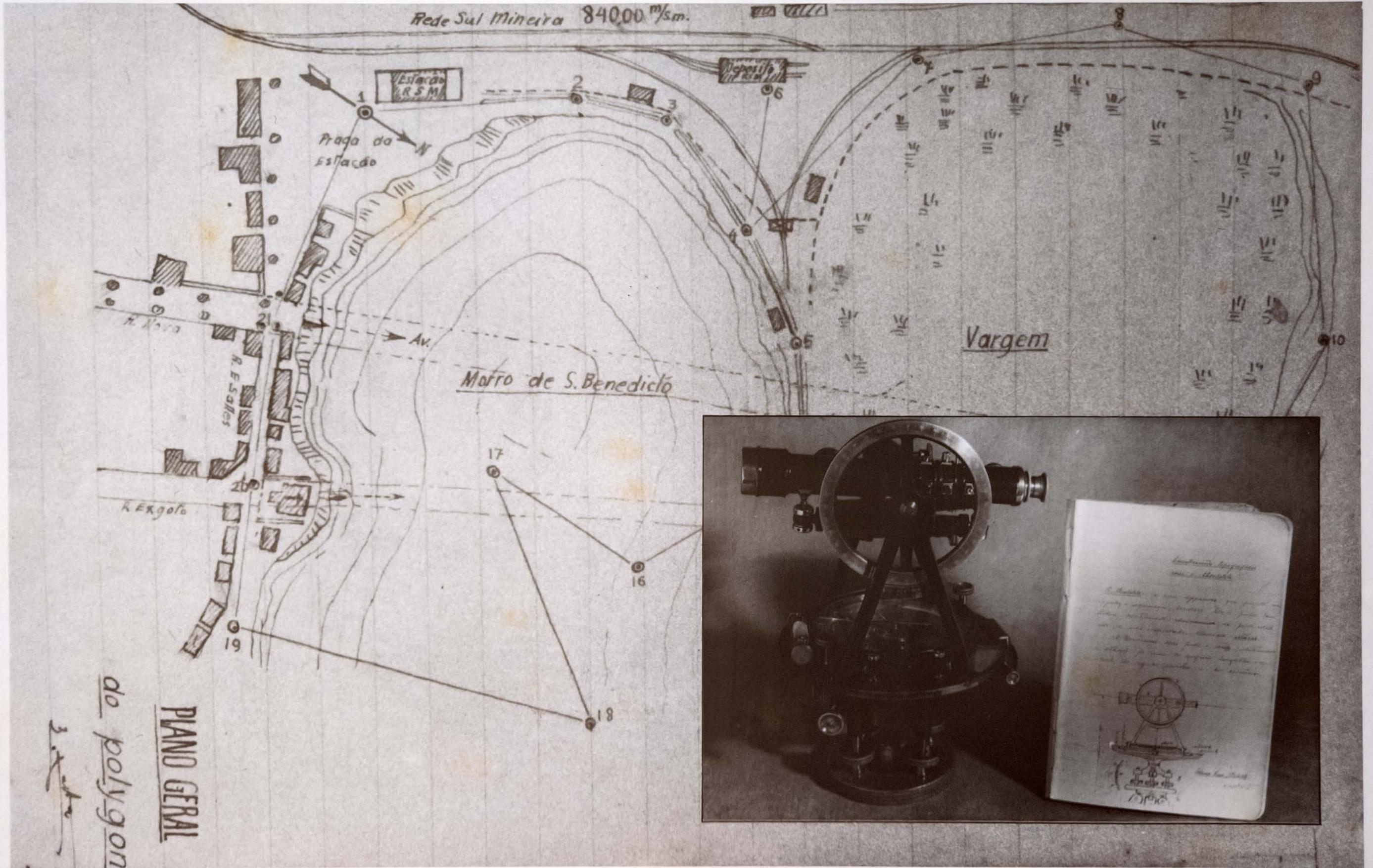


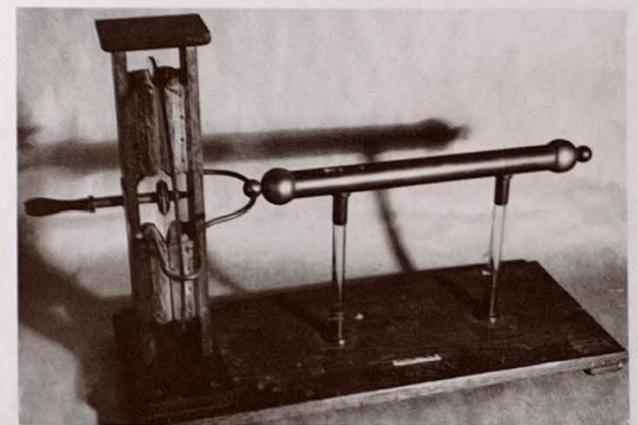
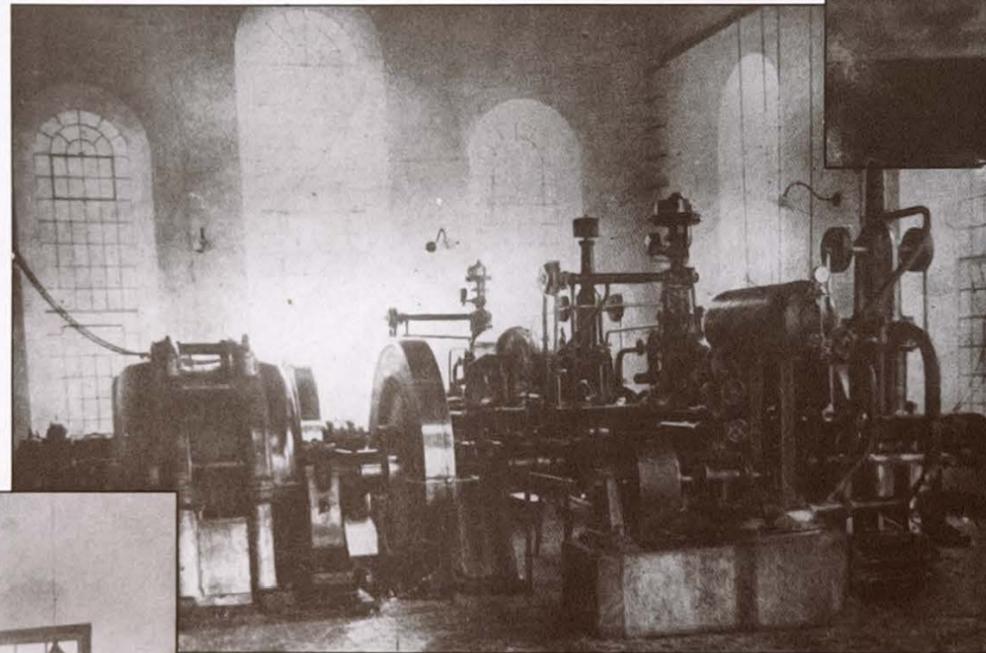
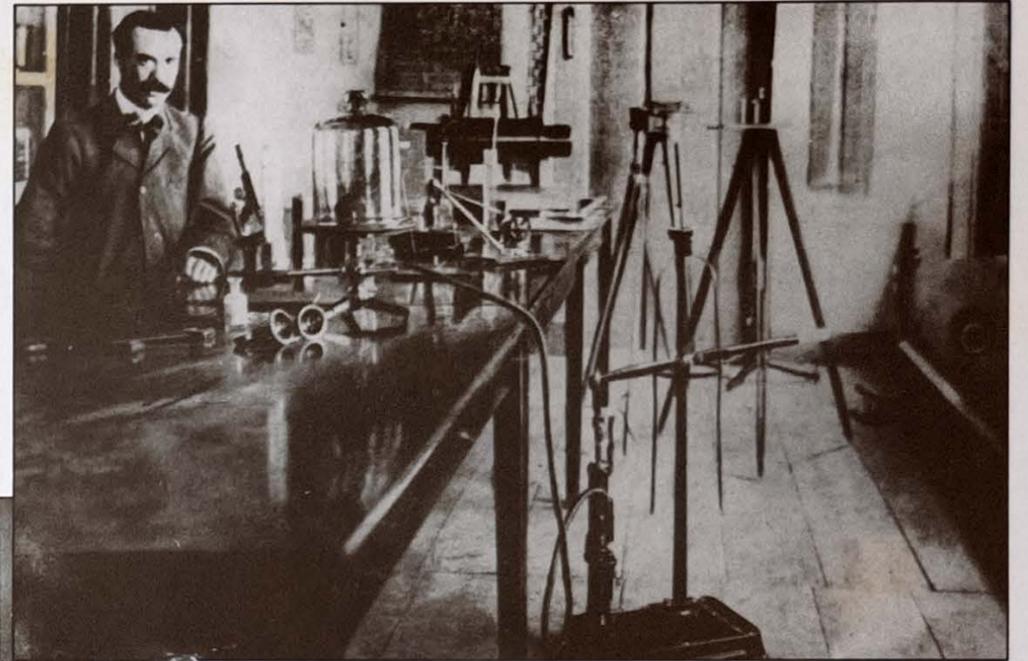


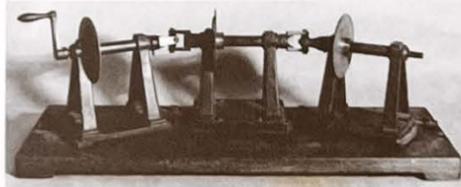
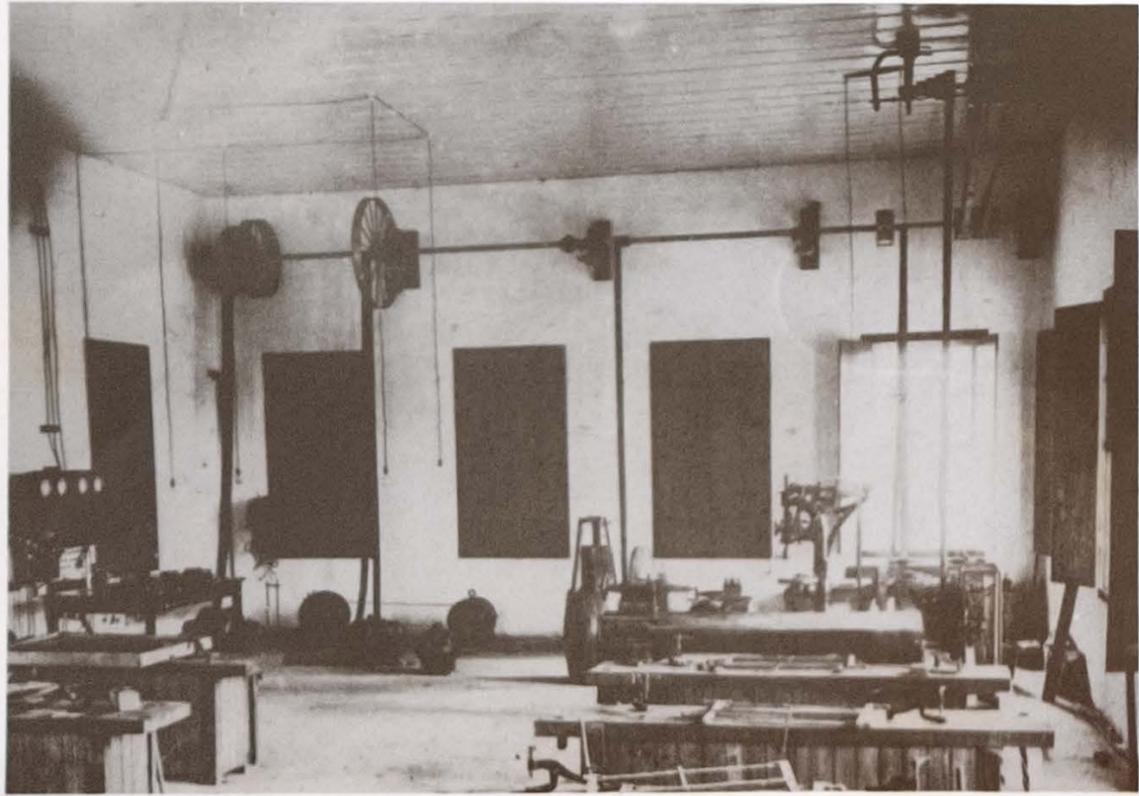
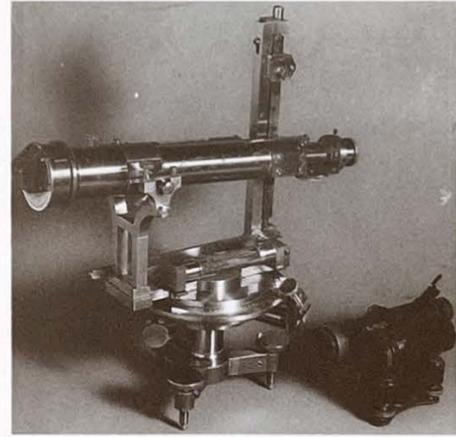
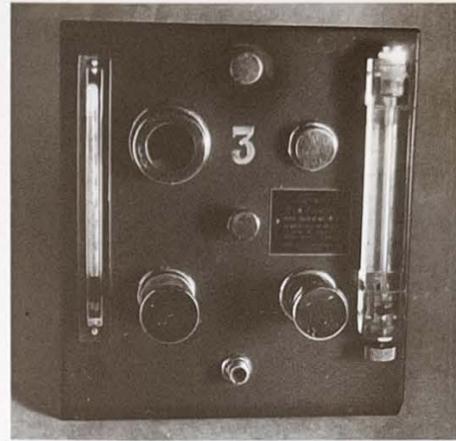








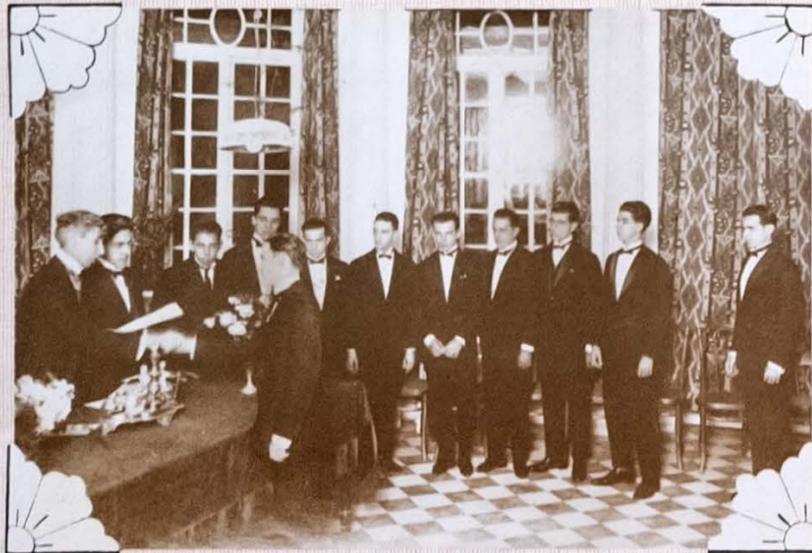








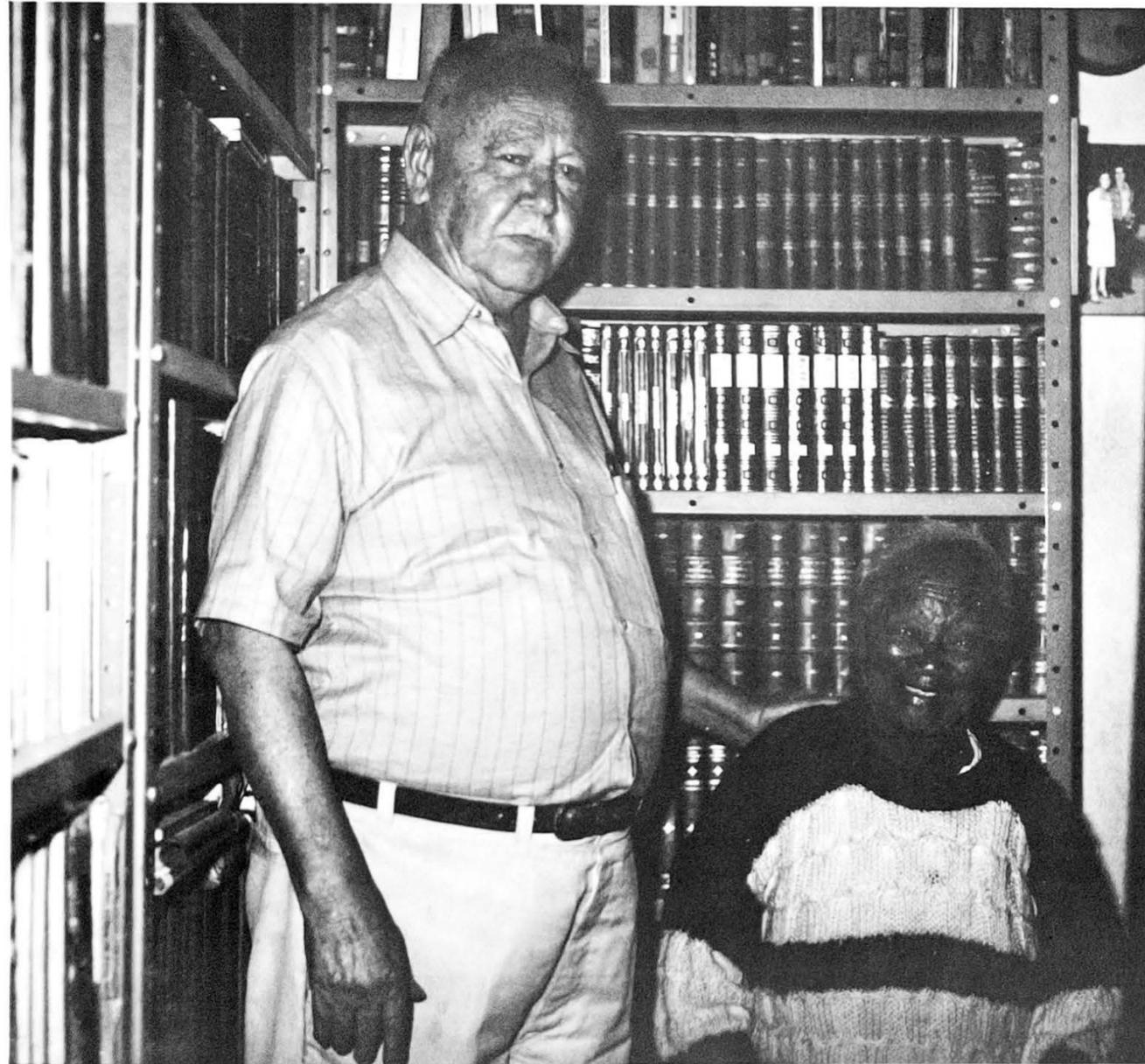
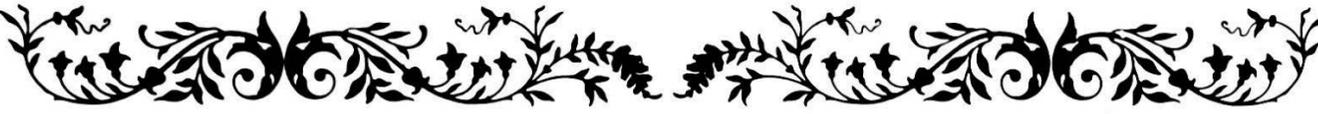




A' mãe,

offereço, no dia que recordo o meu  
e o meu casamento, esta lembrança  
co do meu desterro. Como vejo,  
estes dias dolorosos me fizeram mais  
mais brancos o cabello. Mas, não tem  
deus, pela minha expressão propriamente  
que a pena que me impuzeram trouxe  
vivamente até me abateu o animo.  
Pô multel-o sempre o nome, firme a  
involuntavel, basta-me ter a cer-  
teza de que aquella, que me amou,  
hoje na minha vida, me  
almeja com equal ternura na hora  
do soffrimento immenso. <sup>ODOS</sup> <sup>de</sup> <sup>este</sup> <sup>esta</sup>  
offerta que vale no fundo do espirito  
do filio que a isolata. Theodomiro.  
L. F. - 2/1/53





José Armelino e Maria do Carmo



Revisita:

A pedra e a fonte são as fundações da cidade,  
de amplos mergulhos sem volta.  
A casa que assenta o homem ao chão  
deve receber a generosa graça da água,  
garantia do existir e  
mãe da permanência da aventura humana,  
tão dispar no correr de séculos e distâncias  
e tão semelhante na face vista  
no espelho da convivência e do habitar conjunto  
que a cidade, ao sabor do seu xadrez, dispõe.

Nos meandros da cidade que vai sendo esculpida  
— e logo após sistematicamente destruída —  
em seus edifícios, marcos e registros  
esconde-se outra cidade infensa às leis,  
urbe não-prevista,  
onda resistente que se nega  
às interdições e confrontos do fórum dos poderes.  
As relações que se estabelecem,  
pauladas por precisas significações,  
em átimos de tempo conhecem  
outras ágeis possibilidades,  
anulações, distorções, reproduções.  
Como as cascas de velhos muros  
onde se lêem histórias nunca ali escritas,  
fontes de surpresas que jorram  
e são colhidas por sensíveis sentidos.

O que não se entrevê é quase sempre mais real.  
O jogo às vezes bizarro das geometrias e formatos  
se altera ao gosto de épocas ou arbítrios eventuais.  
Permanecem as moradias provisórias,  
os cânticos e parlandas criados ao abrigo de vivências  
em largas esquinas,  
a vida inventada todo dia,  
os olhares que expressam o entendimento mudo  
do espaço dos que não o possuem.  
O imprevisível esprieta,  
e ninguém será capaz de prever  
se de uma casa qualquer onde vive alguém  
sairá aquele que irá anunciar a aurora da nossa redenção  
ou abrir as portas às trevas.

E assim vai a cidade, como a vida,  
mencando a rubra cauda de serpente  
e nordeando destinos.  
Que mágicos fios teceram o encontro de Armelino,  
conhecedor dos registros da cidade e da sua gente,  
com Maria do Carmo,  
há cento e vinte anos rindo-se dos mandos  
e desmandos do mundo  
porque nada almeja além do existir?  
Que desígnios reuniram o lhano guardião da História  
e a sua mais pura revivência?

Ocultas nas pedras das ruas,  
as variáveis da equação urbana brincam de trocar de lugar  
e surpreendem os que intentam fixar seus valores  
e tomar eterno e efêmero.  
E nem toda a arrogância da técnica  
será bastante para devolver a cidade e aos seus homens  
o silêncio que frutifica o pensamento;  
o espaço, opressivamente ocupado;  
a água pura e limpa como a pedra após a chuva;  
o brilho do sol;  
o encontro das almas despidas de seus papéis,  
apenas livres abertas.  
A cidade, traída pelos seus mais diletos filhos,  
sente nas falácias de avanços e progressos  
o aço que vai dilacerar a sua carne  
com contínua degradação.

De tudo o que houve, resta apenas a lembrança,  
guardadas nas vozes dos que ali estavam e nos registros.  
É na memória de todos os homens.  
E nas límpidas conjeturas das crianças.  
Revisita: ainda é possível voltar ao futuro.



Ver fotografias é como olhar a vida do lado de fora.  
E ao contemplar imagens planas, estáticas, nos  
Redimimos um pouco de nossa apreensão  
Quanto à temporalidade de tudo e de todos.  
Na verdade, praticamos um ato de rever o futuro  
Às avessas.

Quanto às palavras, há sempre muito mais para ser escrito.  
Um poema é apenas um poema, para tanta coisa ainda a ser vivida,  
E nossa visão é toda lenta, e infinita a medida de nosso sonho  
De guardar em palavras toda a vida.

Estamos passando pelo interior de Minas,  
Conhecido por seus dias porosos,  
Pelas sensações abismadas de suas montanhas,  
Pela gravidez preguiçosamente esasmódica de suas vertentes,  
Pela vertigem oblíqua de seus horizontes.

Nossa História não é uma odisséia.  
Fala de manhãs frias, um rio, igrejinha de taipa, gente de arraial,  
De um padre decidido, destramelado e sesmeiro,  
Que para alívio da própria angústia quis mudar um povoado de  
Lugar.  
Pontificando em perigosíssimo pecado de auto-satisfação,  
Aventurou-se, impávido, entre lamentos e raivas,  
Como se Deus tivesse compaixão maior pelos sanguíneos...  
Tínhamos latitude, longitude, e, sobretudo, solidude;  
E nossa geografia não era uma iluminura.  
Não teríamos ouro, Sés, ouvidores.

Inútil também evocar brasões e flâmulas, rompantes e blaus:  
Não teríamos nada que se prestasse, dignamente, à corrosão.

O rio, sinuosa animação da fonte, origem,  
Também se faria metáfora  
Das lágrimas vertidas por infantes submersos,  
Num batismo às avessas.  
A pedra, permanência,  
Podéria tornar-se também o abrupto limite à nossa viagem.  
A terra, berço,  
Quando a trabalhávamos, revolvíamos esperanças ou gusanos?

Quem prestaria atenção aos cães e gatos da cidade?  
No entanto,  
Os primeiros cumprem sua transcendental função  
De nos ensinar a falar sozinhos  
E de nos preparar para a morte.  
E os gatos, que nos mostram que a noite  
Não é a negação do dia...  
Quem negaria,  
Que atrás dos vincos e dos brilhos dos uniformes dos colegiais  
Não se ocultasse sua trôpega impenitência?  
E nossos corifeus, seriam eles deuses,  
E não suariam nas mãos ao reger o coro?

Mas o homem é sua história,  
Que pode conter infinita grandeza,  
E não apenas a sua circustância.  
Porque acima do continente  
De grandiosidade que se estiola,  
Existe o limbo do quase permanente.  
E nesse limbo,  
Menos valem as vicissitudes do empreendimento  
Do que as virtudes do despreendimento.

E virtude  
É doar grinaldas à Santa Casa  
É ter flor no sobrenome,  
É chamar meninas tristes para o regaço da Santa.  
É antecipar, por pura gratidão, a perenidade,  
Demonstrada na homenagem da estátua,  
Para que o filho, tão ilustre,  
Ao ver da janela o próprio busto,  
Fosse se acostumando ao eterno.

Por estas pequenas - e desatinadas-coisas,  
Pratiquemos a paz, o pouso,  
E guardemos, todos, os rumos de voltar à casa antiga.

Quanto à permanência,  
A cidade não a cobra de nenhum de seus filhos.  
Porque sabe que somos todos viajantes.  
Talvez, eternos viajantes.

Os Autores

**Criação, design e editoração geral**

Reunião Assessoria Editorial  
Cláudio J. B. Vander Velden  
Francisco J. Villela Pinto

**Pesquisa**

Gildes Bezerra  
Miguel Ângelo Moreira  
Edson Inácio Ribeiro  
Miguel Lucindo Dias

**Fotografia - Reproduções**

Luiz Eduardo Borges da Silva  
Antônio Eduardo Molina Mandell

**Diagramação**

José Ribamar de Castro

**Coordenação Gráfica**

Reynaldo Nogueira Bueno

**Arte-finalização**

Ronaldo T. de Souza

**Scanner - negativos**

João Boccia Jr.

**Composição**

Vânia Pereira de Souza  
Jefferson Ribeiro Gavazzi

**Fotomecânica manual**

José Tadeu da Silva  
Cassio Roberto Cardoso

**Montagem**

Vinicius Garcia

**Embalagem**

Rodolfo Rezende

**Contato**

Cláudio Gonçalves Fernandes

**Colaboração**

Remy de Andrade

Tércio Capello

Angelina Maria Rennó Salomon de Faria

Edil Galvão

João Luiz Gonçalves Filho

José Armelino Bernardo Guimarães

Gaspar Lisboa

Antônio Machado Jr.

Antônio Rezek Mohallem

Gabriel Moraes

Família de Antonio Rodrigues d'Oliveira

Arthur Oscar de Paiva

Irmã Ernestina Remuzat Rennó

José Augusto da Silva

Roberto Sinischalchi

Benedito Valério

Laura Maria Barbosa Vander Velden

Vavá Boucherville (*in memoriam*)

Editado por Reunião Assessoria Editorial  
na primavera de 1991.  
Composto em English Times e Zapf Chancery  
por Leitura.  
Impresso em off-set  
em papel couché Suzano 180 g/m<sup>2</sup>  
por Papigraf.  
Embalado por Pavlon.

